

Reforma Cambial Aumenta a Fome do Povo: Preços já Estão Subindo

AMG R&R

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA A GUANABARA

ANO III Rio de Janeiro, semana de 24 a 30 de março de 1961 Nº 107

Director Executivo — Orlando Bomfim Jr. Director — Mário Alves Redator-Chefe — Fragman Borges

GASOLINA de Cr\$ 17,70 e Cr\$ 24,40 o litro, quando de Cr\$ 16,63, pão de Cr\$ 36,00 o quilo, macarrão de Cr\$ 57,70 e farinha de Cr\$ 38,10 — eis os primeiros resultados, para o povo, da reforma cambial feita pelos srs. Jânio Quadros e Clemente Mariani, em obediência às ordens do Fundo Monetário Internacional.

EM sua Mensagem ao Congresso e no discurso em que anunciou a elevação do custo de câmbio para 200 cruzeiros, o sr. Quadros afirmou que os sacrifícios seriam distribuídos entre todos e que o custo da vida sofreria um aumento insignificante. A realidade, porém, começa a mostrar que tudo isso não passa de um engodo. Os banqueiros norte-americanos e os tubarões da Associação Comercial aplaudem as medidas do

governo porque sabem que os seus lucros vão aumentar. E para eles que foi feita a reforma cambial. Os trabalhadores, porém, que vivem de salários que já são de fome, começam a sentir na própria carne os efeitos da política do FMI: os preços estão subindo e em proporções astronômicas. A gasolina foi aumentada em 15 por cento, a farinha em 47,64 por cento e o pão em 40 por cento. O macarrão branco comum passou de Cr\$ 33,00 para 57,70 o quilo!

ENQUANTO isso acontece — e outros aumentos de preços virão imediatamente — o governo ameaça congelar os salários e o seu ministro do Trabalho, falando aos operários de São Paulo e do Rio Grande do Sul, faz apelo para que os

trabalhadores não recorem às greves e cruzem os braços diante da miséria e da fome. Eis o que quer o governo com esta política: abrir ainda mais as portas do país à exploração dos trustes norte-americanos, tornar os ricos mais ricos e fazer com que os pobres fiquem ainda mais pobres.

MAS os trabalhadores, os funcionários públicos e as massas populares não se deixarão enganar, quando vêem que é sobre os seus ombros que recaem os efeitos da ruinosa orientação adotada pelo governo. Eles não cruzarão os braços, como pedem Jânio e Castro Neves, mas lutarão com energia contra a política de fome e submissão que os banqueiros lanques estão ditando ao atual governo do Brasil.

Os Comunistas e o Governo do sr. Jânio Quadros



CHAMAMOS a atenção dos nossos leitores para o artigo de Luiz Carlos Prestes — «As eleições presidenciais, o governo de Jânio Quadros e a situação política atual» — que publicamos nesta edição (2ª cad.).

ESTE importante trabalho e líder dos comunistas brasileiros analisa o pleito presidencial de 1960, indicando as tendências nele refletidas, define a posição do PCB em face do governo atual e traça a orientação que deve ser seguida pelos comunistas e todos os demais patriotas na luta pela conquista de um governo nacionalista e democrático para o nosso país.

LIBRARY DIVISION
MAY 14 1961
PLEASE RETURN

LUIZ CARLOS PRESTES

Reforma Cambial de Jânio Abre as Portas do Brasil Aos Capitais Estrangeiros

TEXTO NA 3ª PAGINA



Brasil reata com Bulgária Romênia e Hungria

A TRAVES de nota oficial do Itamarati, foi divulgado o restabelecimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a Hungria e a Romênia e do estabelecimento de relações do mesmo tipo com a Bulgária. Corresponde, sem dúvida, a uma vitória de nosso povo, que há muito vem lutando por esses objetivos. Outras medidas são exigidas pelo povo brasileiro, como o restabelecimento de nossas relações com a União Soviética, o reconhecimento da China Popular, e uma posição realmente independente frente aos graves problemas mundiais, e não caudatária da dos Estados Unidos.

Reforma Cambial e Carestia de Vida

Artigo de ORESTES TIMBRAVA na 6ª página

Dia 27: promulgação da Constituição da Guanabara

Texto na 6ª página

Prestes vai falar em Niterói

ENCERRANDO o programa de comemorações do 39º aniversário de existência do Partido Comunista do Brasil, Luiz Carlos Prestes pronunciará, no próximo dia 27, às 18 horas, no Teatro Municipal de Niterói, importante conferência sobre o significado da reunião realizada em Moscou dos representantes de 81 partidos comunistas e operários. A conferência de Prestes tem o patrocínio de NOVOS RUMOS.

39º aniversário do Partido Comunista do Brasil

TRINTA e nove anos de existência completa o Partido Comunista do Brasil no próximo dia 25. São praticamente quatro décadas de luta abnegada. Comemorando o acontecimento, haverá no próximo dia 28 uma conferência de Luiz Carlos Prestes no auditório da ABL (9º andar). A presente edição de NOVOS RUMOS é dedicada ao 39º aniversário do PCB. Em nossas páginas 2ª, 3ª e 8ª do primeiro caderno publicamos diversas matérias referentes à data e à luta que hoje trava no país pela volta do Partido Comunista do Brasil à plena legalidade. Na foto ao lado a página de rosto de um dos números da revista Movimento Comunista, primeiro órgão de divulgação do Partido Comunista do Brasil.



Presente de Aniversário

ORLANDO BOMFIM JR.

A RESOLUÇÃO política dos comunistas causou massa. E assim a vida. Enquanto os inimigos falam em «extinção», o PCB cresce, se fortalece, torna-se mais atuante e prestigiado. É uma nota permanente na história política do país, de 1922 para cá. É o partido mais antigo. Onde estão os outros que existiam naquela época? Só ele sobreviveu. E atravessou períodos duríssimos, tornando-se muitas vezes o heroísmo uma condição da sua atividade. Nada o destruiu. Foram inúteis as prisões, torturas e assassinatos. Completa amanhã 39 anos. Com emoção nos lembramos daquele punhado de patriotas que, tendo Astrojildo Pereira à frente, iniciaram a caminhada. Eram poucos, reuniram-se escondidos, mas sabiam que realizavam obra impercível e que seria certa a vitória de sua causa. Hoje, essa certeza se apoderou de multidões. E podemos lutar com êxito para que o 40º aniversário seja festejado à luz do dia, nas praças públicas, em plena legalidade.

OS COMENTÁRIOS do «O Estado de São Paulo» revelam bem como repercutiu a tomada de posição dos comunistas frente ao governo Jânio Quadros. No fundo, o carcomido órgão da oligarquia paulista e dos monopólios norte-americanos se decepcionou. Esperava que os comunistas se deixassem ludibriar ou confundir pela política do governo. Seria um passo para a desmoralização e o fracasso. Mas isso não aconteceu.

ANTES mesmo de iniciada a reforma cambial, os comunistas, aprofundando a análise do resultado das eleições, da composição do ministério janiista e das primeiras manifestações presidenciais, chegavam à caracterização do governo e denunciavam sua essência reacionária e antiprogressista. Poucos dias decorridos, aí estão os fatos. O preço da gasolina subiu de 75 por cento. O pão saltou de 8 cruzeiros para 11,30. O macarrão pulou de 33 cruzeiros para 57,70. E isso é apenas o começo.

NÃO há dúvida de que o pior virá. Veja-se a pregação do ministro do Trabalho, sr. Castro Neves. Rejubila-se com os negociatas comunicando-lhes que a partir de 1º de maio os preços estarão inteiramente

livres. Podem agir à vontade. Ao mesmo tempo, fecha a carrança para os trabalhadores e insinua que devem fazer o papel de bonzinhos, apertando o cinto, não indo à greve, ou no máximo realizando greves simbólicas, de minutos apenas... De seu lado, o sr. Jânio Quadros ultrapassa os economistas burgueses mais tergiversadores e lança uma nova teoria, a de que o salário real aumentará permanecendo o mesmo o salário nominal e elevando-se os preços! Atrás de tudo — vê-se claro — está a política de «estabilização» do FMI. É a estabilização do cruzeiro desvalorizado, dos preços altos, dos salários baixos. Estabilização da miséria.

MAS, o que as amplas massas desejam é exatamente o contrário. Não se conformam com a situação que aí está. Querem mudanças radicais, na situação, para melhor. E a política econômica-financeira do governo se orienta no sentido de piorar mais ainda o que já é insuportável. A essa política se opõem os comunistas e saberão lançar suas forças na mobilização do povo para contra ela lutar.

OS COMUNISTAS não se limitam, porém, a ver um aspecto apenas da realidade. Sua luta política procura atender o conjunto dos problemas nacionais. E porque partem de posições de princípio — nunca de interesses de pessoas ou de grupos — têm sempre em vista os objetivos atuais que nosso povo deve atingir para a conquista de sua emancipação, do progresso e do bem-estar. Não se perturbam, por isso, se esse mesmo governo do sr. Jânio Quadros, em essência retrógrado e antinacional, encaminha medidas coincidentes com as defendidas pelas forças patrióticas. Sabem empenhar-se com vigor, por exemplo, tanto na luta contra a reforma cambial do FMI, que o governo põe em execução, como na luta contra a intervenção norte-americana em Cuba, que o governo diz condenar. Não agem os comunistas em função do sr. Jânio Quadros, mas em função dos interesses de nosso povo. Talvez surja daí a decepção do «O Estado de São Paulo». Ótimo. Ficamos imensamente alegres. Chega a ser quase um presente de aniversário.

39 Anos de Existência: Partido Comunista Deve Voltar à Plena Legalidade

Mensagem de Jânio: Parar o Desenvolvimento e Aumentar a Fome do Povo

Estancar o desenvolvimento econômico, lançar sobre os ombros do povo o peso das dificuldades econômicas, abrir as portas do país ao capital estrangeiro, não tocar na estrutura agrária, inibir a iniciativa privada (monopólios estrangeiros) em setores como a energia elétrica, congelar os salários dos trabalhadores e manter o Brasil preso aos compromissos com o chamado "mundo livre" e o "pan-americanismo" — estes são alguns dos pontos mais importantes constantes da Mensagem enviada pelo sr. Jânio Quadros ao Congresso Nacional, traçando as linhas da política que pretende realizar. Como se vê, todo o oposto dos compromissos que assumiu durante a campanha eleitoral.

Como em tudo o que tem sido feito pelo atual governo, também a sua Mensagem se caracteriza por uma evidente improvisação. A análise da situação nacional é desordenada e não são apresentados, nem mesmo sugeridos, planos concretos para os problemas centrais do país.

Não é tampouco por acaso que a Mensagem apresenta essa característica de improvisação. Isso reflete exatamente o que é e o que pretende ser o governo do sr. Jânio Quadros: governo sem planificação que em nome do antiestatismo quer facilitar ainda mais a penetração dos monopólios imperialistas em nossa economia, em sacrifício dos interesses nacionais e das grandes massas trabalhadoras e populares.

Uma análise deformada

A análise da situação nacional feita pelo sr. Jânio Quadros em sua Mensagem é uma completa deformação da realidade. Aponta o documento uma série de desequilíbrios em nossa economia, mas não indica, nem superficialmente, os principais fatores responsáveis por esses desequilíbrios: a ação dos monopólios imperialistas em nosso país, as relações de troca cada vez mais desfavoráveis ao Brasil, a atuação do latifúndio e do monopólio da terra, as crescentes facilidades concedidas ao capital estrangeiro e os lucros fabulosos que obtêm e exportam sem nenhuma limitação e, enfim, a subordinação de nossa política aos interesses e exigências do Fundo Monetário Internacional e do governo dos Estados Unidos.

Em vez de analisar seriamente as causas que de fato determinam as dificuldades em que se debate o Brasil, o sr. Jânio Quadros se perde proposadamente em problemas derivados e em uma terminologia cabalística, muito própria aos que fogem da realidade.

Estancar o desenvolvimento

Se falta clareza na análise das causas principais dos vários «desequilíbrios» apontados, o sr. Jânio Quadros é, no entanto, bastante claro quando se trata de fixar as diretrizes reacionárias do seu governo. E sem subterfúgios, por exemplo, que ele afirma a sua orientação contrária ao desenvolvimento econômico do país. Limitando-se apenas a criticar a política inflacionária do sr. Kubitschek e não procurando, por outro lado, encontrar as soluções verdadeiras, que as forças nacionalistas têm apresentado, diz o sr. Quadros abertamente: «No ponto crítico atingido pelo processo inflacionário será árdua a tarefa de obter a estabilização monetária sem afetar o ritmo de crescimento de nossa economia». E não são palavras ao vento: aí está, comprovando que o governo está mesmo disposto a levar à prática essa diretriz, a reforma cambial iniciada com a Instrução n.º 204 da SUMOC. Dando ênfase, unilateralmente, à necessidade do incremento das exportações, o que faz o sr. Jânio Quadros, na realidade, é cumprir as determinações fixadas pelo Fundo Monetário Internacional, que têm por finalidade manter os países subdesenvolvidos como eternos fornecedores de gêneros alimentícios e matérias-primas (café, açúcar, minérios, etc) sem estimular o crescimento de sua indústria em bases independentes. Se fala tanto em relações com os países socialistas, por que o sr. Jânio Quadros considera como uma fatalidade ter de parar o desenvolvimento econômico devido à escassez de dólares? Por que não se volta corajosamente para os no-

vos mercados, não somente propondo-lhes vender café, mas revendo em profundidade a nossa política exterior de modo a que a enorme potência econômica e técnica dos países socialistas seja aproveitada — como as condições possibilitam, amplamente — para impulsionar a nossa industrialização? Isso pode e deve ser feito, como indica o exemplo de Cuba.

Facilitar os monopólios

Há uma preocupação básica do sr. Quadros ao longo de toda a sua Mensagem: definir-se a favor da «iniciativa privada». Essa defesa da chamada «livre iniciativa» se faz inclusive em relação a setores onde predomina o monopólio em proporções esmagadoras. É o caso da energia elétrica, setor dominado em nosso país pelos trustes «Bond and Share» e «Light». Diz, por exemplo, o sr. Quadros: «É indispensável a formulação de uma política clara e objetiva, que incentive as empresas privadas, e lhes garanta o acesso às fontes normais de financiamento do País e do estrangeiro». Quer dizer: quando os patriotas lutam para libertar-nos do saque a que nos submetem aqueles dois trustes e exigem do governo e do Congresso a aprovação do projeto da Eletrobrás, o sr. Quadros defende uma política de «incentivo das empresas privadas» e, como se fosse pouco, promete criar facilidades ainda maiores ao acesso desses monopólios às «fontes de financiamento» inclusive no estrangeiro, sobrecarregando, portanto, o nosso balanço de pagamentos.

Em outras passagens de sua Mensagem, o presidente da República faz claras referências às supostas vantagens dos investimentos estrangeiros em nosso país, acentuando as garantias que a legislação concede às empresas privadas e estrangeiras, mencionando apenas de passagem — para descalçar as botas — a necessidade de disciplinar as remessas de lucros. Mas a própria maneira como se refere às «garantias» concedidas pelas leis atuais indica que não é seu propósito alterar coisa alguma nesse terreno.

E a reforma agrária?

Um dos temas preferidos pelo sr. Jânio Quadros em sua campanha eleitoral foi a reforma agrária. Não havia quase comício em que o candidato da UDN deixasse de atacar o problema, prometendo adotar medidas radicais contra o latifúndio e os restos feudais na agricultura. Não demorou muito em esquecer as promessas, como se vê pela sua Mensagem. Agora, o sr. Jânio Quadros nem de longe fala em dar a terra aos camponeses, em adotar medidas para ajudar os pequenos e médios proprietários: assistência técnica, crédito barato e a longo prazo, etc. Tudo se reduz, hoje, a apressar a «adoção de formas mais capitalistas de produção». Em outras palavras: o que pretende o sr. Jânio Quadros não é acabar com o latifúndio, não é dar a terra a quem a trabalha, e sim manter os latifúndios, tornando-os capitalistas.

O povo é quem paga

Onde o sr. Jânio Quadros fala mais claro é precisamente nos trechos em que se detém em dizer quem vai pagar pelos efeitos de sua política reacionária e antidesenvolvimentista. Criticando, por exemplo, o curso inflacionário imprimido à nossa economia pelo sr. Kubitschek, declara o atual presidente da República que o que se deve fazer é «pedir diretamente ao povo os recursos e eventuais sacrifícios necessários». Mas de onde o nosso povo vai extrair mais recursos e que sacrifícios pode mais fazer? E por que pedir mais sacrifícios às massas já tão duramente sacrificadas pela carestia da vida quando os monopólios norte-americanos e alguns milionários brasileiros nadam em ouro? Por que não tomar medidas sérias, e não simplesmente demagógicas, a fim de limitar as remessas de lucros e impor impostos mais elevados a quem tem recursos demais? Isso define nitidamente a orientação antipopular do governo do sr. Quadros.

Mais nítida parece essa definição quando, em outra passagem da Mensagem, abordando o problema salarial, o atual chefe do

governo ameaça com o congelamento de salários, sob o pretexto de que aumentar a renda dos operários e empregados é incrementar o processo inflacionário! Mas — perguntam os trabalhadores — por que combater a inflação reduzindo os salários em lugar de reduzir os lucros extraordinários dos que enriquecem pagando salários de fome?

Compromissos ocidentais.

Na parte relativa à política exterior, o sr. Jânio Quadros, embora assumia atitudes positivas, faz questão, por outro lado, de reafirmar que os nossos compromissos são com a «ideologia ocidental». Em primeiro lugar, não sabemos da existência dessa ideologia. E depois, o povo brasileiro não pode aceitar, com uma fatalidade, compromissos com o chamado «mundo livre», isto é, com o imperialismo. Somos partidários da paz e da independência dos povos, somos amigos e defensores de Cuba — que, por sinal, está no ocidente — e não aceitamos que nenhum governo nos amarre ao campo das potências que preparam a guerra e não respeitam a autodeterminação dos povos.

A Reforma é Uma Dádiva ao Capital Estrangeiro

Um dos aspectos mais graves da reforma cambial praticada agora pelo governo é o reforço que ela acarreta à ação do capital monopolista estrangeiro no país. Já nos comentários que a imprensa e outros porta-vozes do imperialismo dedicaram ao assunto tal fato ficou claramente evidenciado. Em Nova Iorque, Londres e outras capitais imperialistas, bem como nos círculos do entreguismo indígena, não se faz segredo algum da euforia com que os famosos «meios de negócios» recebem a reforma de Jânio, vendo através dela novas e mais fartas perspectivas para retirar lucros do trabalho de nosso povo.

Ficou inclusive evidente, pelo noticiário de imprensa, que a reforma foi combinada com grande antecedência com representantes imperialistas norte-americanos. Em dezembro, o «Estado de São Paulo» já revelava a existência de um entendimento entre o sr. Jânio e uma missão do Eximbank que viera ao Brasil em fins de outubro; esse entendimento, ao qual os comentários econômicos daquele jornal fizeram diversas referências nos últimos meses, versava sobre uma «ajuda» de um bilhão de dólares dos Estados Unidos ao Brasil, em troca da reforma. A mesma cifra é agora anunciada, como englobando o total de capitais, particulares e oficiais cuja vinda ao Brasil seria negociada pela missão Walter Moreira Sales, mandada aos Estados Unidos tão logo o sr. Jânio Quadros cumpriria a sua parte no acordo com o Eximbank, pondo em prática a reforma cambial.

Se alguma dúvida ainda houvesse sobre a vinculação entre essa reforma janiista e os interesses do imperialismo, a nota do FMI, descobrindo as «consultas» prévias mantidas entre ele e o governo brasileiro, para a decretação da reforma, e «cantando» as próximas medidas governamentais que completarão a reforma há tanto tempo reclamada por ele, teria liquidado a questão. E mesmo os efeitos imediatamente previsíveis dessa «reforma parcial» já executada — a Instrução 204 da SUMOC — tornam patente o propósito do governo de entregar o comando da economia do país ao capital estrangeiro.

A Instrução da SUMOC, com efeito, leva as importações de equipamentos e matérias-primas industriais para o «câmbio livre», ao mesmo tempo em que força uma alta do preço do dólar nesse mercado de câmbio. De imediato, essa desvalorização de nossa moeda já se verificou, passando o cruzeiro, em dois dias, da casa dos 220 para a dos 260 por dólar; e o próprio governo reconhece que essa queda do cruzeiro vai continuar



CUBA: DOIS ANOS DE REVOLUÇÃO

No 9.º andar da Associação Brasileira de Imprensa, instalou-se na última segunda-feira uma exposição de fotografias e gráficos (foto) a propósito das realizações levadas à prática pelo governo de Fidel Castro em dois anos de re-

volução vitoriosa. A Exposição é uma iniciativa da Embaixada cubana em nosso país e à solenidade de sua inauguração estiveram presentes, além de funcionários da Embaixada de Cuba, n u m e r o s a s personalidades

do mundo político e cultural, líderes sindicais e estudantis, jornalistas, etc. A Exposição vem sendo bastante concorrida e permanecerá na ABI durante vários dias.

Dessa forma, o capitalista nacional vai encontrar dificuldades muito maiores para equipar suas fábricas e adquirir matérias-primas no estrangeiro. Ele comprava dólares a cerca de Cr\$ 200,00 nos leilões oficiais, e agora terá que concorrer com os remetentes de lucros e os contrabandistas, no «câmbio livre», pagando muito mais. Além disso, a SUMOC aumenta o seu encargo financeiro, obrigando-o a depositar no Banco do Brasil, por um prazo de cinco meses, uma quantia equivalente ao valor das divisas compradas por ele. Fica assim obrigado a imobilizar o dobro do capital necessário às suas importações, o que representa um novo e sensível encarecimento destas.

Desde logo, é evidente que este regime implantado pela SUMOC beneficia as empresas estrangeiras, porque beneficia as grandes empresas, onde predomina o capital estrangeiro; só as grandes empresas têm recursos para atender, sem prejuízo para suas atividades, a esses empréstimos compulsórios ao Banco do Brasil e a esse encarecimento das importações.

Maior benefício ainda resulta para o capital estrangeiro importado através da Instrução 113. Tanto mais caras e difíceis ficam para os capitalistas nacionais as importações de equipamentos, mais sofrem eles pressão no sentido de se associarem com empresas estrangeiras, que podem trazer

equipamentos sem quaisquer restrições ou obrigações para com a SUMOC ou o Banco do Brasil.

Este fato é tão gritante que o Departamento Econômico da Federação das Indústrias de São Paulo já saiu a público com um pronunciamento enérgico sobre o assunto, ressaltando a urgência de «uma reforma necessária e imediata da questão da regulamentação dos investimentos estrangeiros sem cobertura cambial», em consequência da nova instrução da SUMOC. afirmou o diretor daquele Departamento, sr. Sérgio Ugo Liní, em seu discurso (publicado no «Estado de São Paulo») diante da diretoria da FIESP:

«Se até hoje nos temos batido por uma reforma nesse setor — porque o investidor estrangeiro, beneficiado pela Instrução 113, se coloca em condições de vantagem sobre o investidor nacional — a verdade é que, pela Instrução 204, essas vantagens se acumulam tremendamente. (...) Achamos, pois, imperioso que, em conjunto com essa Instrução, deva haver uma regulamentação quanto aos investimentos dos capitais estrangeiros».

Assim, mesmo por seus efeitos isolados, a reforma aplicada pelo governo representa novos privilégios para o capital estrangeiro. Seus efeitos nesse sentido são muito maiores, entretanto, se a encaramos no conjunto de medidas «complementadoras» que devem acompanhá-la, segundo já anun-

ciaram o governo e o próprio FMI. Essas medidas virão completar a «liberação» de nossa economia, segundo a receita clássica dos monopólios, aplicada na Argentina, no Chile e em outros países. Isso significa a completa extinção dos controles do Estado sobre o mercado de câmbio, e a consequente passagem desses controles para os monopólios estrangeiros que operam nesse mercado; significa o «desenvolvimento baseado na ajuda estrangeira e na livre iniciativa», ou seja, a liquidação das empresas estatais — quando não a venda dessas empresas aos imperialistas, como vem sendo feito na Argentina — e maiores e crescentes concessões ao capital estrangeiro. São esses os «próximos passos» anunciados pelo FMI e confirmados pelo sr. Clemente Riani.

Estado do Rio: camponeses vão reunir-se no dia 4

Segundo fomos informados, a reunião do Conselho da Federação das Associações Camponesas do Estado do Rio, marcada para o próximo dia 31, acaba de ser transferida, por motivos de força maior, para o dia 4 de abril.

Fora de Rumo

Melido num estalado da Índia, ora ligando a luz verde da entrada de seu gabinete, para dar acesso a três auxiliares de extrema confiança, ora acendendo a luz vermelha, que fecha o sinal a qualquer intromissão, o sr. Jânio Quadros toma a iniciativa e começa a governar. Que resultados alcançou até agora?

Causou alarido nos partidos a inflação de bilhetinhos, escritos sob o controle do sistema de sinais luminosos. Acampado em Brasília, entregues os seus homens a propagações de pendorismo na vastidão das superquadras, o Congresso foi passado para trás: Quase que não há mais discursos para ler. Decresceu a elaboração e discussão de leis. A Presidência monopolizou a publicidade.

Agora, porém, nova legislação se inicia. Articulam-se os partidos, de olho nos perigos do candidato presidencial. Também se atiram os udenistas, que ajudaram o sr. Quadros a subir e que hoje

estão fora do poder, sem ser ouvidos nem cheirados.

A caprichosa movimentação de interruptores do gabinete do sr. Quadros não o desliga totalmente do Congresso. Há sempre um sinal aberto no Alvorada para congressistas que são hoje menos nomes de partido que colaboradores da confiança do presidente. Ao mesmo tempo não tendo conquistado o título de cortejo da República, ficou até agora o sr. Paulo Porto Lima sem exercer de fato a liderança do bloco parlamentar situacionista.

Nesse ambiente, confiante nas próprias forças, decidiu o sr. Jânio Quadros a realizar sua mais dura incumbência: a de mudar o curso da História, com seus recursos de herói fabuloso, através da realização da política do Fundo Monetário Internacional. Erguem-se desse modo a bandeira da austeridade, a fim de se honrarem os compromissos externos. Mais dinheiro para os credores de divisas suspensíssimas. Mais aperturas pa-

ra o povo. O oposto do que desejavam os que elegeram o sr. Quadros. O contrário do que prometia o sr. Quadros nos cartazes eleitorais, quando teria o ponto mais franco da política do sr. Kubitschek, a austeridade e quando prometia acabar, a golpes de mão de vas-salva, com a alta constante dos preços.

Entre outros, a realidade, sob a desorientação do sr. Quadros, revelou a profundidade da política do Fundo Monetário. São desorientados os e desorientadas que se aliam, atirando antigos eleitores do sr. Quadros e cupulas partidárias. Abre-se novo capítulo na história maravilhosa do governo Quadros. Chamam-se possibilidades para a passagem da iniciativa das mãos do herói vitorioso em outubro para os pés das forças democráticas, representadas nos partidos e nas organizações populares. Essas possibilidades, podem ser transformadas em vitória da política nacionalista e democrática e em defesa do poder constitucional, desde que se trabalhe.

Brasil Ficarà Mais Pobre Com a Reforma Cambial

Dicionário

Declínio do Sistema Feudal

Poderia, certamente, haver agora alguma confusão quando os propósitos do atual governo ao realizar a reforma cambial, não fôra a atitude do Fundo Monetário Internacional. Com efeito, antes mesmo de ter sido oficialmente divulgada no Brasil a famigerada Instrução 204 do SUMOC, e já em Washington era tornada pública uma nota oficial do FMI esclarecendo que 1) o governo brasileiro realizara consultas prévias sobre o passo que estava disposto a dar e 2) que a FMI aprovava tal decisão. Em face de tão clara definição de posições, passo para segundo plano a especulação acerca dos motivos que levaram o Fundo a uma atitude que provavelmente contraria os propósitos de escamoteio da opinião pública que caracterizam a governança do sr. Jânio Quadros, se por uma questão de reafirmação — ainda que brutal e indiscutivelmente inabil — do prestígio do FMI junto aos demais países, ou se para tornar públicas os compromissos de um governo, como o atual, que recorre a diferentes artifícios aparentemente desconcertantes.

De toda maneira, que a nota do FMI causou embaraço ao governo, prova-o a ênfase posta pelo ministro Clemente Mariani, na imprensa e na televisão, tentando inutilmente convencer que a reforma cambial e «brasileira» e que «as notícias divulgadas nesse sentido parecem ter sido fundamentadas numa interpretação errônea».

O nó da questão

De fato, tem pleno fundamento a sobressalta do ministro Mariani. A presença do FMI, em face dos precedentes amplamente conhecidos pelo povo brasileiro, e um claro indicio de que a nova política de câmbio, ao contrário do que afirma o ministro, não visa unicamente os interesses da economia brasileira. Porque se assim fosse, não poderia atender aos interesses das grandes potências imperialistas, antes de todos os Estados Unidos, dos quais o FMI é uma criatura e um instrumento. Exatamente porque não é uma política brasileira, é que recebeu a prévia aprovação e os aplausos do FMI. Vejamos porque.

1) Tanto no discurso do sr. Jânio Quadros, como nas manifestações dos srs. Clemente Mariani e Otávio Bulhões e, por outro lado, também na nota do FMI, está expresso o propósito de liberalizar o câmbio no Brasil. Chegar à «verdade cambial» (Jânio Quadros), «visar a unificação da taxa cambial» (Clemente Mariani) ou «simplificar o sistema e adotar taxas cambiais mais realistas» (FMI) são expressões que têm o mesmo significado: liberalização do câmbio.

É em matéria de câmbio, que política convém ao Brasil? Não sendo um país imperialista, mas, inversamente, um país oprimido pelo imperialismo, ao Brasil o que interessa é uma política oposta: a do controle do câmbio, do disciplinamento das compras no exterior, adquirindo segundo um rigoroso critério de prioridade aqueles bens capazes de contribuir para o mais rápido desenvolvimento da sua economia. Na que se refere as transações econômicas com o exterior, o que o interesse nacional reclama é o severo controle das nossas parcas divisas a fim de que não sejam elas acoboradas no mercado livre pelas empresas estrangeiras para diretarem para suas metrópoles a riqueza produzida pelos trabalhadores brasileiros. Ora, a liberalização do câmbio, a anunciada instituição de um mercado único e livre de câmbio, favorece precisamente as empresas estrangeiras, contra os interesses do país.

Essa perspectiva, em cuja direção acaba de ser dado um passo gigantesco com a Instrução 204, não sofre qualquer modificação com as presentes dificuldades momentâneas da importação.

Quem o diz é ainda o ministro Clemente Mariani ao afirmar que «em breve, em consequência do estímulo a verificar-se nas exportações (isto é, mediante a desvalorização dos nossos produtos) e ao desalôgo de nossa situação no exterior (isto é, mediante novos empréstimos do tipo desses que ora afligem o país), a disponibilidade aumentará e consequentemente nossa capacidade de importar será também ampliada».

Aviltamento do trabalho nacional

A reforma cambial é antibrazeira porque conduz ao aviltamento do trabalho nacional. Com efeito, desvalorizando os nossos produtos — fenômeno inseparável da desvalorização da moeda — determina que para obtermos uma mesma quantidade de dólares que antes, teremos que entregar uma massa maior de produtos. Neste sentido, não escudeu o ministro Mariani que com a elevação do câmbio de custo de 100 para 200 cruzeiros, o governo adiantou-se à inflação. Em outras palavras: o governo submeteu o cruzeiro a uma desvalorização maior do que aquela que os economistas do FMI consideravam como existente. (Na realidade, a desvalorização do cruzeiro era sensivelmente menor do que a alegada, levando-se em conta também a desvalorização do dólar).

Assim, o governo, em vez de valorizar os nossos produtos, fazendo com que eles tivessem maior poder de compra, segue o rumo oposto. Abre ainda mais as portas do país ao saque dos monopólios imperialistas.

Contra as empresas estatais

Muito dentro de sua técnica de mistificação, argumentou o sr. Jânio Quadros com as dificuldades financeiras da Petrobras para justificar a brutal elevação do câmbio de custo. Na realidade, como assinalamos anteriormente, poderia o governo ter reparado essa falta praticada nos dois últimos anos contra a Petrobras sem que fosse preciso lançar sobre todo o povo tão violenta tributação. Entretanto, mesmo no que se refere às empresas estatais, o sr. Jânio Quadros encobriu bastante os fatos. O que pesa sobre elas é a ameaça de sérias dificuldades. Assim, por exemplo, a Cia. Vale do Rio Doce, que tem pesados compromissos em dólares (pagamento de financiamento), viu aumentar o preço do dólar que terá de pagar em 100% (de 100 para 200 cruzeiros), ao passo que o dólar resultante da exportação dos seus minérios, o dólar que ela venderá, o do mercado livre, teve um aumento de apenas 13% (aproximadamente de 230 para 260 cruzeiros). Este é apenas um exemplo, mas a situação é basicamente a mesma para outras empresas estatais que têm compromissos em dólares e não auferem qualquer benefício da elevação do dólar no mercado livre.

Reforma antipopular

Ninguém discute a necessidade de pôr termo ao processo inflacionário. São os trabalhadores, os assalariados os que mais sofrem com ele. Entretanto, por que lançar sobre os ombros do povo o peso do combate à inflação?

SERVICÓ DE DIVULGAÇÃO E RELAÇÕES CULTURAIS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (USIS) NOTICIÁRIO TELEGRÁFICO

1 P 3 - INTERNATIONAL PRESS SERVICE

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL CONCORDA COM PROPOSTAS ALIBERTADORAS DO SISTEMA CAMBIAL BRASILEIRO

WASHINGTON, 14 -- O governo brasileiro consultou o Fundo Monetário Internacional relativamente às alterações que se propõe imprimir ao sistema cambial, a entrar em vigor hoje, terça-feira. Essas alterações visam a simplificar o sistema e à adoção de taxas cambiais mais realistas para os pagamentos e recebimentos do Brasil. O governo brasileiro notificou o Fundo sobre sua intenção de proceder a alterações simplificações do sistema cambial.

Foi precisamente o que fez o sr. Jânio Quadros. Afirma as autoridades que o governo dispôs, com as medidas ora adotadas, de dezenas de bilhões de cruzeiros. De onde sairão? Da elevação dos preços da gasolina, do trigo, de todas as importações (elevação do dólar no mercado livre e do dólar-fiscal). E quem pagará essa elevação de preços? O povo. Com esse dinheiro, o governo, afirmam os srs. Jânio, Mariani e demais, emitirá em certa medida o recurso às emissões, contendo ou diminuindo o ritmo da inflação. Mas, se os preços se elevarem, os salários devem elevar-se também para que não diminua o poder de compra dos que vivem de salários. Nessa altura, declara o sr. Jânio em sua mensagem que não continuará a política de aumento dos salários, o que em outras palavras significa o seguinte: a estabilização preconizada pelo governo dar-se-ia com os preços elevados e os salários nos níveis atuais, isto é, com a redução do salário-real.

Diante dos assalariados abre-se, pois, a única alternativa de reclamar aumentos de salários na medida em que aumentarem os preços. Uma posição oposta aquela em que se coloca o sr. Jânio.

Golpe nas pequenas e médias empresas

O mecanismo das operações de câmbio introduzido pela Instrução 204, determinará forte pressão sobre o mercado de crédito, tornando esse recurso caro e escasso. Será o desaparecimento de numerosas pequenas e médias empresas, cuja existência é simplesmente impossível se não tiverem acesso ao crédito. Na análise feita sobre a Instrução 204, afirma, no particular, a Federação das Indústrias do Estado de S. Paulo: «Evidentemente, o espírito da Instrução é dificultar o crédito e diminuir as facilidades de importação, para procurar manter o dólar fora de uma pressão exagerada. Os reflexos dessa situação na indústria são evidentemente fortes, porque toda vez que houver uma intensa pressão de crédito

tanto, as piores possíveis as perspectivas para a pequena e a média empresas. Sua ruína deixará o campo aberto para uma violenta concentração do poder econômico e seria rematada ilusão supor que ao capital nacional e não ao estrangeiro caberia encher este vazio».

Contra o Nordeste

O processo de descapitalização do Nordeste do Brasil, que se acentuou durante os últimos anos, sofrerá, agora, impulso considerável com a liberalização do câmbio. Um exemplo: somente com a projetada instalação de uma fábrica de borracha sintética em Pernambuco, a elevação do câmbio de custo de 100 para 200 cruzeiros determinou um aumento do custo da fábrica de 2,5 bilhões para 5 bilhões de cruzeiros. Onde os pernambucanos irão buscar esta quantia? E onde encontrarão os recursos para a modernização do parque industrial açucareiro nordestino, cujo progressivo atropelamento ao paulista só fez dilatar a margem que separa os níveis de desenvolvimento econômico do Nordeste e da região Centro-Sul? O governador Cid Sampaio, ao manifestar sua apreensão em face da reforma cambial, está refletindo os legítimos anseios de progresso do Nordeste, aos quais o sr. Jânio prometeu atender e aos quais agora dá esse tratamento.

Um exame atento da nova política cambial — não nos referimos apenas à Instrução 204, mas a todas as peças desta política, desde o discurso e a Mensagem do senhor Jânio Quadros ao Congresso, passando pelas declarações dos srs. Mariani, Bulhões e Leopoldo Figueiredo e a nota meridionalmente clara do FMI — mostra que tal política não pode enganar a ninguém. É a política da antidesenvolvimento, do atraso, da maior submissão do Brasil ao capital imperialista. De resto, a política de um governo composto essencialmente pelas forças mais reacionárias.

AOS QUE DESEJAM CONHECER MELHOR A VIDA NA URSS RECOMENDAMOS

As revistas UNION SOVIETICA, LA MUJER SOVIETICA, CULTURA Y VIDA, TIEMPOS NUEVOS, LITERATURA SOVIETICA e FILMS SOVIETICOS, revistas com ilustrações em cores e magnífica apresentação, que contam com um amplo círculo de leitores em todos os países do mundo e aparecem em espanhol, francês, inglês, japonês, alemão e numerosos outros idiomas.

Nas páginas destas revistas são publicados interessantes materiais referentes a como a URSS se domina o átomo e se conquista o espaço cósmico, aos novos êxitos alcançados na Medicina, Biologia, Eletrônica e outras ciências. Através delas os leitores conhecerão melhor a cultura, a arte, a literatura, o esporte e todos os múltiplos aspectos da vida soviética.

Nestas revistas colaboram eminentes estadistas, economistas, cientistas, engenheiros, personalidades sociais soviéticas e estrangeiras. Numerosos fotógrafos, jornalistas, escritores e pintores lhes ajudarão a conhecer a URSS em toda a sua diversidade.

Os colecionadores de selos do correio, os aficionados do xadrez, os estudiosos da língua russa, os cineastas, os artistas de teatro, etc., encontrarão sempre nestas revistas assuntos de grande interesse para eles.

Os preços das assinaturas são favoráveis e a maneira de formalizá-las muito fácil: UNION SOVIETICA, G\$ 500,00; CULTURA Y VIDA, G\$ 400,00; LA MUJER SOVIETICA, G\$ 400,00; TIEMPOS NUEVOS, G\$ 500,00; LITERATURA SOVIETICA, G\$ 300,00 e FILMS SOVIETICOS, G\$ 400,00.

Os pedidos de assinaturas, acompanhados de cheque ou vale postal, devem ser dirigidos à Agência Intercâmbio Cultural — Jurandir Guimarães, Rua dos Estudantes, 84 — sala 28, São Paulo, Telefone 37-4983.

Nota Econômica A Vez Dos Tubarões do Café

A declaração do sr. Jânio Quadros, feita no curso de sua exposição radiofônica, no sentido de que «na ocasião oportuna» atenderia às promessas eleitorais feitas aos homens do café, seguiram-se duas outras da maior importância. Uma, do ministro da Fazenda, sr. Clemente Mariani afirmando que o dólar-café seria aumentado; e outra do diretor da SUMOC, sr. Otávio Bulhões, de que esse aumento ocorreria em junho. Dos três pronunciamentos, os mais autorizados que poderiam ser feitos, uma coisa torna-se clara: os preços internos do café exportado serão aumentados. Em outras palavras: os exportadores de café receberão mais cruzeiros por dólar de café vendido no exterior.

Ora, estamos no mês de março e a safra cafeeira de 1960-1961 termina a 30 de junho próximo, dentro de pouco mais de 3 meses. Os importadores, valendo-se dos preços relativamente baixos, fizeram importações elevadas e, por isso, no momento, os seus estoques são altos. Diante disto, é natural que se retraiam, reduzindo as compras agora, para reiniciá-las dentro de três meses ou pouco mais, pois comprarão o café mais barato. E sabido que a um aumento dos preços em cruzeiros das nossas exportações segue-se uma diminuição nos seus preços-ouro e reciprocamente. (O mecanismo é simples: atualmente, estando o dólar-café a 90 cruzeiros, uma saca de café, no valor aproximado de 40 dólares, proporciona ao exportador 3.600 cruzeiros; aumentado o dólar-café para 130 cruzeiros, por exemplo, ele continuaria recebendo mais cruzeiros do que agora, mesmo que vendesse seu café a 30 dólares a saca).

Dessa maneira, a simples referência ao próximo aumento do dólar-café determinará em breve, inevitavelmente, a redução das exportações de café, isto é, uma diminuição na receita cambial do país... Exatamente o oposto daquilo em nome de que foi feita a reforma. Duas hipóteses podem, então, ser formuladas: 1) o governo promoverá imediatamente a elevação do dólar-café, procurando compensar a redução da receita decorrente da queda da cotação com a manutenção ou o aumento do volume de vendas; 2) conta o governo com a possibilidade da obtenção imediata de um empréstimo em moeda forte, de maneira a «compensar» a perda de dólares decorrente da diminuição das exportações de café. Num caso como no outro, o grande prejudicado é o Brasil que, ao acumular dívidas (o que é verdadeiro mesmo na hipótese do «funding»), ou vê aviltar-se mais ainda o preço do seu principal produto de exportação.

Um outro fator que vem agravar mais ainda a situação é a próxima safra, a iniciar-se a 1.º de julho. As previsões são de uma colheita de 45 a 50 milhões de sacas. Supondo que haja destino para 25 milhões (17 milhões para exportação mais 5 milhões para o consumo interno mais uns 3 milhões de expurgo), ver-se-á o governo a braços com 20 a 25 milhões de sacas excedentes, sem possibilidade de mercado. Atualmente, os estoques em poder do Instituto Brasileiro do Café, resultantes de safras anteriores e que não tiveram mercado, já sobem a 40 milhões de sacas. Na sua entrevista, disse o sr. Mariani que, com a revisão dos estoques, deverá haver uma redução da

ordem de 30% nos mesmos, ou seja, uma diminuição de 12 milhões de sacas. Como será feita essa redução? Não o disse o ministro, mas a hipótese da queima — tão ardentemente desejada pelos magnatas do café — não deve ser descartada. Se, com a redução, o sr. Jânio Quadros satisfizer aqueles que ajudaram a elegê-lo — os cafeicultores —, teríamos, de outro lado, a destruição de milhões de sacas de café, compradas pelo IBC com o dinheiro do povo a 2 e 3 mil cruzeiros por saca, num total de dezenas de bilhões de cruzeiros. E isso em nome da austeridade, a mesma que levou o governo a lançar na rua milhares de funcionários, os quais custariam muito menos à União...

Reduzidos os estoques a 28 milhões de sacas, como prevê o ministro, a eles deverão acrescentar-se os 20 ou 25 milhões de excedentes da próxima safra (de 1.º de julho de 1961 a 30 de junho de 1962), perfazendo um total estimado de cerca de 50 milhões de sacas de café. Em outras palavras: somente o Brasil, que, enquanto o maior e apenas um dos produtores de café, teria em estoque tanto quanto todo o mundo consome em um ano! É certo que a responsabilidade por esse fato não deve ser lançada exclusivamente nos ombros do atual governo, apesar de que é impossível deixar de co-responsabilizá-lo por isto. Com efeito, visando a objetivos eleitorais, o sr. Jânio Quadros, quando governador de S. Paulo, formou sempre ao lado dos latifundiários do café e foi, inclusive, um dos inspiradores mais ativos da chamada «marcha da produção». De qualquer modo, o que aí temos é o resultado direto da política de adulação dos cafezais com cruzeiros. E quando se espera que o novo governo, que começou criticando o anterior por haver feito exatamente isso, ponha um dique a esse dilúvio de café, promete o sr. Jânio Quadros atender às reivindicações dos cafeicultores. Mas ainda?

X X X

A MARCHA DA HISTÓRIA — Na edição do dia 16 do corrente do «Jornal do Brasil», um pequeno telegrama — menos de dez linhas — traz uma notícia da maior importância: o secretário do Trabalho dos Estados Unidos, Arthur Goldberg afirma que «é provavelmente certo que a produção soviética de aço no último trimestre do ano passado, igualou ou superou a produção norte-americana no mesmo período». Naturalmente, o fato se deve em parte à crise econômica nos Estados Unidos, que fez cair a produção norte-americana de aço ao nível de 50 por cento de sua capacidade, em fevereiro de 1961. Entretanto, o fato de que os Estados Unidos se mantêm na liderança da produção industrial do mundo desde a última década do século passado, sem que desde então nunca tenham outro país lhe tivesse feito sombra, mostra o quanto de significativo o fato encerra. E muito provável que a produção inaque de aço venha novamente a aumentar-se à soviética. Mas, comparativamente, pois o aço já longe a dia em que se delinhamente superiora

O GLOBO em foco

SUJEITA A NOVAS MEDIDAS DE AUSTERIDADE A AJUDA EXTERNA AO NOSSO PAÍS

WASHINGTON, 21 I.A.P. — U.P.I. — F.P. — O GLOBO — Ao ter início nesta capital uma série de entrevistas do embaixador itinerante Valter Moreira Sales com autoridades norte-americanas, os peritos financeiros observaram que as recentes medidas cambiais adotadas no Brasil, embora bem recebidas nos círculos das finanças internacionais, não representam um começo muito limitado de um programa que solucione os problemas fiscais e outros desse país. Depreende-se que agora os dirigentes do Fundo Monetário Internacional estão aguardando uma exposição pormenorizada das outras medidas que o Presidente Jânio Quadros e seus assessores financeiros se propõem adotar.

LIVROS SOVIÉTICOS

Novidades — Edições de Moscou — Edições em Espanhol

PANORAMA DE LA URSS. Geografía Física e Geografía Económica. Enc. 230,00	MANUAL DE LINGUA RUS. SA. Nina Potapova. 72 lições. 250,00
CARA A CARA CON NORTEAMÉRICA. Os mais candentes assuntos internacionais. Amplamente ilustrado. Enc. 290,00	DICIONÁRIO ESPANHOL-RUSSO e RUSSO-ESPAANHOL. 6.000 palavras. 200,00
EL U 2 NO REGRESSARA A SU BASE. A verdade sensacionalmente fotografada. 70,00	DICIONÁRIO TÉCNICO E CIENTIFICO ESPANHOL-RUSSO e RUSSO-ESPAANHOL. Enc. 400,00
LA URSS DE HOY Y MAÑANA. Compendio Informativo Ilustrado. Edición de 1960. Enc. 250,00	GUIA DE CONVERSACION PORTUGUES-RUSSO. 100,00
LA ABOGACIA SOVIÉTICA. O advogado no processo criminal e no processo civil. 200,00	EL PAIS DE ESPUMA de Eféremov. Grécia e Egipto da antiguidade através de apaixonantes aventuras. Enc. 230,00
CONSTITUICAO DA URSS. Magnífica edição de bolso. 50,00	VELAS ROJAS. de A. Grim. Sete assombrosos contos de maravilhosa fantasia. Enc. 200,00

Pedidos à: **Agência Intercâmbio Cultural** — Jurandir Guimarães — Rua dos Estudantes, 84 — sala 28 — Telefone: 37-4983 — São Paulo — Atendemos pelo Recombó Postal

NOVOS RUMOS

Diretor: Mário Alves

Diretor Executivo: Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe: Fragon Borges

Secretário: Luiz Fernando Cardoso

Gerente: Gutierrez Cavalcanti

Redatores: Renato Arena, Paulo Motta Lima, Nilson Azevedo, Fausto Cupertino, Rui Faço, Solon Pereira Neto

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar, S/905

SUCURSAL DE S. PAULO: Rua 15 de Novembro, 228, 8º andar — S/827 — Tel: 37-52 64

Endereço telefônico — «NOVOS RUMOS» ASSINATURAS

Anual	R\$ 500,00
Semestral	" 250,00
Trimestral	" 130,00
Aérea anual, país	" 200,00
Aérea semestral, país	" 100,00
Aérea trimestral, país	" 50,00
Número avulso	" 10,00
Número atrasado	" 10,00



Notas Sobre Livros

Sobre o problema da liberdade religiosa, Domingos Vellaco escreve no seu livro *A Nova China* as seguintes palavras: "Cristão e católico romano, fiel à minha Igreja, nada vi, na China, que repugnasse a fe que professo". Eis aí um depoimento que se deve por em relevo, como cabal desmentido às mentiras espalhadas pelo mundo "ocidental e cristão" acerca da "perseguição religiosa" na China Comunista e também nos demais países socialistas.

Mas o autor deste livro não se limitou a registrar o que lhe foi dado ver com os próprios olhos — isto era muito importante, mas não era tudo. Para melhor firmar sua opinião sobre a matéria, buscou documentar-se na mais autorizada e insuspeita fonte de informações — os senhores bispos católicos existentes e em exercício na China. Constatou então que estes bispos apoiam mesmo o governo de Pequim — justamente porque o governo lhes assegura plena "liberdade religiosa". O que não lhes é permitido servir-se alguma da religião para em nome da religião exercer atividades políticas contrárias à Constituição da República Popular. Isto aliás é o que se passa em todos os países socialistas, onde ninguém sofre qualquer espécie de perseguição por motivo só de suas crenças religiosas.

Socialista-cristão, homem de formação filosófica idealista, não-materialista, não-marxista, Domingos Vellaco compreende e não se atrevera de proclamar firmemente que "o sistema de produção socialista resolveu muitos problemas que ainda angustiam o homem ocidental"; mas acha que o mesmo não ocorre com os "problemas espirituais", porque estes, na sua opinião, "independem dos sistemas de produção", porque são problemas "do próprio homem, da sua consciência e da sua formação moral".

Discordamos radicalmente desta concepção idealista; para os marxistas, como se sabe, os problemas espirituais, inclusive os da formação da consciência e da moral, não independem, não estão desligados, não se manifestam fora do sistema de produção existente na sociedade, pois fazem parte da super-estrutura social. A famosa lição de Marx continua válida em toda sua extensão e profundidade: "O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina a realidade; pelo contrário, a realidade social é que determina sua consciência."

O próprio autor deste livro chega a algumas conclusões que, a nosso ver, vêm confirmar a concepção marxista. São conclusões formuladas em termos idealistas, mas sua essência se ajusta à realidade materialista como derivação necessária dela.

De um lado, por exemplo, quando afirmava que no mundo ocidental, "cujos sinais de decadência são visíveis a olho nu", predomina "a mentalidade velha e bolorenta, cansada e exausta que não quer aceitar as transformações dos outros povos". Segundo ele parece, esta mentalidade velha e bolorenta, cansada e exausta, com todas as suas implicações espirituais e morais, resulta precisamente da existência de um sistema de produção também velho e bolorento, cansado e exausto, ou seja — o sistema capitalista em crise final, já condenado pela história e que deve necessariamente ceder o passo ao sistema socialista.

De outro lado, quando o autor constata que os povos socialistas estão forjando uma nova civilização, nova civilização porque está criando, sobre a base do novo sistema de produção socialista, uma nova mentalidade, uma nova consciência, uma nova moral. Tal é o processo histórico — o novo modo de produção da vida material condicionando a vida social, política e intelectual com todos os seus valores espirituais.

Mas o que realmente mais importa, neste livro, é que o seu autor, cristão, espiritualista, não escamoteia os fatos e as realidades que viu e estudou. Sua interpretação, ditada por uma posição filosófica idealista, pode ser discutida pela crítica marxista; indiscutíveis são os fatos e as realidades, e nisto estamos todos de pleno acordo, felizmente.

Astrélio Pereira

PRA QUE ENTENDER?

Quando li num jornal que o presidente Jânio Quadros estava "estudando" uniforme para os funcionários e funcionárias públicas, confesso que não acreditei. Pensei que era piada. Mas eis agora a coisa já posta em bilhetinhos e os jornais preocupados em ouvir o que se pensa disso.

Até este momento só o costureiro José Ronaldo disse a verdade: uniformizar os trabalhadores da União é um ato antidemocrático. Sim. Com que direito pode um presidente da República de um país democrático obrigar seus funcionários a andar de eslaques e determinar que eles devem ser brancos, caquês, azuis, róseos? Alguém sabe ou soube, há por aí alguém que possa dizer onde, em que parte do mundo isso já aconteceu? Nem mesmo nas ferozes ditaduras se têm notícias de uma obrigatoriedade dessa espécie.

Tantos problemas no Brasil para serem resolvidos, tanta miséria sóla, tanta necessidade à vista, e o presidente escolhe figurinos de eslaques para os seus funcionários. Li numa revista que o presidente passou quatorze eslaques, cada qual o mais belo. Fico pensando: com a vida tão cara, com o dinheiro tão curto, como poderá um ou uma pequena funcionária comprar pelo menos dois uniformes desses? Os do presidente são de linho; de que fazenda serão os dos pequenos funcionários? De estopa?

E o ridículo? "Para mulheres salas preguedadas", diz o bilhetinho. Imaginem só; é tão "bem" o presidente que pensou até nesse detalhe: as pregas!

Finalmente onde estamos nós? O que há conosco? Aceita-se tudo com uma passividade, um sorriso, engole-se em seco, os protestos são raros. Naturalmente os puxa-puxa que no momento são alguns, batem palmas a tudo. Já vejo um deles dizer que essa uniformização é ótima porque assim ninguém fará diferença entre um funcionário rico e um pobre. É a demagogia sóla, cabriolando em tudo que é feito neste momento brasileiro.

Uma leitora telefonou-me feroz. — Você viu? Você não vai dizer nada? Imagine que esse homem amanhã mande um bilhetinho assim: as mulheres casadas só poderão andar de preto, as viúvas só de róxo e as virgens andarão de branco. Isso em todo o território nacional. Já imaginou? — Achei graça. Mas ela insistiu: — Não ache graça não, que se as coisas continuarem como estão, Jânio Quadros acaba mandando dentro de nossas próprias casas, mandando até na nossa maneira de andar, dar, comer, vestir. Afinal o Brasil não é uma ilha deserta."

Depois que ela desligou fiquei pensando que talvez a môça tenha razão. Continuarem as coisas como andam e Jânio Quadros é bem capaz de obrigar uniforme não só para as funcionárias públicas, mas para as brasileiras em geral.

No fundo essa coisa de uniformes é ridícula, o que não impede que seja profundamente melancólica.

Encido

Tópicos Típicos

O cardeal D. Jaime de Barros Câmara declarou a "O Globo" que "o comunismo é a pior heresia de todos os tempos". O escritor católico Tristão de Ataide escreveu que considera o comunismo "o maior flagelo político-social da humanidade". Enquanto isso, na África, alguns padres tinham suas batinas arrancadas e eram obrigados a gritar: "Assassinamos Lumumba, o Cristo do Congo". E um telegrama da UPI, publicado no "Diário da Noite", informava que na Venezuela, por motivos ignorados, "os padres Marmol Ferrer e Victor José Pineda se atacaram em luta corporal no altar" (15-3-61). Terão brigado pela hostia?

O jornal "O Globo" (se me permitem chamá-lo de jornal) informa, ainda, que Salvador Dali tem dirigido inúmeros apelos a Pablo Picasso para que este deixe de ser comunista, porém Picasso jamais se deu ao trabalho de responder a Dali. Cada um salta do bonde como quer: Dali faz palhaçadas pelas gorjetas dos milionários norte-americanos. Picasso dedica-se ao seu trabalho de pintor, independente, sereno, viril. Um lambe a mão do tirano Franco, o outro abraça a heresia comunista.

No "O Mundo Ilustrado", o repórter Haroldo Holanda escreve sobre Toynebe e faz os maiores elogios ao historiador inglês que disse: "não podemos enfrentar o desafio comunista numa base secular". Toynebe, da mesma forma que Salvador Dali, acha que somente a religião pode trazer saúde espiritual à humanidade. Já o papa Pio IX, em 1846, chamava o comunismo de "doutrina nefasta" e, em 1937, o papa Pio XI dizia que "o comunismo despoja o homem da sua liberdade". A religião, desde há muito, acha-se identificada com a luta anticomunista, serve de instrumento na mão da burguesia contra a política consequente do proletariado. E é por isso que, como falou Pio XI, "o grande escândalo do do século XIX e que a Igreja perdeu a classe operária".

Querer subordinar a vasta luta empreendida pelo proletariado pela sua emancipação a luta contra a alienação religiosa é bobagem: a religião é um reflexo da insuficiência do conhecimento científico e da irracionalidade existente nas relações entre os homens em determinadas formas de organização social (escravismo, feudalismo, capitalismo). Só poderá ser realmente superada em definitivo quando for definitivamente transformado o atual estado de coisas que a engendra, quando forem estabelecidas relações mais transparentes e racionais entre os homens, e dos homens com a natureza. E isso está por pouco.

Não tem sentido, portanto, atacar um aliado só porque ele é religioso. Muitos são religiosos mas estão firmemente conosco, na luta contra a injustiça — e preciso respeitá-los, compreendê-los.

Com o tempo, com a prática da vida, com a transformação objetiva das condições de trabalho, eles irão compreendendo o que os nossos argumentos não conseguiram fazer-los compreender. Até chegarmos todos juntos a "conclusão de Liechtenberg": "Um dia será ao ridículo crer em Deus como hoje acreditar em fantasmas".

Pedro Severino

Um "Contato" Com Bois Jacks

No Teatro da Maison de France estreou no dia 15 o mais novo grupo teatral — Studio Productions — fundado e dirigido por Ana Edler e Jack Brown, com a peça "O Contato" de Jack Gelber. Com eles se inicia, no presente ano, o Movimento das Jovens Companhias, louvável iniciativa do Sr. Roger Bernadet, que muito tem contribuído para o surgimento de novos grupos amadores entre nós. A atriz Ana Edler é moça de valor, inteligente, culta e empreendedora. Com vários cursos, realizados aqui e no estrangeiro, Ana, de volta, começou por organizar um Curso de Teatro, no qual se ensinam

as coisas básicas da profissão: empastação de voz, direção, expressão corporal, técnica de escrever para teatro, etc.

A peça

A publicidade feita em torno desta peça classificava-a como de "vanguarda e mesmo revolucionária". Não encontramos motivo para tal classificação. Sera de vanguarda pelo tema escolhido? Uma espécie de reportagem feita entre viciados de heroína, a mais forte das drogas "enxofradas"? Mas esse tema já tem sido farta-

mente explorado no cinema, na literatura, na imprensa de todos os países do mundo. Revolucionária porque emprega, criativamente, em toda a sua atividade, as conversas e revelações dos viciados, narrando com palavras os fatos mais escabrosos de suas vidas? Mas o palavrão já de há muito está perfeitamente incorporado em todos as formas literárias (digamos antes que sempre foi usado, através dos tempos, por aqueles que sabem que em Arte o mais importante é ser autêntico) sem chocar ninguém que seja normal. E verdade que se ouvem sempre risadinhas nervosas na plateia — como as de um jovem casal sentado ao meu lado — mas isso não importa. Trata-se de pessoas que gostariam de ouvir marginais conversando como "imortais" à hora do chá.

Talvez o vanguardismo, ou revolucionarismo, seja atribuído à técnica usada na narração. Mas essa também já está batidíssima. Há infinidade de peças escritas dessa maneira. De momento, nos ocorre esse horrível "Processo de Jesus" de Fabbri. Aliás, não fossem as constantes interferências do autor, o produtor, e os dois cinegrafistas, a correr e a gritar pela plateia e a subir de repente no palco, e a peça ganharia muito em força dramática. Quando a assistência vai se sentindo contaminado pelo clima de angústia, desespero e depressão que envolve os viciados, lá vem um corte e fica tudo diluído em uma mistura de realismo e ficção. Não é, portanto, uma grande peça. Seu mérito está em ser uma peça de denúncia; chama atenção para um terrível problema social que está destruindo, em todo o mundo capitalista, o mais precioso capital de uma nação: o jovem.

A tradutora.

Ana, que traduziu com Jack Brown a peça, explica por que preferiu apenas traduzir, sem adaptá-la ao nosso ambiente. Adaptação implicaria em substituições e, por conseguinte, colaboração com o autor. Entre seus argumentos, Ana afirma que o problema da peça vai além da "heroína" ou da maconha... Sim, vai muito além. Nem expressão nem prevenção adiantam nada. Trata-se de um problema de abandono, de desespero, de falta ou excesso de meios materiais, de miséria, de ignorância, de falta de perspectivas, de esperança e de estímulo à Vida. Por isso só temos uma resposta à

pergunta lançada por Pinheiro Junior em seu artigo sobre a peça: — Quem salvará os "junkies"?

Só uma profunda transformação social poderia salvar os viciados: os desesperançados, os que perderam o gosto pela vida, quer vivam na América do Norte e se chamem "junkies" quer os chamemos, simplesmente, marginais.

A música — A direção — Os intérpretes

O quarteto de Jazz, liderado pelo pianista Kumbuca — que também compôs as músicas — e composto por Hélio Marinho, sax, Henriques Montez contrabaixo e João Palma, bateria, dão um verdadeiro show. Estão ótimos, perfeitamente integrados no espírito da peça, assim como os cantores de Napoléon M. Faria.

Jack Brown revelou-se um extraordinário diretor. Obteve o máximo de rendimento de seus atores. Com prazer vimos Adriano Reis demonstrar que não é apenas um menino bonito, mas um ator sério, responsável e de grande talento dramático. Compôs muito bem seu tipo. Paulo Padilha tem no papel do viciado Leach sua maior criação. Mas é preciso uma referência muito especial ao jovem Procópio Mariano, que nos dá uma composição de tipo verdadeiramente impressionante para alguém ainda inexperiente, pelo fato de ser ainda aluno do Conservatório Nacional de Teatro. Waldir Onofre, aluno do mesmo Conservatório em um papel de muito menor intensidade, portou-se, também, bravamente. Deve levar mais a sério as aulas de voz. E Sergio Viotti, perfeito na figura do intelectual que mesmo em sua condição de viciado, jamais perde a ascendência sobre seus companheiros, decorrente de sua superioridade de cultura e educação.

Enfim, "O Contato" de Jack Gelber, dirigido por Jack Brown é um espetáculo digno de ser visto.

Teatro

Beatriz BANDEIRA

É com alegria que registramos o fato, bastante promissor, de estarmos recebendo, cada vez com mais frequência, consultas sobre assuntos referentes ao teatro. Nota-se um intenso interesse por parte dos jovens, especialmente dos Estados mais afastados, onde as companhias nunca um momento chegaram, no sentido de conhecer o que se está fazendo nos centros mais adiantados e de criarem seu próprio teatro. Respondemos, pela cultura, ou melhor, ausamos a recebimento da correspondência e mais detalhadamente o fazemos através de carta pois algumas delas levam informações que exigem tempo.

Valmor Marcelino Paraná. Recebemos sua carta de Subterrâneos da Cidade. Valmor fala com todo o interesse e envia opinião. Transmitiremos seu pedido a Vianinha assim que este vote de Brasília.

Na seção estudantil da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) ai em Curitiba vocês poderão adquirir os números da revista que essa entidade publica nos quais figurem peças que lhes possam interessar. As peças de Guarnieri, "O Chapetudo" de Vianinha, a "Mortuária" de Jorge de Andrade, o "Paul Vellou de Abílio P. de Azevedo, assim como muitas outras de autores brasileiros, tanto contemporâneos como do passado, foram publicadas de sa e vista. Com referência a publicações que tenham de ser enviadas para o teatro, penso que seria útil a vocês a publicação "Catálogo de Teatro que traz listas de direção do velho mestre Otton, instruções sobre jogos dramáticos, exercícios de expressão corporal, etc. Seria conveniente pedir a coleção completa, com todos os números atrasados. Dirija-se a Eddy Rosendo Nunes, Av. Lúcia de Paula Machado, 755, Jardim Botânico, Est. da Guanabara. Por outro lado, seria também conveniente escrever ao Serviço Nacional de Teatro — Av. Getúlio Vargas, 418 - 11º andar, solicitando a remessa de todas as obras editadas por esse Serviço. Muitas estão esgotadas. Vocês receberiam as que ainda houvessem e as que de futuro fossem editadas. Dessa editora é a peça de A. Calado que vocês pediram, "Pedro Mico", assim como o teatro, composto de Nelson Rodrigues, além de outras obras nacionais contemporâneas e clássicas estrangeiras. Creio que o "Santo e a Porca" foi editada pela Agir. Procurai aqui. Quanto às outras peças pedidas providenciarei junto ao Vianinha. Infelizmente o pedido contido no Item 4 ficou prejudicado pois só recebemos a carta na semana passada, muito depois, portanto, do curso terminado. O nosso quanto ao Item 8, referente ao Inter-câmbio Cultural Argentino-Brasileiro.

Waldemar Balbock — Campo Grande — Mato Grosso — Divulgamos, conforme seu pedido, com satisfação, a notícia da fundação no dia 5 p.p. da Associação Cultural de Campo Grande e a criação de um grupo amador de teatro. Por falta de espaço deixamos de reproduzir a notícia na íntegra. Felicidades aos companheiros. E com os melhores votos de desenvolvimento e progresso aguardamos notícias de futuras reuniões. Aqui ficamos às ordens. Creio que as informações aos amigos do Paraná serão úteis, também, em um futuro.

Quatro dias em um ato, de poeta Walter Ayala. Re: poemas, agradecimentos e breves comentários.



Um bom aluno

Procópio Mariano, embora ainda seja aluno do Conservatório Nacional de Teatro, de empenha com grande segurança o papel de "Sam" que lhe foi confiado em "O Contato" de Jack Gelber. É uma grande promessa.



Exposição Búgara no Largo da Carioca

Foi inaugurada na semana passada, mais uma exposição organizada pela Associação Cultural Brasil-Bulgária, desta feita no largo da

Carioca, na agência do "Diário de Notícias".

Em nossa procura, dar a conhecer aos brasileiros diversos aspectos da vida na República Popular da Bulgária, incluindo trabalhos de arte popular, publicações, fotografias, mapas, etc.

A mostra procura dar a conhecer aos brasileiros diversos aspectos da vida na República Popular da Bulgária, incluindo trabalhos de arte popular, publicações, fotografias, mapas, etc.

Reforma Cambial e Carestia de Vida

JRESTES TIMBAÚVA RODRIGUES

Os milhões de brasileiros que votaram no senhor Jânio Quadros e fizeram na esperança de que ele viesse a adotar medidas que melhorassem suas condições de vida. A «Meta Homem» apregoadada pelo então candidato repercutiu no seio do povo como uma perspectiva de elevação do nível material e cultural dos cidadãos, dignificando a condição humana que, segundo Jânio Quadros, havia sido esquecida pelo senhor Jascelino Kubitschek, dominado pela ideia das grandes realizações.

Ninguém pode negar que o período da governação do senhor Juscelino Kubitschek transcorreu todo ele, sob a mais terrível pressão inflacionária, que reduziu sistematicamente o poder aquisitivo das que vivem de salários, vencimentos ou pequenas rendas fixas. Comprava-se cada vez menos com mais dinheiro. O senhor Jânio Quadros prometia corrigir esta situação. E a maioria dos eleitores acreditou nele.

Eleito e empossado, no entanto, o senhor Jânio Quadros veio mostrando, por suas medidas concretas, que entende as coisas de maneira inversa, ou que se utiliza dos melhores sentimentos do povo para ludibriá-lo. Depois de um discurso em que exigia que os brasileiros se despojassem de seus últimos níqueis para pagar aos usuários internacionais, iniciou a mais infame perseguição a massa das servidas da União. O aumento da jornada de trabalho, o corte nos vencimentos e vantagens e as medidas policiais são as primeiras contas desse maldado rosário.

Em seguida veio a reforma cambial, nos moldes exigidos pelo Fundo Monetário Internacional, organização em que pontificam os representantes do capital colonizador. A reforma, da maneira como foi feita, trará como consequência imediata uma brutal elevação do custo de vida. A alteração do dólar de custo de cem para duzentos cruzeiros determinará o aumento imediato do preço dos combustíveis, aumento este que se refletirá sobre todas as utilidades. O preço do pão subirá pelo menos em cinquenta por cento, o mesmo acontecendo com os demais comestíveis derivados do trigo. O papel de imprensa sofrerá também grande aumento, com o que tornará ainda mais difícil e penosa a situação dos jornais independentes.

Além das consequências da reforma cambial teremos ainda a ação nefasta dos especuladores contra os quais o governo nada fará de vez que ele próprio se coloca à frente da especulação mandando aumentar os preços das mercadorias em estoque. Dois dias após a reforma um jornal vinculada ao governo noticiava que os atacadistas da Rua Acre haviam aumentado cento e dez cruzeiros em cada lata de azeite português; que o feijão passará de oitocentos e quarenta e oito cruzeiros à saca para mil duzentos e trinta; que um restaurante especializado em massas aumentará as refeições de setenta para cento e vinte cruzeiros. Por conseguinte, o que se delineia diante do povo é a vertiginosa ascensão do custo de vida e o crescimento das dificuldades daí decorrentes. Exatamente o contrário do que havia prometido o sr. Jânio Quadros.

Se bem que a carestia de vida já tenha se tornado uma constante na vida do povo há agora aspectos de muito maior gravidade. É que sob o governo de Jânio Quadros ela incidirá, com muito maior intensidade, sobre as camadas fundamentais da população urbana: a classe operária e a classe média para quem já se apresenta também a perspectiva do congelamento de vencimentos e salários. E isto determinará, sem a menor dúvida, reações enérgicas e vigorosas por parte das massas populares.

Os comunistas, que durante toda a campanha eleitoral alertaram as massas sobre o que seria o governo Jânio Quadros, estão a postos para defender intransigentemente as reivindicações dos trabalhadores e do povo. As promessas do sr. Jânio Quadros de democratizar a política externa do Brasil, inclusive reatando relações com a União Soviética e a China Popular serão cobradas, mas em hipótese alguma poderão servir para confundir o povo e arrefter seu ânimo de luta.

FEIRANTE DIZ QUE COM A REFORMA DE JANIO A COISA VAI PIORAR

Na Feira da Lagoa Paisagem Não Ameniza a Carestia

Sabado de sol. Quantidade de barracas marginais a maravilhosa Lagoa Rodrigo de Freitas, emoldurada por majestosos «flamboyants» oferecendo sombra e recolhimento aos atfegoados passantes. Ninguém repara nos belezas da lagoa. Todos estão preocupados em levar para casa o indispensável para alimentar a família, sem exceder o orçamento. — Tarifa realmente difícil.

O preço do pescado impede variar o cardápio de domingo. Comarão a 160,00; linguado a 140,00; ensaio a 160,00 e até a pescadinha a 66,00 o quilo. O atum, muito procurado por ser barato, desapareceu completamente, há tempos. Que dizer do bacalhau a 220,00 o quilo? O feijão com carne seca, antes indispensável em toda casa, dado seu preço escorchante (40,00 e 190,00), é prato do passado. Compradores chegam junto as barracas, olham, fazem cálculos mentais e seguem adiante, em demanda de preços mais baixos.

Pura miragem, porque, em geral quando o gênero é mais barato, sua qualidade é inferior. Consultando barraca por barraca, a maioria vai desistindo de levar muita coisa necessária a nutrição.

Fazemos algumas perguntas aos feirantes que, a vista do fotógrafo tornam-se reticentes. Desapareceu o clima de confiança e displicência que se respirava em nossa cidade. Há medo de falar. Os feirantes, vítimas das tubarões da rua do Acre e do Mercado não nos acusam. Verdade é que, alguns barracões são sócios ou empregados das tubarões, mas a imensa maioria sofre com os manobras astutas dos atacadistas de gêneros alimentícios, os quais têm interesse imediato e dilúcio no alta de vez que sua margem de lucro é sempre calculada em percentagem de preço de compra.

Mais tarde, um feirante, confidenciosamente, e pedindo-nos omitir seu nome explicou-nos o motivo da reserva de seus colegas:

— «É que, se fomos surpreendidos dando qualquer informação, seremos liquidados, o que acarretará grandes dificuldades para nosso abastecimento. Os fiscais, por sua vez, não nos perdoarão a menor falta. Então, preferimos calar. É dura a nossa vida. Seimões de casa pela madrugada e terminada a feira temos que ir ao Mercado arranjarr mercadoria para o dia seguinte.

— «E que, se fomos surpreendidos dando qualquer informação, seremos liquidados, o que acarretará grandes dificuldades para nosso abastecimento. Os fiscais, por sua vez, não nos perdoarão a menor falta. Então, preferimos calar. É dura a nossa vida. Seimões de casa pela madrugada e terminada a feira temos que ir ao Mercado arranjarr mercadoria para o dia seguinte.

seguinte. A tabela é rigorosa para nós mas não existe nem no Mercado nem na rua Acre. Quando tabelam os produtos nesses locais, eles desaparecem e então somos obrigados a pagar por fora para vender a alguns frequentes conhecidos. É o caso, agora da farinha de trigo, vendida ao câmbio negro a Cr\$ 30,00. Os atacadistas compram diretamente nas fontes produtoras, a baixo preço. São os verdadeiros beneficiários do trabalho do lavrador e nosso lucro é mínimo. O mesmo acontece com legumes e verduras no Mercado: 99% da alface e tomate vêm de S. Paulo, Niterói, Teresopolis e Friburgo abastecem o mercado de legumes e frutas. Algumas verduras vêm do «Sertão Carioca». Rosos feirantes têm chacaras próprias e através de pragagem que diminui dia a dia o cinturão verde da Guanabara, os pequenos silitantes têm sido despejados de suas terras.

Aproveite hoje

Continuamos a fazer «compra», alarmados com os preços. Quando reclamamos, os feirantes alertam: «Aproveite hoje, freguês, que a semana que vem tudo vai ser mais caro».

— «Mais caro? Como? Não prometia o novo Governo em sua campanha eleitoral que o custo de vida ia baixar?»

— «Baixar como, se o preço da gasolina vai dobrar. Quase todo o transporte dos gêneros é feito por estradas de rodagem. Logo, tudo vai subir».

— «Mas, o presidente em seu discurso de 13 de março garantiu que o aumento não iria além de 4%?»

Sorriso irônico do feirante: — «4%? — 40% ainda seria pouco. Pode contar com 100% ou mais».

— E os salários subirão na mesma proporção?

A esposa de um médico intervém no diálogo.

— Aumento de vencimentos? Por enquanto são veje cortes. Meu marido, além de trabalhar seis horas em um hospital na Penha, sem tempo para almoçar foi cortado em 40%.

Adere à conversa a esposa de um barbae.

— O que meu marido recebe na repartição mal dá para o aluguel de um acanhado apartamento no 3º andar de um prédio sem elevador, onde água e boato. Com o horário corrido ele

conseguia se defender com alguns «bicos». Essa possibilidade desapareceu e para dar de comer a meus filhos sou obrigado a costurar até altas horas da madrugada, porque durante o dia carrego agulha, faço todo o serviço de costura, cuido das crianças etc. E a miséria que recebo com costuras, não permite alimentar convenientemente minha família. Que espécie de patrão nos vou levar para casa se cada ovo custa 8 cruzeiros?

Realmente, na barraca defronte, a tabelista afrontava a povo com as seguintes: «Ovos — Cr\$ 90,00 a dúzia».

Ante nossa reclamação a feirante alega não ter culpa dos preços e afirma que os grunjos já emcaçaram com aumento respeitável, de vez que, saindo do preço do trigo, a recção dos galinheiros será muito majorada.

— «Pobre se vive mesmo é do trator, diz uma favelada. — Tenho seis filhos e o médico recomenda dar-lhes carne, leite, ovos, legumes e frutas. É possível isso? Nem sei mais que gato tem a carne. E a cenoura a Cr\$ 60,00? Verdade a mesma coisa: um malhinho «micho» de espinafre ou ensaio, a Cr\$ 4,00. Alface amassada a 15,00 o pé. E as frutas? Bananas a 30 e laranja ácida a 50 a dúzia. Mamão a Cr\$ 30,00 o quilo. A única fruta que ainda está barata é limão, assim mesmo porque não há epidemia de gripe, senão estaria custando 10 cada».

Minhas crianças estão volta e meia no Hospital Arthur Bernardes, fazendo tratamento da tal de toxicode. Elas saem de lá com alta, mas no fim de pouco tempo, comendo só fuba com feijão, e assim mesmo pouco, eles ficam de novo no mesmo estado. Andando descalços na favela, eles apañam tudo quanto é verme. É tudo miúdo e magrinho. Só tem de grande o barbae».

Garotos maltrapilhos rondam as feiras, pedindo dinheiro escondida da guarda. Alguns mais audaciosos fazem pequenos furtos e, quando descobertos são punidos com todo o rigor da Lei. O SAM abre-lhes as portas e transforma o pequenino faminto num adulto criminoso. Na hora de acabar a feira, os produtos perecíveis são vendidos a qualquer preço aos xepeiros. Aparecem então mulheres miseráveis, que vêm catar junto às barracas o rebotalho. Espetáculo lamentável de um povo subnutrido!

Guanabara: Constituição Será Promulgada no Dia 27

Em sessão solene a se realizar no noite do próximo dia 27, no Palácio Tiradentes, será promulgada a Constituição do Estado da Guanabara. O ato, pelo sentido que tem de conquista definitiva da autonomia há muitos anos desejada pelo povo guanabarrino, reveste-se da maior importância e deverá ser prestigiado pela população.

A Constituição, apesar de não consignar em seu texto algumas das mais sentidas reivindicações do carioca, inclusive outras de caráter democrático e popular, cristalizando assim muitas das esperanças depositadas pelo povo nos constituintes que elegeu.

A cerimônia de promulgação da Carta Magna do Estado, se realizará às 20,30 horas, devendo usar da palavra, na ocasião, um representante da maioria, um da minoria e o presidente Lopo Coelho. O presidente da República, governadores de Estado, autoridades federais e municipais estão convidadas a assistir ao ato, que se revestirá de toda a simplicidade. O povo, também, não deverá faltar.

Em sessão solene a se realizar no noite do próximo dia 27, no Palácio Tiradentes, será promulgada a Constituição do Estado da Guanabara. O ato, pelo sentido que tem de conquista definitiva da autonomia há muitos anos desejada pelo povo guanabarrino, reveste-se da maior importância e deverá ser prestigiado pela população.

A cerimônia de promulgação da Carta Magna do Estado, se realizará às 20,30 horas, devendo usar da palavra, na ocasião, um representante da maioria, um da minoria e o presidente Lopo Coelho. O presidente da República, governadores de Estado, autoridades federais e municipais estão convidadas a assistir ao ato, que se revestirá de toda a simplicidade. O povo, também, não deverá faltar.

Em sessão solene a se realizar no noite do próximo dia 27, no Palácio Tiradentes, será promulgada a Constituição do Estado da Guanabara. O ato, pelo sentido que tem de conquista definitiva da autonomia há muitos anos desejada pelo povo guanabarrino, reveste-se da maior importância e deverá ser prestigiado pela população.

CONCURSO DA RAINHA SERÁ O PONTO ALTO DOS FESTEJOS

Sítio São Bento Vai Pegar Fogo na Festa Campestre do Dia 26

Mais três dias e centenas de guanabarrinos e fluminenses reunir-se-ão no Sítio São Bento, em Caxias, na festa popular que se realizará dia 26, naquele local, sob o patrocínio de NOVOS RUMOS. A procura dos convites, que ainda podem ser retirados até sábado às 12 horas, na gerência deste

jornal, à avenida Rio Branco, 257, sala 905, foi das mais intensas nos últimos dias, como intenso tem sido o trabalho da comissão organizadora para proporcionar aos participantes da festa um dia vivo e alegre.

O programa

1a. parte: Baile ao som melodioso da orquestra «bossa nova» banho de piscina para garotada, concurso da rainha da festa, torneio de vólibol com prêmios.

2a. parte: 12 às 15 horas — monumental show, com artistas profissionais e amadores, esquetes com o teatro de arena, movimentado programa de calouros, atrações: exibição de conjuntos folclóricos e outros artistas.

3a. parte: 15 às 16 horas — saudação aos presentes feita pelas personalidades políticas, especialmente convidadas.

4a. parte: 16 às 17 horas — coroação da rainha da festa show-baile com a orquestra «bossa nova» e outros conjuntos.

O concurs

Além das outras atrações que serão oferecidas, aparece como ponto

alto da grande festa campestre de NOVOS RUMOS, o Concurso da Rainha. Dezenas de candidatas já se inscreveram, mobilizando em torno delas os jovens cabos eleitorais que envidam os máximos esforços para verem coroada a sua preferida. Nos diversos bairros da Zona Norte, onde é maior o número de candidatas, a atividade dos cabos eleitorais é intensa. Meier, Madureira, Deodoro, Campo Grande, Padre Miguel, Jacarépaguá e Tijuca são os pontos de maior concentração da propaganda eleitoral, pois cada um deles levará uma representante para participar do concurso.

A iniciativa, por todos os efeitos já vitoriosa, vem despertando grande en-

lusiasmo entre os jovens, fazendo prever uma jornada alegre e divertida para todos os que compareceram a grande festa campestre do dia 26.

Condução e convites

O transporte para o sítio não é problema. Da cidade, qualquer condução para Caxias, E, de lá, ônibus e lotações Compos Elisias, Parada Angélica, Belford Roxo, Caxias e Manliqueira.

Os convites podem ser encontrados na gerência de NOVOS RUMOS e nos postos existentes nos diversos bairros da Zona Norte.

Ato público sobre Eichman e anti-semitismo

A União Cultural Israelita Brasileira e a Biblioteca Scholem Aleichem convidaram personalidades de renome, a fim de se pronunciarem a respeito do processo ora movido contra Adolf Eichmann, bem como acerca das advertências divulgadas quanto a possíveis atos de manifestação nazista anti-semita em relação ao referido processo.

Participarão desse ato, entre outros, o jornalista Maurício Caminha de Lacerda e o Juiz Osny Duarte Pereira.

Essa assembleia pública será realizada domingo próximo, dia 26, às 20,30 horas, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa.

NOVIDADES — livros de marcante atualidade
Você pode adquirir na
LIVRARIA DAS BANDEIRAS

A. V. Michulin — HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE (reedição)	230,00
E. A. Rosinsky — HISTÓRIA DA IDADE MÉDIA	250,00
N. Efmov — HISTÓRIA MODERNA	250,00

(livros de estudos de História sob as luzes de um método mais moderno de pesquisa) — o materialismo histórico.

Rua Paço — BRAS. L. SÉCULO XX

contem alguns elementos essenciais da história do nosso País que tornam possível uma melhor compreensão do presente e uma perspectiva do futuro 350,00 |

Osny Duarte Pereira — ESTUDOS NACIONALISTAS — 2 volumes (enriquecidos com dezenas de fotografias, mapas e gráficos) a leitor encontrará estudos condensados e o que cada brasileiro deve saber sobre os mais palpitantes problemas nacionalistas, num retrospecto da vida política, econômica e social do Brasil, de 1953 a 1960 320,00 |

(do mesmo autor) — prefácio de Lourival Fontes

NOS E A CHINA — 2 volumes

nova edição, atualizada e ampliada, com suplemento sobre "Comunismos Populares" — A Nova etapa da Revolução Chinesa e Estatuto Provisorio da Comunista Popular "Sputnik". Por que não estudar os problemas do Oriente semelhantes aos nossos? 360,00 |

Paul M. Sweezy-Leo Huberman

SO JULIO — CUBA ANATOMIA DE UMA REVOLUÇÃO (2ª edição) 250,00 |

... e uma análise objetiva da revolução cubana, desde as condições históricas, econômicas e sociais que a determinaram, até os últimos acontecimentos a ela ligados.

FAÇAM SEUS PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL À
LIVRARIA DAS BANDEIRAS
 Rua Riachuelo, 342 — Loja 2 — Fone: 36-4871
ATENDEMOS PRONTAMENTE



Séria candidata

Norma Alves, estudante, é uma das mais sérias candidatas ao título de rainha da festa. Suas zonas eleitorais mais importantes são: o Centro, a Leopoldina, Campo Grande e Zona Sul. Os estudantes são seus cabos eleitorais

ACABA DE CHEGAR O
MANUAL DE MARXISMO-LENINISMO
 (em castelhano)

— peça-o hoje mesmo pelo reembolso postal, antes que se esgote.

... redigido por um grupo de destacados publicistas soviéticos, sob a direção de Otto V. Kuusinen.

... conseguiram os seus autores, oferecer-nos uma pequena enciclopédia dos fundamentos do marxismo-leninismo, encontram-se aqui, claramente sintetizados, os aspectos básicos da doutrina marxista, em sua projeção atual...

A unidade harmônica dos problemas tratados na obra, a clareza e brilhantismo com que são expostos, conjugados com uma grande riqueza de argumentação e documentação, com uma seleção muito cuidadosa dos textos clássicos de Marx, Engels e Lenin, citados em suas paginas, fazem da mesma — um guia de estudo insubstituível para quantos queiram informar-se do que é uma teoria, em torno da qual gira hoje a marcha do mundo.

brochura: 960,00
 encadernado 1.360,00

Faça o seu pedido pelo reembolso postal à

LIVRARIA DAS BANDEIRAS
 Rua Riachuelo, 342 - Loja 2 - fone: 36-4871 - São Paulo
ATENDEMOS PRONTAMENTE

Vida Reajustada

Essa perspectiva de encarecimento do custo de vida, com a reforma cambial, está criando novas formas de sofrimento para o povo: a espera angustiante de mais aflições. A espera angustiante de comprar menos, para atender às necessidades que vão se multiplicando. Necessidades fundamentais para a sobrevivência das famílias. Como resultado das primeiras aflições anunciadas já houve a alta do pão. E embora o Evangelho sentencie que "não se de pão vive o homem", já vi muita gente morrendo de fome. E muitos irem vivendo, também, com fome. Afinal de contas, é esse o mal de 2/3 de nossa população.

A maior angústia para o condenado à morte deve ser a espera do momento fatal. E o povo, que foi condenado à fome, está esperando numa angústia vizinha da condenação à morte. Amanhã, comprará menos pão. Depois, comprará menos... tudo! Mas os jornais que, sempre, publicaram tabelas e tabelinhas, dados comparativos e estatísticos de todas as fontes, agora, discretamente, falam em "reajuste". A vida não vai ficar mais cara, vai ser reajustada. Muito bem reajustada, às ordens, às inspirações e ao figurino do Fundo Monetário Internacional. E essas crianças todas, como vão comer, como vão viver? É só de que me lembro! É só o que me aflije!

Onde estão os bispos tão proucos em suas cartas, sobre os enganosos projetos de reforma agrária e os perigos de uma educação sem privilégios? Não vão dizer, a título de consolo, que "os lírios dos campos que não têm e nem fiam têm vestes mais bonitas do que as de Salomão, em toda a sua glória"? Apesar de todos os milagres anunciados, o da multiplicação dos peixes e a dos pães, as crianças continuarão mais famintas, mais esfarrapadas. E me preocupa até a falta de soleiras nas portas, onde possam dormir, pois se multiplicam, isso sim, e continuarão se multiplicando, os rendosos negócios imobiliários. Gostarei muito de saber como viverá uma família cristã pagando a valorização da moeda americana...

Ontem, o povo morria da doença. Amanhã, morrerá da cura. Mas as lições têm que ser aprendidas, principalmente as lições das coisas que mais duramente nos atingem. Lá na minha terra — confins do mundo e centro da miséria — um homem estava morrendo, e como não havia vela, puseram-lhe um pouco de terra na mão e sobre a terra um carvão aceso, para iluminar-lhe os últimos momentos. E o quase morto, num desses repentinos de observação muito próprios do caubo nordestino, conseguiu, ainda, balbuciar: "Morrendo e aprendendo..." E o que a maioria vai começar a dizer. Só tenho piedade das crianças! Mas será que os bispos não vão escrever uma carta?!

Ana Montenegro

500 Embarcações Pesqueiras de Todos os Tipos Estão Sendo Construídas em Cuba

(SERVIÇO ESPECIAL DE PRENSA LATINA) HAVANA (PL) — Com seus 3500 quilômetros de costas suas 1600 ilhotas e ilhéus e mais de 450 espécies comestíveis em seus mares próximos, Cuba era tradicionalmente um povo que não incluía em sua alimentação

o pescado e os mariscos. A diversas razões ter-se-ia que atribuir o fato de que, por dezenas de anos, as inesgotáveis riquezas do mar se mantiveram à margem de qualquer exploração intensiva. Enquanto se verificava isso, ao longo das costas cubanas milhares de pescadores ar-

rastavam uma existência miserável. Para subsistir, dependiam de pequenas embarcações e das mais rudimentares artes de pesca. Instrumentos de trabalho anacrônicos traziam fome e miséria para o pescador cubano.

Nos portos, por outro lado, os homens do mar eram vítimas da maior exploração nas mãos dos intermediários que adquiriam sua mercadoria. Dessa maneira, os que não se expunham aos perigos da luta contra os elementos acumulavam fortunas comprando o pescado a preços irrisórios para revendê-los depois nos mercados com grande margem de lucro. Um exemplo típico dessa exploração, que persistiu até o triunfo da Revolução, é dado pela pesca em águas profundas do Golfo do México. Os contratadores dos barcos, ao regressarem estes depois de uma ausência de três ou quatro semanas, fixavam preços baixos para o pescado destinado aos mercados, que eles controlavam através de intermediários.

E se a existência dos tripulantes dos barcos de maior calado («viveros») estava assim cercada de atribulações, pior ainda era a dos milhares de pescadores que dependiam de embarcações pequenas, movida a remo, dispondo tão somente de recursos manuais. A obra do escritor Ernest Hemingway «O Velho e o Mar», inspirada na vida de um pescador do porto de Cojimar perto de Havana, descreve com toda a sua

MORACIO GUTIERREZ

dramaticidade a vida cheia de miséria do pescador cubano.

Escasso rendimento

Com minúsculas embarcações e antiquados métodos de pesca, era lógico que fosse escasso o rendimento médio da pesca nacional. Um estudo feito pelo Banco de Fomento Agrícola e Industrial, publicou-se há alguns anos que em Cuba havia 12000 pescadores profissionais que, com suas famílias, constituíam uma massa de 62650 pessoas e que cerca de 10000 trabalhadores, com seus 50000 parentes, estavam ligados à pesca. O total de dependentes da indústria e do comércio da pesca alcançava, nesse levantamento, 133550 pessoas.

Quando em janeiro de 1959 o governo revolucionário empreendeu a gigantesca tarefa de transformar a estrutura econômica semicolonial imposta a Cuba pelo imperialismo norte-americano, a chamada indústria pesqueira se caracterizava por seu atraso técnico e pelo baixo nível de vida dos homens que nela trabalhavam. Vencer ambas as coisas exigia organização e inversão econômica. Para isso se criou o Departamento de Pesca do Instituto Nacional de Reforma Agrária. O primeiro passo que se deu foi agrupar em cooperativas os milhares de homens do mar explorados e subsequentemente, a construção de embarcações pesqueiras e depósitos com câmaras de refrigeração para armazenar centenas de milhares de libras de pescado e mariscos; e mais a construção de habitações higiênicas e confortáveis.

Nos dois anos de Revolução o avanço na produção pesqueira pode ser avaliado pelos resultados estatísticos. No último ano da tirania, 1958, a produção atingiu 37.000.000 de libras, sendo que 25.000.000 correspondentes a pescado e o restante a mariscos e moluscos. Para 1961 a meta traçada pelo Departamento de Pesca do I.N.R.A. é de 100.000.000 de libras de pescado — o que duplicará a produção de 1960. A proporção se mantém no tocante à produção de mariscos: ou seja 64.000.000 de libras para 1961.

500 embarcações

Com a finalidade de dotar a indústria da pesca de recursos da técnica moderna, o governo revolucionário, através do Departamento de Pesca do I.N.R.A., pôs em andamento um vasto projeto nas 75 cooperativas e subcooperativas de pescadores que funcionam no país. Em 14 estaleiros cerca de 500 trabalhadores se empenham na construção de 500 embarcações de pesca ao custo aproximado de



Peixe barato

6.000.000 de pesos. Estas embarcações compreendem diferentes modelos e tamanhos, 250 são de 33 pés; 140 de 42 pés; 10 de 50 pés; 80 de 60 pés; 40 de 75 pés e 20 de 110 pés. Das que atualmente estão em construção, 200 serão postas em serviço no mês de fevereiro. As embarcações de 33 e 42 pés estarão equipadas com câmaras de refrigeração, tanque para o pescado vivo, geladeira com capacidade para 3.000 libras de pescado, quatro beliches e fogão a gás. Os barcos de 50 pés têm capacidade para 22 toneladas de pescado congelado. Os barcos de 110 pés (para a pesca do atum, entre outros) estarão aparelhados com radar. Os de 60 pés destinam-se à pesca da lagosta nas águas costeiras de Cuba.

Até 1958 Cuba importava cerca de 100.000.000 kg de produtos marinhos, atualmente. Agora a Revolução, incrementando a produção pesqueira, determinou que diminuíssem as importações, apesar do enorme aumento do consumo — já que os camponeses começaram a consumir cotidianamente pescado e mariscos. A baixa da importação foi tão brusca que em 1960 não atingiu a mais que 6.000.000 kg. Durante o mesmo ano, entretanto, as exportações de Cuba referentes a camarões, lagostas e rãs elevaram-se à cifra de três milhões de pesos.

Sistema cooperativo

Da mesma forma que as cooperativas agrícolas, as pesqueiras constituem outro triunfo do governo revolucionário, tanto pelo incremento da produção como pelo extraordinário melhoramento das condições de vida dos pescadores. Juntamente com o projeto da construção de 500 embarcações, estão se edificando os povoados de pescadores. No porto de Manzanillo, em Oriente, o novo povoado tem 450 habitações recém-construídas e está dotado de centro escolar, biblioteca pública, mercado popular, parque, jardins e luz elétrica. Outro povoado com 350 casas está sendo erguido no porto de Calbarlón, na província central de Las Villas. Os cooperativistas pagarão suas residências a longo prazo.

O sistema cooperativo trouxe para o pescador cubano, abandonado a sua sorte por dezenas de anos, a oportunidade de realizar um trabalho de crescente rendimento, em que os lucros revertem em proveito da nação e não, como antes, quando iam parar nos bolsos de uns poucos senhores.

Projetos para 1961

No Departamento de Pesca do I.N.R.A., o planejamento dos projetos para 1961 orientam-se todos no sentido de ultrapassar as metas logradas em 1960. No ano passado concluíram-se realizações importantes como o edifício do Depósito de Pesca na baía de Havana, com capacidade para armazenar um milhão e meio de libras de pescado e mariscos.

Com o início de 1961, Cuba trabalha ativamente na tecnização da indústria pesqueira. No transcurso deste ano muitas embarcações ficarão prontas para entrar em serviço. Além dos barcos de aço, construídos na Polónia, para a pesca de arrastão, com uma tonelagem bruta de 106 toneladas,

Um incremento todo especial vem sendo dado pelo governo à pesca. Flotilhas modernas de barcos pesqueiros são organizadas, prevendo principalmente a pesca do atum em grande escala

também se está negociando a compra de navios de 200 toneladas para pesca de atum e está sendo concluído o acondicionamento do barco de construção alemã «Guamcahabibes». Esses quatro navios pescarão toneladas de atum para o abastecimento dos depósitos frigoríficos.

A modernização da pesca em Cuba, em 1961, implica, ademais, a introdução de novos métodos, para o ensino dos quais foram contratados técnicos poloneses e japoneses.

No Centro de Pesquisas da Pesca concluiu-se o projeto de pesquisa do ciclo da camarão. Avançaram os estudos que tratam do emprego de um método mais adequado para a pesca da lagosta e serão feitas pesquisas completas sobre as espécies encontradas na zona da costa norte, compreendida entre os portos de Cienfuegos e Antilla. Outro plano do Departamento de Pesca do I.N.R.A. visa a modificação da atual Lei de Pesca, no sentido de fixar períodos de repouso por zonas, em vez de interdição total e em zonas restritas.

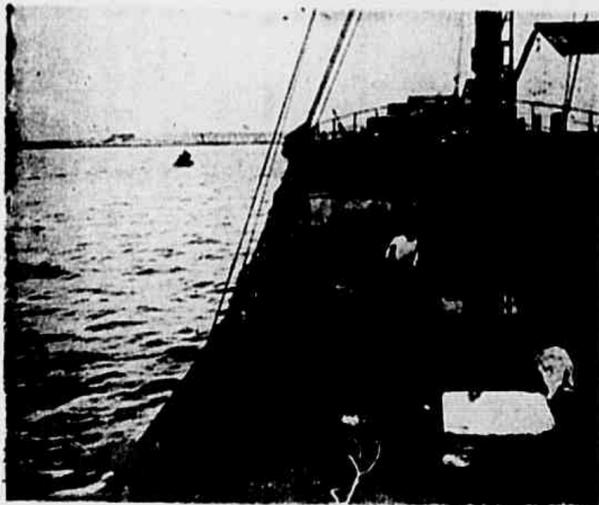
Também se prevê para este ano de 1961 a industrialização em grande escala dos produtos do mar. Atualmente o Departamento de Pesca do I.N.R.A. administra três fábricas de conservas de lagostas, sardinhas, tatarugas, etc. Para os fins de 1961 estarão funcionando duas novas fábricas para o processamento de sardinhas, cuja pesca utilizará a rede japonesa. Outras fábricas — de enlatamento de atum — serão instaladas, com capacidade para produção diária de três mil caixotes, cada um contendo 48 latas de 250 gramas.

A transformação do sistema de transporte do pescado e sua forma de venda ao público será radical. Com esse propósito negociou-se a aquisição de 15 caminhões frigoríficos na República Popular da Hungria. Esses veículos distribuirão os produtos marinhos nas províncias e na capital da República. No futuro, os consumidores em vez de adquirir pescado fresco, receberão congelado.

1961 será o ano em que, com a realização desses planos, Cuba avançará no caminho da tecnização da indústria pesqueira, superando mais de meio século de atraso. O aumento da produção por meio do emprego de modernas embarcações e métodos de pesca, assim como a instalação de novas fábricas de conservas, permitirão que este país se converta, de importador, em exportador de produtos do mar.

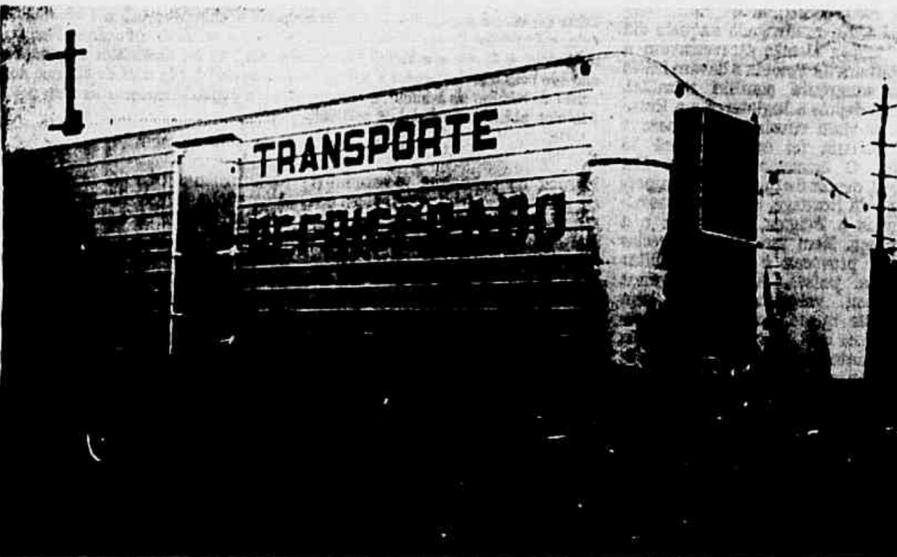
Muitos mercados estão à espera dos produtos cubanos, cuja venda ficou garantida através dos convênios comerciais que Cuba assinou nos últimos meses, especialmente com os países do campo socialista. A esportação cubana, por exemplo, de uma qualidade excepcional, será adquirida totalmente pela União Soviética. O Canadá e outros países mostraram-se interessados em importar lagostas e rãs.

Com a exploração intensiva dos inesgotáveis recursos do mar, o governo revolucionário enfrenta outra importante batalha para levar o bem-estar e a felicidade a milhares de pescadores que viviam no maior abandono e miséria.



Na campanha para a modernização da frota de barcos-pesqueiros, o governo cubano dedica particular atenção à construção de embarcações nos estaleiros

Produto nacional



O plano prevê também a construção de grande número de frigoríficos, dotados dos recursos mais modernos, assim como a organização de uma frota de caminhões-frigoríficos (foto) capaz de levar o pescado às regiões mais distantes do litoral. Essas providências são tomadas para favorecer o fornecimento do produto a preços muito baixos

Frigoríficos e distribuição

Nota Internacional

O Reinício do Diálogo

Durante 5 horas conferenciaram em Washington o ministro do Exterior da URSS, Andrei Gromiko, e o secretário de Estado Dean Rusk. Entrevista onde os pontos-de-vista de ambas as partes foram expostas franca e abertamente, segundo informações oficiais, e onde as questões em pauta foram justamente aquelas que mais contribuíram para o agravamento da tensão mundial e de cuja solução depende, em grande parte, o progresso nas negociações de paz e o restabelecimento do clima que vinha marcando os contatos soviético-norte-americano antes do ato provocatório do avião de espionagem «U-2», que levou ao malogro da conferência de cúpula, em maio do ano passado.

O laconismo do comunicado divulgado após o encontro dos dois estadistas revela as dificuldades que existem para se encontrar um campo comum de entendimento. A própria formulação da política externa a ser adotada pelo presidente Kennedy em sua administração e a atitude do governo norte-americano e de sua delegação na ONU no que se refere ao problema do Congo e à guerra no Laos, indicam que os círculos oficiais dos Estados Unidos ainda resistem muito em abandonar a política agressiva de guerra fria inaugurada em 1947, e estimulada pelas administrações republicanas, da qual o falecido Foster Dulles foi o grande teórico.

A atitude da União Soviética, no que se refere ao processo para encaminhar as negociações, tem sido bastante clara e o governo da URSS, após a posse de Kennedy, deu passos positivos no sentido de facilitar o reinício do diálogo interrompido em maio de 1960. Suas propostas têm sido todas nesse sentido, assim como seus atos. Libertou os aviadores aprisionados após um vôo de espionagem sobre o seu território; propôs concretamente, baseada nos interesses da paz e dos países do sudeste asiático, uma conferência internacional para solucionar o problema do Laos; quanto ao Congo, é conhecida sua posição contra a intervenção de qualquer país nos assuntos internos daquele país, inclusive das forças da ONU, e, no que concerne ao desarmamento, está disposta a discutir acordos parciais até se chegar à eliminação definitiva, por ela proposta, de todo o tipo de armamento existente na Terra. Reclama também a URSS, assim como a maioria dos países do mundo (veja-se a resolução adotada agora na reunião dos países da Commonwealth), a participação da China Popular nessas negociações e o seu ingresso na ONU.

Sobre essas questões fundamentais é que os norte-americanos ainda se mantêm em posições semelhantes às adotadas por Eisenhower, e por isso mesmo intransigentes quanto à possibilidade de um acordo no interesse da paz mundial. Entretanto, o reinício das negociações, ainda que em círculo restrito, constitui um fato positivo e revela as possibilidades existentes para a sua ampliação. Além disso, a situação atual do mundo, o crescer constante daquelas forças que desejam a paz e a coexistência pacífica, inclusive dentro dos próprios Estados Unidos, a posição de numerosos países diante dos problemas da paz e da guerra, atuam de maneira a forçar o encaminhamento do processo de negociações a fim de que sejam cada vez mais limitados os pontos de atrito e sejam eliminados definitivamente os focos de guerra que põem em perigo, no atual momento, a paz mundial.



Não existe outro caminho

O governo francês decidiu, oficialmente, reiniciar as negociações com os representantes da FLN e do GPRA visando a chegar a um acordo sobre a paz na Argélia e a independência daquele território africano. A decisão do general De Gaulle, apoiada pela maioria do povo francês e, oficialmente, pelo Partido Comunista, resultou, mais do que de suas promessas e dos interesses colonialistas que ele representa, da realidade da situação e da impossibilidade de se encontrar outro caminho para a paz. Durante três anos o chefe do Estado francês procurou soluções de compromisso, um caminho francês para a questão argelina. Todas as suas manobras, entretanto, cairam por terra porque se chocavam com os interesses do povo daquela região. Agora, em virtude principalmente dos resultados do plebiscito e das manifestações antifrancesas realizadas nas grandes cidades da Argélia, ele é obrigado a aceitar a discussão com os delegados de Abbas. O passo importante foi dado. Agora só resta esperar que a França aceite a realidade argelina como ela é, e não como a querem os colonialistas.

PONDO OS PINGOS NOS II

Realizaram-se no dia 19, na província de Santa Fé, na Argentina, eleições municipais. Os resultados deram a vitória aos frondistas, do que se aproveitaram alguns órgãos conhecidos da imprensa brasileira para cantar em altos brados o acontecimento. Não foi somente o desejo de bem informar que os levou a descrever tão detalhadamente os resultados do plebiscito. Queriam dizer, com o destaque que davam ao fato, que ele representava uma afirmação da «política de antedriedade» (igual a que Jânio começou

Duas posições no socialismo europeu

Os socialistas italianos encerraram, dia 19 último, em Milão, o seu Congresso. Os resultados dessa reunião estavam sendo aguardados ansiosamente dentro e fora da Itália, pois além de pendia a reconciliação do PSI com a social-democracia da Europa Ocidental. Os socialistas peninsulares, que desde o fim da última guerra orientaram sua ação política no sentido do fortalecimento da unidade do movimento operário e da luta pelo socialismo, adotaram, nos últimos tempos, em virtude da ação de sua ala direita e do seu líder Nenni posições reformistas de conciliação com o governo dos democratas cristãos. A política preconizada por Nenni era semelhante a adotada pelos partidos da social-democracia dos países da NATO e que os levou à desmoralização diante das grandes massas de trabalhadores, como são os casos do trabalhismo inglês, do socialismo oficial francês e, mais recentemente, do PSD da Alemanha Federal. O Congresso, entretanto, rejeitou essa orientação, ressaltando que o caminho proposto por Nenni levava à traição, ao abandono dos verdadeiros ideais socialistas que ligavam o PSI aos trabalhadores italianos.

aplicar no Brasil) do entreguista Frondizi. Vendo-se o acontecimento isoladamente pode-se ter essa impressão. Mas, no conjunto, da situação argentina, e panorama é bem outro. Foi essa a primeira vez que Frondizi obteve uma vitória parcial depois que se entregou de corpo e alma ao FMI. Em fevereiro, em pleitos realizados em Buenos Aires e na província de Salta, seus candidatos foram fragorosamente derrotados, o mesmo ocorrendo em eleições anteriores.

Hoje o Imperialismo Vive a Sua Longa Noite de Agonia

O ritmo alucinante do charleston dominava os salões teatralmente iluminados. Nas ruas, automóveis em desabalada carreira e o matraquear conhecido das trabalhadoras usadas pelos gangsters em luta entre si e contra a polícia. Os bares clandestinos proliferavam em Nova Iorque, Chicago e outras grandes cidades da América do Norte. O uísque proibido pela lei seca era consumido em quantidades jamais vistas. Al Capone começava a ser rei. Nas telas, a figura de Rodolfo Valentino "incendiava" os corações femininos. A marca Ford de automóveis produzidos em série ganhava o mundo e alardeava o poder do Estado capitalista mais adiantado. Eram os anos de 22, 23, 24 da era coolidgeana, a década de ouro.

Os Estados Unidos detinham mais de metade da produção mundial de petróleo, aço e outros artigos. Nas suas estradas corriam 2 3 dos automóveis fabricados no mundo e seu território era cortado por uma rede ferroviária igual a metade da existente no Globo. Surgia naqueles primeiros anos de após-guerra o gigante capitalista, poderoso economicamente como jamais o fora outro país, consolidando sua posição de grande potência imperialista.

Na velha Europa, sacudida pela crise terrível que se abateu depois do conflito, os alicerces da velha ordem capitalista haviam sido abalados pela revolução russa que começava a construir uma nova sociedade, a sociedade socialista, o primeiro Estado de operários e camponeses.

A velha Prússia, cujo povo havia derrubado a tirania do Czar em 1917, era um vazio. Na Inglaterra, na França e na Itália os trabalhadores lutavam de todas as formas e por todos os meios contra a miséria, a fome e o desemprego. Na Alemanha derrotada, os trabalhadores tomaram das armas e fizeram uma revolução democrática. Foram donos de Berlim por mais de uma semana. Na Hungria, o povo fizera uma revolução e instalara um Estado proletário. Por mais de 3 meses, na primavera de 1922, estiveram em greve os mineiros de carvão da Inglaterra; na França foram os metalúrgicos. Surgiam em todos os países, sob o influxo da revolução russa e das idéias do marxismo-leninismo, partidos comunistas e operários. Em dezembro de 1920, os operários franceses repudiavam o reformismo social-democrata e fundavam o Partido Comunista. Em 1921, na Itália, cindia-se o Partido Socialista e aparecia o Partido Comunista.

A onda revolucionária provocada pelo exemplo do povo russo e a luta cada vez mais consciente dos trabalhadores ultrapassavam as fronteiras da Europa. Na Ásia, o povo chinês lutava para ampliar as conquistas da revolução de 1911, os comunistas à frente; os trabalhadores e camponeses do Japão revoltavam-se contra o regime de fome e miséria que lhes era imposto. Um movimento grevista de caráter nacional, conhecido como a "agitação do arroz", eclodiu em 1922 e dele participaram milhões de trabalhadores japoneses. Em Hong Kong, marinheiros e trabalhadores declararam-se em greve durante todo o mês de janeiro daquele ano. Na África e no Oriente Médio eclodiam os primeiros movimentos insurrecionais. Na Turquia, abalada pelas guerras sangrentas das quais participou nos primeiros 20 anos do século, caía a monarquia e era implantada a República. Os povos da África do Norte se rebelavam contra os colonizadores anglo-franceses.

Um futuro sem esperanças

Para contrastar a onda revolucionária e de libertação que incendiava os povos da Europa e as populações africanas e asiáticas, os capitalistas e colonialistas usaram de todas as armas. A luta dos povos coloniais foi esmagada com a intervenção armada dos colonialistas, que afogaram no sangue a rebelião dos nativos da África do Norte. No Oriente Médio, depois da derrocada do Império Otomano, os colonialistas ingleses e franceses se apossaram das riquezas daquela região através da instalação de governos títeres e da presença de exércitos fortemente armados. Na Ásia, os objetivos da revolução chinesa eram fraudados pela ação do Kuomintang de Chiang Kai Chek e pelo aparecimento do Japão como grande potência imperialista.

Naqueles anos da década de 20, não era outra a fisionomia da velha Europa. A guerra civil provocada e estimulada pelos países capitalistas com o objetivo de derubar o governo de operários e camponeses da Rússia, deixara marcas profundas na vida da jovem nação. A fome e a miséria grassavam, o povo sofria terrivelmente os seus efeitos mas lutava para construir a nova sociedade. Os menos pessimistas auguravam um fim próximo para o que chamavam a "aventura dos bolcheviques". Ninguém, ou melhor, os economistas e especialistas da burguesia, acreditava que o novo regime pudesse sobreviver à crise que atravessava. Naqueles anos provocavam sorrisos irônicos e deboches os "planos mirabolantes" de Lenin sobre eletrificação e industrialização da Rússia.

Nos velhos países e naqueles que surgiram depois do conflito mundial, os movimentos revolucionários e as lutas populares começavam a ser esmagados. A revolução gloriosa do povo húngaro, liderada por Bela Kun, foi destruída e em seu lugar surgia o primeiro Estado fascista. Na Itália, para contrapor-se à ação cada vez mais vigorosa dos trabalhadores, a burguesia estimulava e fortalecia o movimento do renegado socialista Mussolini e facilitava a instauração do poder fascista na península. Em outubro de 22, com a comédia da "Marcha sobre Roma", as camisas-pretas assaltavam o poder dando início ao longo calvário do povo italiano. As nuvens sombrias dos anos de terror que se abateriam sobre toda a Europa, alastrando-se depois ao mundo, começavam a toldar os céus do velho Continente.

Em março de 1921, nas ruas de Berlim, um cortejo de manifestantes destilava empunhando uma bandeira branca com, ao centro, o símbolo da suástica. Pela primeira vez aparecia em público o estandarte do Partido Nacional Socialista, fundado pouco tempo antes em Munique. Sob a bandeira do revanchismo, do reerguimento da nação alemã, um grupo de fanáticos ensaiava os primeiros passos para a conquista do poder no país. Um obscuro pintor de nome Adolfo Hitler era o filiado n.º 7 do Partido Nacional-Socialista da Alemanha. Não se passou muito tempo, pouco mais de um ano, e já eles tentavam o primeiro golpe para se apoderar do poder: no dia 8 de novembro de 1923 ocorreu o "putsch" de Munique, abafado pelo governo. Temporariamente, entretanto, pois com o agravamento da situação na Alemanha, com a radicalização cada vez maior da luta política no país, onde a força dos comunistas crescia de forma tal a amedrontar a burguesia monopolista, mais esta

se aproximava dos nacional-socialistas e mais condições criava para lhes entregar o poder. Os anos correram rapidamente, a social-democracia a quem capitulava diante da burguesia e assim foi aberto o caminho para Hitler e seus asseclas: em 1933 eles se apoderaram da Alemanha e mergulhavam o país na mais negra das ditaduras que a humanidade moderna já conheceu.

Os anos de sombra

Superada a crise dos anos que se seguiram à guerra civil, o povo russo realizava a gigantesca tarefa traçada por Lenin de transitar de uma velha Rússia, de país atrasado, em país poderosamente industrializado. Ao mesmo tempo que o mundo capitalista mergulhava nos anos de 29 e 30, no mar da crise econômica que pôs fim à década de ouro, o povo da agora União Soviética empreendia a obra de construção do Estado socialista. Era o único no mundo e contra ele voltava-se o capitalismo. Os regimes fascistas instaurados na Europa como armas para destruir as lutas populares nos países capitalistas do Velho Continente, passaram a ser utilizados como bases para uma futura agressão contra a União Soviética. Em 1929, ao início da grande crise, já se alimentava nos países da Europa e da Ásia o clima preparatório para a guerra contra os soviéticos. O Japão, dominado pela casta militarista que ansiava erguer o grande império do Oriente, conquistara a Manchúria e voltava suas vistas para a região mais oriental da terra soviética. A Sociedade das Nações, constituída logo após o término da Primeira Guerra Mundial com o objetivo de promover a paz no mundo e o desarmamento universal, desmoralizava-se em virtude da ação dos Estados imperialistas que dela participavam. A URSS, que nela ingressara, era impotente, porque só para impedir a crise do organismo e a política agressiva das potências imperialistas. Sob o impacto do caos econômico, as nações capitalistas começaram a preparar o campo para uma nova guerra. As alianças belicistas, as intenções agressivas das nações sob o domínio dos fascistas eram estimuladas pela passividade das grandes potências europeias e pelo isolamento dos Estados Unidos. Em 1935 os fascistas italianos empreenderam a conquista da Abissínia; em 1937, o Japão atacava a China sob as vistas complacentes da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos. Hitler, instalado firmemente no poder, auxiliado economicamente pelas grandes potências imperialistas que alimentavam o sonho de vê-lo empenhado numa guerra de agressão con-

tra a União Soviética, acelerava o rearmamento da Alemanha e iniciava a conquista dos territórios europeus que considerava alemães. A Áustria foi anexada, o controle do Sarre pela Alemanha já havia sido retomado há algum tempo. Depois, veio a vergonha de Munique, onde a Inglaterra e a França outorgaram ao nazismo o direito de se apoderar da Boêmia e da Morávia, na Tchecoslováquia, sacrificando a jovem nação. O terror nazi-fascista se abatia assim sobre a Europa.

Na Inglaterra e na França, como em outros países, o povo lutava contra essa política de fortalecimento do nazismo. Identificado como o inimigo número um dos povos, o nazismo era combatido e denunciado pelos partidos e organizações populares. Na França e na Espanha, sob o signo da luta contra o fascismo, os partidos de esquerda, unidos nas frentes populares, venceram as eleições em 1935 e 1936. Entretanto, essa onda durou pouco. Reprimiu-se a luta popular e se estimulava a ação dos fascistas. Na Espanha eclodiu a sangrenta guerra civil e o mundo estupefocado assistiu ao massacre de populações inteiras pelos aviões da armada aérea alemã, à ação dos soldados da Itália fascista contra o povo espanhol. O mundo marchava rapidamente para um novo conflito. A noite negra do fascismo se abatia sobre milhões de seres humanos.

No dia 1 de setembro do ano de 1939, começava a grande tragédia. Na madrugada daquele dia as tropas alemãs atravessavam a fronteira da Polónia e davam início ao sangrento conflito mundial. Logo depois a Inglaterra e a França se viam envolvidas no mesmo. A Polónia foi esmagada em 15 dias. O fascismo avançava. Em 1940, depois da queda da Dinamarca e da Noruega, os nazistas assaltavam a Bélgica, a Holanda e a França. Nem um mês foi preciso para provocar o colapso militar desses países. A velha França tombou vergonhosamente, sem resistir quase, dominada que estava por um governo corrupto que, enquanto prendia e torturava os militantes comunistas, abria as portas do país às hordas nazistas. Na primavera de 1941, o povo grego e o povo iugoslavo sucumbiam diante do poderio armado da Wehrmacht, agora tendo os italianos como aliados. Os países balcânicos estavam já sob o domínio de governos pró-fascistas que haviam embarcado no trem alemão. A Europa mergulhara na sua trágica noite de terror.

Mas, o espírito dos povos não havia sido ainda dominado e nem poderia sê-lo. Depois do ataque à União Soviética, em julho de 1941, surgiram nos países ocupados da



DUAS ÉPOCAS

Em janeiro de 1922, antes da fundação do Partido comunista do Brasil circulava o n.º 1 da revista "Movimento Comunista", editado pelo Grupo Comunista do Rio de Janeiro. Naqueles dias o mundo tinha as cores do imperialismo e do colonialismo. A União Soviética era o único país socialista e seu povo lutava contra a crise e a fome. Nos outros países, alguns poucos partidos comunistas se organizavam para contrariar o domínio do reformismo social-democrata sobre o movimento operário. Hoje, 39 anos depois, a União Soviética não está mais sozinha. Existe um campo socialista do qual fazem parte a China Popular, a Tchecoslováquia, a República Democrática Alemã, a Polónia, a Bulgária, a Roménia, Hungria, a Albânia, a Coreia e a Vietnã Democrática. Os Partidos Comunistas e operários não são mais aqueles poucos e débeis da década de 20. São mais de 80, com dezenas de milhões de militantes, e representando papéis destacados na vida política dos países capitalistas e coloniais.

Europa os primeiros movimentos de resistência. Os guerrilheiros começaram a fustigar as tropas de ocupação. Juntamente com o valeroso povo soviético, os povos de toda a Europa resistiam ao domínio do invasor alemão. Milhares morriam, cidades eram destruídas, os campos de concentração eram verdadeiros sorvedouros de vidas humanas, o terror nazista se abatia sobre populações inteiras, mas não conseguia dobrá-las. Depois veio Stalingrado e o resto. Em abril de 1945 o soldado soviético pisava o asfalto das ruas de Berlim, em maio os povos do mundo festejavam a vitória contra o nazismo, o fim da longa noite de terror.

O mundo de hoje

O novo após-guerra foi diferente. A participação decisiva da União Soviética na vitória contra o nazi-fascismo e a afirmação definitiva do poder socialista, aliada à luta dos povos em cada país da Europa contra o invasor alemão, propiciaram a instauração de Estados de Democracia Popular em vasta região do velho Continente. A partir do fim da última guerra a URSS deixou de ser o único país socialista do mundo e a vitória em 1949, da revolução do povo chinês contra o regime de Chiang Kai Chek, proporcionaram a criação de um sistema socialista que provocou profunda alteração na correlação mundial de forças. Se o após-guerra de 1918 vira o aparecimento de uma nação socialista, impotente ainda para influir na luta libertadora dos povos da Terra, submetida durante muitos anos ao cerco capitalista e a ameaça de uma agressão que veio a se tornar realidade em 1941, o segundo apresentava fisionomia completamente distinta.

O crescimento das forças do socialismo e da paz, o fortalecimento do poderio militar dos países socialistas, capaz de por fim a chantagem da guerra atômica empregada pelos imperialistas norte-americanos logo ao se iniciar a guerra fria com o objetivo de assegurar o domínio mundial que começava a ser abalado seriamente pela luta dos povos coloniais e dependentes, contribuiu também para modificar a situação mundial.

Enquanto nos novos países da Europa se consolidava o poder popular e nos principais países continentais da Europa Ocidental os partidos comunistas e operários apareciam como forças cada vez mais poderosas, na Ásia e na África a luta de libertação dos povos coloniais assumia proporções cada vez maiores. A Índia se tornou independente, o povo indonésio seguiu o mesmo caminho,

assim como outros povos asiáticos. A mancha negra do mapa colonialista da África começou a desaparecer e a ser substituída por zonas brancas da independência dos novos países. Egito, Sudão, Tunísia, Marrocos são hoje livres. Na Argélia, o povo luta de armas na mão contra o poder militar da França, impotente para vencer o exército de libertação. A solidariedade dos povos do mundo e dos países socialistas amparam os povos africanos em sua batalha pela independência.

As manobras do imperialismo e a política de guerra estão sendo cada vez mais desmoralizadas. As forças da paz são cada vez mais fortes e impõem cada vez mais aos imperialistas e colonialistas a sua política antiguerreira. Todos os tocos de agressão foram e estão sendo eliminados graças a essa ação.

Naqueles anos da década de 20, quando o jovem Estado socialista instaurado na Rússia pela revolução do povo se debatia com os graves problemas da guerra civil, da fome e da miséria, os Estados Unidos se afirmavam como a grande potência imperialista, o fascismo avançava e as forças da paz eram impotentes para deter a marcha progressiva da humanidade para a guerra que a ensanguentou durante 6 anos. Hoje, 39 anos se passaram, o imperialismo começa a agonizar debatendo-se numa crise sem solução. Aquilo que há 39 anos era considerado pelos todo-poderosos ianques, o seu "quintal", a América Latina, começa a preocupá-los seriamente. A Revolução Cubana está aí, nos demais países avança o movimento libertador e ant imperialista. Onde não existia um movimento operário consciente, aparecem hoje Partidos Comunistas combativos e dirigentes da luta do povo. Há 39 anos exatamente, no auge dos anos de ouro do imperialismo norte-americano, alguns brasileiros, operários e intelectuais, organizaram o partido dos marxistas brasileiros, inspirados nas idéias de Marx e Lenin e na revolução vitoriosa do povo russo, partido que lutou e sofreu nos anos mais duros da longa noite fascista que se abateu sobre o mundo, que combate hoje à frente de todos aqueles que lutam pela paz e pela soberania nacional.

39 anos se passaram e com eles se transformou a fisionomia do mundo. As forças que começam a predominar são as do socialismo e da paz. Quem sabe a década de 60 será a década de ouro de toda a humanidade livre, a longa noite de agonia do imperialismo e dos remanescentes do fascismo que ainda hoje tentam, inutilmente, levantar a cabeça.

NOVOS RUMOS

EDUCANDO O POVO

Inspirado nos ideais de Marx e Lenin, fundado no período em que o mundo via o aparecimento do primeiro Estado socialista, o Partido Comunista do Brasil desde os primeiros momentos procurou orientar e educar o povo, denunciando a opressão capitalista contra os trabalhadores e proclamando a unidade e solidariedade internacional da classe operária.

As Eleições Presidenciais, o Governo do sr. Jânio Quadros e a Situação Política Atual

LUIZ CARLOS PRESTES

Comaradas:

Seis meses após o V Congresso do nosso Partido, reunimo-nos para examinar a situação política e definir as tarefas imediatas do movimento comunista brasileiro.

Os acontecimentos marcantes desse período em nosso país foram as eleições presidenciais de outubro de 1960, a constituição do governo do sr. Jânio Quadros e o crescimento impetuoso das lutas de massas, em particular das lutas de classe operária por melhores condições de vida.

Ao analisar estes acontecimentos, com o objetivo de extrair as conclusões necessárias à nossa atuação, devemos partir necessariamente da apreciação das eleições presidenciais.

I — Apreciação do pleito de 3 de outubro

O pleito de outubro trouxe mudanças importantes ao quadro político do Brasil, refletiu em grande medida o estado-de-espírito do povo, representou um julgamento da política do governo Kubitschek, um balanço da influência do movimento nacionalista e, sob certos aspectos, da ação do Partido Comunista no seio das massas.

Embora tenha sido derrotada a candidatura do marechal Teixeira Lott, pela qual nos batíamos, a campanha eleitoral contribuiu para impulsionar o movimento nacionalista e democrático. A formação de ampla coligação eleitoral em torno das candidaturas Lott-Jango possibilitou que fossem dados novos passos no sentido da unificação das forças nacionalistas, dispersas por vários partidos. Pela primeira vez, atuaram unidas na eleição presidencial as correntes mais populares e progressistas do pensamento político brasileiro — o Partido Comunista, o Partido Trabalhista e o Partido Socialista. A expressiva votação obtida pelo marechal Lott e pelo sr. João Goulart, assim como pela candidatura popular do sr. Sérgio Magalhães no Estado da Guanabara, atesta que as ideias antiimperialistas e democráticas impregnaram amplas camadas do eleitorado. Intensificando a sua ação patriótica por todo o país, o movimento nacionalista colocou o problema da emancipação nacional como um dos temas centrais da campanha eleitoral, obrigando os candidatos a se definirem em torno de questões candentes como a limitação da remessa de lucros do capital estrangeiro, o restabelecimento de relações com a URSS e os países socialistas, a solidariedade à Revolução Cubana, a reforma agrária, a defesa do monopólio estatal do petróleo, etc. O próprio candidato das forças mais reacionárias e entreguistas, o sr. Jânio Quadros, foi forçado e apresentou-se como nacionalista para obter o apoio popular. Pode-se afirmar, portanto, que no curso da campanha eleitoral se elevou a consciência antiimperialista do povo brasileiro, o que constitui um dos objetivos permanentes da ação dos comunistas e das forças patrióticas.

O movimento operário fortaleceu-se no período da campanha eleitoral, atuando-se paralelamente sua ação política. Durante o ano de 1960, intensificou-se a luta dos trabalhadores pelas suas reivindicações, sendo deflagrados numerosos movimentos grevistas; reforçou-se a unidade do movimento sindical, com a realização de várias convenções estaduais e do III Congresso Sindical Nacional. O movimento operário organizado constituiu um poderoso meio de pressão, obrigando os candidatos a assumirem compromissos públicos em torno de questões vitais como a elevação dos salários, o combate à carestia da vida, o direito de greve, a melhoria da Previdência Social, o respeito à liberdade sindical, etc. Integrando-se ativamente na luta política eleitoral, os líderes sindicais de todo o país formularam plataformas que incluíam, ao lado das exigências específicas da classe operária, soluções antiimperialistas e democráticas para os problemas nacionais. Embora em menor escala, setores das massas camponesas se incorporaram também à luta política, sob a bandeira do nacionalismo, como ocorreu em Recife com a grande passeata das Ligas Camponesas.

O Partido Comunista esforçou-se por cumprir o seu papel, atuando no sentido de fortalecer a união das forças nacionalistas e democráticas, revelando os compromissos assumidos pelo sr. Jânio Quadros com os inimigos do povo brasileiro, pondo a nu as manobras contraindustrialistas realizadas por setores do governo contra a candidatura do marechal Lott e criticando certas posições retrógradas adotadas pelo candidato nacionalista. No curso da campanha eleitoral, o Partido fortaleceu suas fileiras, do ponto de vista numérico, político e organizativo, realizou com êxito o seu V Congresso e deu novos passos no caminho da legalidade, estreitando seus laços com as massas e difundindo o pensamento dos comunistas. Contribuímos, assim, com os meios ao nosso alcance, para a votação obtida pelo marechal Lott e para a vitória do sr. João Goulart, vice-presidente eleito.

A derrota do marechal Lott e a eleição do sr. Jânio Quadros constituem, no entanto, resultados negativos da campanha eleitoral, cujas causas devemos analisar com o objetivo de extrair os ensinamentos necessários ao desenvolvimento de nossa luta.

Uma das causas principais da vitória do sr. Jânio Quadros reside em que a maioria do eleitorado votou no candidato da oposição para manifestar o seu descontentamento com a política de carestia desenfreada, de inflação aguda, de «desenvolvimentismo» às custas da espoliação das massas, realizada pelo governo Kubitschek. O candidato nacionalista, marechal Lott, arcou com as consequências de apresentar-se e ser apresentado pelas forças governistas como um continuador do sr. Juscelino Kubitschek e de sua chamada política «desenvolvimentista».

De outro lado, o candidato nacionalista teve a sua candidatura visivelmente sabotada pelos setores dirigentes do PSD e do PTB, ligados à política de conciliação com o imperialismo norte-americano e com os latifundiários, de corrupção e de manobras antipopulares, realizada pelo grupo dominante no governo Kubitschek. Estes setores aceitavam e estimulavam o lado conservador do marechal Lott, mas temiam o seu lado antiimperialista, sobretudo suas ligações com a oficialidade patriótica e com o movimento nacionalista. Hostilizavam-no também por sua posição «apartidária», por sua recusa em assumir compromissos eleitorais com a cúpula peessedista e petebista, por sua repugnância aos métodos de corrupção dominantes nos círculos governistas. A isto cumpre acrescentar a posição divisionista do sr. Ademar de Barros, cuja candidatura contribuiu para fracionar ainda mais o eleitorado nacionalista e popular. O sr. Jânio Quadros recebeu, por sua vez, o apoio e o financiamento maciço dos grupos econômicos e políticos mais reacionários e ligados ao imperialismo.

Além disso, enquanto o candidato das forças mais reacionárias realizou uma campanha de caráter demagógico, explorando motivos populares como a luta contra a carestia, o restabelecimento de relações com a URSS, o apoio à Revolução Cubana e a legalidade do Partido Comunista, o candidato da coligação nacionalista e democrática, devido às suas concepções pessoais e a compromissos com alguns setores reacionários, adotava posições abertamente antipopulares naquelas questões. Em vista disso, grande parte das massas trabalhadoras e da classe média não alimentava qualquer entusiasmo pela candidatura do marechal Lott.

A partir desses fatos, podemos concluir que a maioria eleitoral obtida pelo sr. Jânio Quadros não significa, de modo algum, que as massas hajam preferido votar por uma plataforma reacionária e antinacional. Grandes massas votaram no candidato de oposição em sinal de protesto contra as consequências negativas da política do governo Kubitschek. A candidatura do marechal Lott

não lhes parecia encarnar realmente suas aspirações nacionalistas e democráticas. A derrota de 3 de outubro não resultou, portanto, sobre as ideias que fundamentam o movimento nacionalista, mas sobre a coligação eleitoral que se formou em torno do marechal Lott — coligação que, por grande parte do eleitorado, não expressava acertadamente aquelas ideias.

Alguns comunistas que se mantêm em posições sectárias, já condenam, no V Congresso do Partido, põem em dúvida o acerto da apoio às candidaturas do marechal Lott e do sr. João Goulart. Parte da vitória do sr. Jânio Quadros para atacar nossa linha política e responsabilizá-lo pelo revés da candidatura nacionalista, deturpando evidentemente o sentido dos fatos.

Nas circunstâncias históricas criadas em nosso país, o apoio dos comunistas à chapa Lott-Jango foi acertado e necessário. Esta posição tática fundamentou-se numa análise essencialmente correta do caráter das candidaturas.

O sr. Jânio Quadros foi apoiado por um sistema de forças econômicas e políticas que era e continua sendo, no fundamental, reacionário e antinacional: o alta direção do UDN, os grupos responsáveis pelo golpe de 24 de agosto, homens como Carlos Lacerda, jornais como o «Estado de São Paulo», o «Correio da Manhã» e o «O Globo», a oligarquia paulista de latifundiários, exportadores e banqueiros ligados ao imperialismo. Estas forças obtiveram do candidato de oposição determinados compromissos para a realização de uma política econômica-financeira favorável aos seus interesses. Graças à demagogia com que procurou, hábilmente, contrabalançar seus laços com a reação, o sr. Jânio Quadros recebeu, no curso da campanha eleitoral, o apoio de grandes massas e de forças políticas populares. O Partido Comunista não podia, entretanto, ligar-se a uma candidatura que tinha tal origem e se mantinha atada a tais compromissos.

Quanto à candidatura do marechal Lott, seu nome foi inicialmente articulado para a sucessão presidencial fora do âmbito dos grandes partidos, sustentado pelos setores mais ativos do movimento nacionalista. São conhecidos os obstáculos que essa candidatura teve de vencer para ser aceita pelas direções partidárias, enfrentando a oposição dos elementos retrógrados e entreguistas do bloco nacionalista. O marechal Lott assumiu compromissos públicos com o movimento nacionalista e com o movimento sindical em torno de questões importantes como a limitação das remessas de lucros das empresas estrangeiras, a nacionalização dos bancos de depósito, a defesa do monopólio estatal do petróleo, a aplicação de medidas de reforma agrária, o respeito ao direito de greve, a moralização das instituições de previdência social, a defesa da escola pública e o reerguimento econômico do Nordeste.

Apresentando tais aspectos positivos, a candidatura Lott estava, porém, comprometida com o governo do sr. Kubitschek, com sua política de inflação e carestia, de concessões ao imperialismo, de corrupção e negociações. Lider das forças militares que defenderam a legalidade a 11 de novembro de 1955 e garantiram a posse do Presidente eleito, o marechal Lott foi ministro da Guerra do governo Kubitschek durante vários anos. Nessas condições, aparecia como «candidato do governo», ainda mais quando contava com o apoio do partido majoritário, o PSD. Isto lhe acarretava o ónus da impopularidade, sem lhe trazer as vantagens de um sólido apoio da máquina governista. Por outro lado, o marechal Lott apresentava-se ante o eleitorado como portador de preconceitos retrógrados, que acentuavam os aspectos negativos de sua candidatura e mereciam a crítica dos comunistas.

Apesar disso, o marechal Lott foi o candidato possível das forças nacionalistas e democráticas no pleito de 1960. Era o único nome que reunia condições para obter o apoio do movimento nacionalista, dos setores mais esclarecidos das organizações estudantis e sindicais e, ao mesmo tempo, para ser homologado por uma forte coligação partidária e apresentar viabilidade, do ponto de vista eleitoral. O apoio à chapa Lott-Jango era o único caminho que se apresentava aos comunistas para a formação de uma coligação capaz de opor-se ao sistema de forças reacionárias e antinacionais articulado em torno da candidatura Jânio Quadros.

O apoio à chapa Lott-Jango era uma decorrência de nossa orientação política e constituía a forma acertada de continuar a luta, nas condições da campanha eleitoral, pela formação de um governo nacionalista e democrático — objetivo tático central de nosso Partido. Aquêles que hoje condenam nosso apoio ao marechal Lott não tiveram antes das eleições, e muito menos atualmente, nenhuma outra alternativa a indicar, a não ser uma candidatura própria dos comunistas, que significaria, evidentemente, uma dispersão ainda maior do eleitorado antiimperialista e popular, ou uma atitude de abstenção e alheamento à batalha política que se travava nas urnas, posição incompatível, naquelas circunstâncias, com o papel de vanguarda que deve desempenhar o Partido Comunista.

Ao apoiarem a chapa Lott-Jango, os comunistas interpretaram de modo justo os interesses da Nação, contribuindo, ao lado de outras forças patrióticas, para o fortalecimento da frente nacionalista e democrática e a elevação da consciência antiimperialista de amplas camadas do povo brasileiro.

O sucesso da candidatura Lott não dependia, porém, somente da atuação dos comunistas. Havia outros fatores em jogo, que influíram negativamente sobre a candidatura nacionalista e determinaram a vitória do sr. Jânio Quadros.

Ao analisarmos os resultados das eleições presidenciais, não podemos deixar de ter em conta o caráter heterogêneo e contraditório da coligação eleitoral que apoiou as candidaturas do marechal Lott e do sr. João Goulart. Na realidade, as forças nacionalistas e democráticas organizadas (incluindo os comitês nacionalistas, o movimento sindical, os estudantes e os setores partidários antiimperialistas) não estavam em condições de lançar um candidato desvinculado da política «desenvolvimentista» de concessões aos monopólios estrangeiros e ao latifúndio, de inflação e carestia. Estas forças acharam-se na contingência de marchar com um candidato saído dos quadros do governo, representante do setor nacionalista da oficialidade do Exército, mas comprometido diante das massas com a política do sr. Kubitschek. Nestas circunstâncias, tornava-se difícil ganhar o apoio decidido do povo para a candidatura Lott, quando a bandeira nacionalista do marechal aparecia identificada com tudo o que havia de negativo no governo e quando, ao lado dos deputados nacionalistas e líderes po-

polares, apareciam como patronos dessa candidatura homens como Américo Falcão e Armando Falcão.

em setembro de 1959 nos referimos a essa ameaça que pesava sobre a candidatura nacionalista. Dizíamos que, pela falta de ligação com as massas, a candidatura do marechal Lott sofria a influência negativa dos atos impopulares do governo, sobretudo da política econômica e financeira do sr. Kubitschek, que se refletia diretamente na crescente elevação dos preços, e acenávamos: «A modificação dessa política, a aplicação de medidas tendentes a romper com o desenvolvimento ao imperialismo e conter a alta acelerada do custo de vida, é condição necessária para que a candidatura ligada ao situacionismo possa contar com o apoio popular e enfrentar com sucesso a campanha demagógica de Jânio Quadros (Os comunistas e a sucessão presidencial)».

Esta advertência era repetida em maio de 1960, quando afirmávamos, após assinalar o caráter nacionalista da candidatura que apoiávamos: «Os aspectos antinacionalistas e antipopulares da política do governo e do partido majoritário se refletem, todavia, negativamente, na campanha do marechal Lott». E concluíamos, depois de analisar alguns elementos reacionários da ação do governo: «E, por conseguinte, indispensável intensificar o fogo sobre o grupo entreguista do governo, desmascarar a sua política antinacional e antipopular e lutar para afastá-lo dos postos decisivos que ocupa. A questão de massas deve-se exercer no sentido de conduzir o presidente da República a constituir imediatamente um ministério que seja verdadeira apoio para o candidato do mol. Lott». (Pela vitória da causa nacionalista e democrática nas eleições presidenciais.)

As forças nacionalistas e democráticas não tiveram capacidade, porém, para desvincular o seu candidato dos grupos reacionários do governo Kubitschek, não puderam desfazer o caráter ambíguo com que a sua candidatura aparecia diante das massas. Essa incapacidade reflete o grau de desenvolvimento atual do movimento nacionalista, o fato de que ainda não consegue realizar uma ampla mobilização de massas, os compromissos que alguns de seus setores mantêm com forças reacionárias e antinacionais. Como representantes de vanguarda da classe operária, profundamente interessados na causa da libertação nacional, os comunistas não podem desconhecer ou ocultar as debilidades do movimento nacionalista. Devemos analisá-las e contribuir para que sejam superadas.

O movimento nacionalista alcançou importantes êxitos nos últimos anos. Centenas de comitês unitários surgiram por todo o país, congregando patriotas de todas as condições sociais em torno de suas bandeiras. Os setores nacionalistas organizados, atuando conjuntamente com as entidades estudantis e com o movimento sindical, desempenharam papel decisivo em numerosas campanhas patrióticas — em defesa do monopólio estatal do petróleo, contra o «plano de estabilização monetária» imposto pela FMI, pelo estabelecimento de relações com a União Soviética e os países socialistas, pela demissão dos entreguistas Lucas Lopes e Roberto Campos, contra o Acordo de Rómeu, etc. Com a realização de expressivas convenções estaduais e da Convenção Nacional em setembro de 1960, o movimento nacionalista atingiu uma nova etapa na marcha para a sua estruturação em escala nacional e para a mais ampla difusão de seus objetivos. Deve ser ressaltado ainda a influência considerável exercida pelas forças nacionalistas organizadas na campanha eleitoral: sua contribuição primordial para a votação obtida pelo marechal Lott.

Entretanto, as eleições de 1960 revelaram o quanto o movimento nacionalista ainda carece de base popular, o quanto ainda se acha sob a influência da setor da burguesia partidária de uma política de desenvolvimento baseada na conciliação com o imperialismo e o latifúndio, na associação de capitais nacionais ao capital monopolista estrangeiro, na espoliação desenfreada dos trabalhadores e das massas populares. A derrota do marechal Lott indica que grandes massas não estão dispostas a aceitar as consequências dessa política.

A experiência dos últimos anos e, particularmente, o pleito presidencial, demonstram que o movimento nacionalista só poderá transformar-se em um poderoso movimento de massas e obter vitórias decisivas à medida em que lutar firmemente por um curso de desenvolvimento independente e progressista, baseado em soluções verdadeiramente antiimperialistas e populares para os problemas nacionais. Cumprindo o seu dever patriótico, os comunistas brasileiros formularam estas soluções, em suas linhas gerais, na resolução política do V Congresso do PCB, e lutam pela sua concretização.

Nenhum verdadeiro patriota pode aceitar que a única saída para a política de capitulação e entrega, de atraso e reação, precária e perniciosa pelas forças mais reacionárias ligadas ao imperialismo e ao latifúndio, seja a chamada política «desenvolvimentista» que inspirou o governo Kubitschek — política que resulta em compromissos nefastos com o inimigo e não pode ser aceita pelas massas trabalhadoras e populares.

A derrota do imperialismo norte-americano e dos seus agentes internos em nosso país — objetivo primordial do movimento nacionalista — só pode ser alcançada através da mobilização das massas. E o povo demonstrou não estar disposto a aceitar uma política que, embora se revista de uma tintura nacionalista, encerra numerosas concessões ao inimigo e medidas antipopulares. O movimento antiimperialista e democrático crescerá à medida em que as forças mais conscientes da frente única — a classe operária, os camponeses, as camadas médias — combaterem a política de compramis com o imperialismo e a reação realizada pelos setores conciliadores.

Ao contrário do que afirmam alguns membros do Partido, que se apegam a concepções sectárias, o resultado das eleições não invalida as teses contidas na Resolução Política do V Congresso do P. C. B. Tendo exercido uma ação positiva durante a campanha eleitoral, o que lhe permitiu reforçar suas próprias fileiras, o Partido cometeu, porém, erros na aplicação de sua linha política, em sua conduta tática.

As tendências sectárias continuaram a pesar fortemente em nossa atuação. Em algumas organizações partidárias, provocaram um nocivo menosprezo pela campanha eleitoral, prejudicaram a aplicação da política de frente única, e so com a realização do V Congresso, já quase às vésperas do pleito, foram seriamente derrotadas, embora não extirpadas. Se bem que o Comitê Central houvesse advertido, em março de 1960, para a influência negativa dessas concepções no curso da campanha eleitoral, os fatos indicam que essa influência não foi eliminada efetivamente. O combate ao sectarismo continua a ser uma tarefa permanente de todo o Partido.

As eleições vieram revelar, também, com grande clareza, a existência de tendências de caráter oportunistas na aplicação da linha partidária. Essas tendências, que já vinham sendo criticadas no Informe de Janeiro de 1959, nos Teses e no Informe ao V Congresso, acompanharam a atuação do Partido nos últimos anos e se relacionam, particularmente, com o problema das contradições dentro da frente-única e com a nossa posição em face do governo Kubitschek.

Lutamos, acertadamente, pela união de todas as forças patrióticas contra o inimigo principal da Nação — o imperialismo norte-americano e seus agentes internos. Podemos nos orgulhar da atuação combativa dos comunistas no sentido de manter acesa a luta contra a política de dominação do Brasil pelos monopólios estrangeiros. Entretanto, não nos preocupamos suficientemente em basear o movimento nacionalista e democrático nas grandes massas da população, consequentemente, não travamos dentro da frente-única uma luta firme e tenaz contra a política dos setores conciliadores.

Esta posição nos levou a não combater energeticamente a política «desenvolvimentista» do sr. Kubitschek, política de desenvolvimento econômico do país

NOVOS RUMOS

As Eleições Presidenciais, o Governo do sr. Jânio Quadros e a Situação Política...

baseada em concessões ao imperialismo e ao latifúndio, no ingresso maciço de capital monopolista estrangeiro, na inflação e na carestia.

A atitude de nosso Partido diante do governo do sr. Kubitschek não foi suficientemente clara e conseqüente. Na primeira fase desse governo, que havia surgido da resistência popular e nacionalista contra o golpe reacionário de 24 de agosto, as massas alimentavam esperanças de que o sr. Kubitschek se inclinasse para uma política patriótica e democrática. Entretanto, a partir do plano de estabilização monetária e da reforma ministerial que colocou no governo homens como Foes de Almeida, Horácio Lacerda e Armando Falcão, foi se tornando cada vez mais evidente que o sr. Kubitschek mantinha seus compromissos com os setores pró-imperialistas. Nestas condições, se era acertado apoiar e estimular os aspectos isolados da política do governo que favoreciam os objetivos antiimperialistas e democráticos (manutenção das liberdades, resistência parcial ao FMI, relações comerciais com a URSS, etc.), isto não deveria ter levado, entretanto, a uma posição dúbia diante do caráter essencial da política do sr. Kubitschek — política de conciliação com o imperialismo dos Estados Unidos e com os latifundiários.

Em conseqüência desses erros, não conseguimos influir, como era nosso dever, no sentido de ampliar a base popular do movimento nacionalista, não logramos atrair para ele grandes massas trabalhadoras e populares insatisfeitas com a política do governo e ansiosas por mudanças efetivas na vida do país. Somente na Resolução do V Congresso do PCB, já às vésperas do pleito, foi feita uma caracterização clara da essência da política do sr. Kubitschek, assim como uma análise das contradições internas da frente-única, da política de compromissos com o inimigo, realizada pelos setores conciliadores, e do papel das forças mais conseqüentes na luta por um curso de desenvolvimento independente e progressista.

O papel dos comunistas na frente-única nacionalista e democrática não pode ser o de acomodar-se à política de conciliação dos setores mais vacilantes, e sim o que está definido na Resolução Política do V Congresso:

«A proporção que se aprofunda a luta antiimperialista e democrática e se colocam diante da frente-única objetivos mais radicais, certos setores nacionalistas burgueses se inclinam a uma política de conciliação com o imperialismo e as forças reacionárias. A fim de impulsionar o movimento, as forças mais conseqüentes da frente-única devem intensificar as ações antiimperialistas e democráticas, imprimir-lhes um caráter cada vez mais firme e denunciar as hesitações dos setores conciliadores. Para fortalecer e ampliar a frente-única, para transformá-la num poderoso movimento de massas, é necessário desenvolver em seu seio as forças que pugnam, ao lado das soluções nacionalistas, pelas transformações democráticas. A par da luta pelos interesses gerais da Nação, é necessário travar a luta pelos interesses vitais das massas — sobretudo dos operários, dos camponeses e das camadas médias — como condição essencial para alargar e reforçar as bases da frente-única, mediante a participação ativa das massas trabalhadoras e populares». (Resolução Política do V Congresso do PCB — item 12).

Corrigir estes erros na compreensão e na aplicação de nossa linha geral não significa abandonar a política de frente-única nacionalista e democrática, como preconizam os elementos sectários. Significa fortalecer a frente-única, ampliar e consolidar o movimento nacionalista, lutando para enraizá-lo nas massas trabalhadoras e populares — entre os operários, os camponeses, a intelectualidade, as camadas médias. Não significa, igualmente, negar a participação da burguesia ligada aos interesses nacionais na frente-única, como desejam os ultra-esquerdistas. O movimento nacionalista poderá atrair estes setores da burguesia e levá-los a posições antiimperialistas mais definidas à medida em que se converter realmente num movimento de massas e elevar seu papel na vida do país.

Além dos erros cometidos na aplicação de nossa linha política, outros aspectos negativos da atividade partidária influíram para que não pudessemos dar uma contribuição mais efetiva ao movimento nacionalista e democrático. Apesar dos progressos realizados nos últimos anos no sentido de maior ligação do Partido com as massas, ainda são débeis nossos laços com grandes camadas da população, sobretudo com as massas camponesas, que continuam na quase totalidade desorganizadas e submetidas à influência política dos latifundiários. Diminuiu também o esforço que fazemos para organizar, esclarecer e levar à luta as mulheres e os jovens, que constituem parcela considerável da população do país e são alvo de intensa propaganda ideológica das forças reacionárias.

Outra debilidade flagrante do nosso Partido reside na escassez dos meios de propagação de que dispomos. Enquanto o inimigo utilizou na campanha eleitoral os custosos e potentes recursos da moderna técnica de propagação — rádio, televisão, imprensa, cinema — nosso Partido teve que limitar-se à propagação verbal e à nossa imprensa, cujos recursos são de todo insuficientes.

II — A situação política e o governo do sr. Jânio Quadros

A situação atual do Brasil e do mundo apresenta, em seu conjunto, um quadro favorável às forças que lutam pela emancipação nacional, pela democracia e o bem-estar do povo. Em vista disso, a composição de um governo com características pró-imperialistas e reacionárias como o do sr. Jânio Quadros não pode, por si só, alterar o curso dos acontecimentos e inverter o sentido da marcha da história. Prosseguindo em sua luta com firmeza e decisão, as forças patrióticas e populares poderão impedir qualquer retrocesso reacionário e obter novos e maiores êxitos.

Antes de analisar a tendência dos acontecimentos no plano internacional e nacional cumpre-nos examinar o significado do governo do sr. Jânio Quadros e as linhas orientadoras de sua ação. A composição do novo ministério e o discurso em que o presidente esboça os rumos de seu governo confirmam a apreensão feita pelos comunistas sobre o caráter da candidatura vitoriosa. Ocupam os postos-chave da administração representantes categorizados das forças mais retrógradas e antinacionais, com as quais o sr. Jânio Quadros se comprometeu na qualidade de candidato. Os Ministérios da Fazenda, da Indústria e Comércio e a presidência do Banco do Brasil estão entregues a partidários declarados da política financeira do Fundo Monetário Internacional, conhecidos por suas ligações com os trusts estrangeiros. Quanto aos nomes indicados para as pastas militares, revelam claramente a intenção do sr. Jânio Quadros de colocar nas posições de comando das forças armadas os elementos fascistas do 24 de agosto, os golpistas derrotados a 11 de novembro, os responsáveis pelas aventuras de Jacareacanga e Aragarças e os que tratam de apaziguá-los por meio de concessões.

Essa disposição aparece ainda mais nitidamente no discurso pronunciado a 31 de janeiro, em que o sr. Jânio Quadros anuncia as linhas mestras da sua governação. Procurando impressionar a opinião pública para justificar uma pretensão política de «austeridade» no terreno econômico-financeiro, disse ele: «Faz-se mister que o povo se despoje dos últimos níqueis para honrar dívidas postas no nome do Brasil». Eis a essência da programa traçado no discurso presidencial: impor ao povo sacrifícios ainda maiores para atender às exigências dos monopólios imperialistas que nos exploram e oprimem. Ao invés de buscar para os

problemas financeiros soluções que nos libertem da tutela estrangeira e aliviem a dura situação das massas populares, o sr. Jânio Quadros ameaça recorrer a medidas de sentido antinacional e antipovo como a reforma cambial exigida pelo FMI, o congelamento dos salários e vencimentos, a restrição ao crédito para o desenvolvimento industrial, o apelo a novos e maiores investimentos de capital imperialista. Daí os seus ataques ao movimento nacionalista, que denomina de «falso nacionalismo» e de «jacobinismo estreito» numa linguagem que o identifica a entreguistas notórios como Eugênio Gudin e Roberto Campos.

O sr. Jânio Quadros nada diz sobre os êstus determinantes de fenômenos negativos como o crescimento da dívida externa e a inflação descontrolada, pois o simples exame desses dados indicaria a necessidade de medidas econômico-financeiras orientadas contra o sistema de espoliação do país pelos monopólios imperialistas, contra os privilégios assegurados aos latifundiários e a outros setores econômicos retrógrados. Os fatos demonstram que o endividamento do país está ligado à política de concessões ao capital estrangeiro, de remessa ilimitada de lucros, juros e «royalties» das empresas alienígenas, de desnacionalização acentuada de importantes setores do nosso parque industrial. De outro lado, não é possível enfrentar as causas reais da inflação sem adotar providências que impliquem no rigoroso monopólio estatal do câmbio, na restrição efetiva das remessas de capital estrangeiro, na redução dos benefícios excessivos concedidos aos latifundiários do café e ao setor exportador. O sr. Jânio Quadros deixa claro, porém, que sua política consistirá em promover o pagamento da dívida externa e estabilizar o moeda às custas de maiores sacrifícios do povo, e não às custas dos altos lucros dos monopólios e dos privilégios dos latifundiários.

A exigência de maiores sacrifícios ao povo está acompanhada, no discurso presidencial, de uma clara ameaça de repressão aos movimentos pelas reivindicações populares. Referindo-se diretamente à liberdade sindical e ao direito de greve, o sr. Jânio Quadros arranca a máscara de amigo dos trabalhadores e declara sem rebuços: «Tenho por inadmissível a sua utilização dolosa contra a nossa coletividade, sobretudo se a serviço de conveniências externas». O novo presidente afronta assim o movimento sindical, ao acusá-lo de «utilização dolosa» da greve «contra a coletividade», repetindo uma calúnia policialista digna de Pena Boto e Armando Falcão. Ainda segundo o sr. Jânio Quadros, os camadas menos favorecidas da população vivem a «reivindicar proveltos e regalias», mas o seu governo «representa um parreira a isto, definitiva e último». Ai está, evidente e ineludível, a ameaça de congelamento dos salários dos trabalhadores e dos vencimentos do funcionalismo, política que o imperialismo impôs pela força ao povo argentino, através do Fundo Monetário Internacional e do governo Frondizi. Sabedor de que a aplicação de semelhante política não pode deixar de chocar-se com uma enérgica resistência por parte dos trabalhadores e do povo, o sr. Jânio Quadros acena com ameaças de emprego da violência. E não vacila mesmo em apelar para o desmoralizado recurso do anticomunismo.

Não se deve, por conseguinte, alimentar ilusões em relação à essência da política do sr. Jânio Quadros, quando ele próprio se manifesta disposto a cumprir os compromissos que contraiu com as forças ligadas ao imperialismo e ao latifúndio.

Entretanto, começam a manifestar-se as contradições no governo e na política do sr. Jânio Quadros. Com o objetivo de obter o apoio das massas e de setores políticos populares, o atual presidente comprometeu-se, no curso da campanha eleitoral, a realizar certas medidas de cunho progressista, como o retamento de relações diplomáticas com os países socialistas. Os passos iniciais que vem dando nesse sentido tornam patente a contradição entre as forças reacionárias que o apoiam e predominam em seu governo e os correntes populares que sufragaram seu nome. No seio do governo já se manifesta certa resistência a tais medidas de política externa anunciadas pelo sr. Jânio Quadros.

O curso dos acontecimentos, tanto no plano mundial como em nosso país, continua favorável aos anseios de libertação, progresso e bem-estar do povo brasileiro. Sentimos dia após dia a influência cada vez mais vigorosa dos fatores que determinam a direção do desenvolvimento social no mundo de hoje: o fortalecimento acelerado do sistema socialista, a decomposição inevitável do imperialismo, as vitórias dos povos em sua luta libertadora.

Entre os acontecimentos importantes dos últimos meses no campo internacional, destaca-se a Declaração da ONU que condena tôdas as formas de colonialismo e recomenda a sua eliminação. Aprovado pela maioria esmagadora dos países membros, esse documento constitui uma significativa vitória dos povos na luta contra o imperialismo. A consolidação e o desenvolvimento da Revolução Cubana repercutem profundamente em nosso país. Enquanto vêm fracasando tôdas as tentativas de intervenção armada dos Estados Unidos na ilha heroica, aprofundam-se em Cuba as transformações revolucionárias, que despertam entusiasmo em tôda a América Latina, estreitam-se as relações entre a nação cubana e o sistema socialista, que lhe presta fraternal ajuda. Com a substituição do general Eisenhower pelo sr. Kennedy no governo dos Estados Unidos, não desapareceram as ameaças de intervenção que pesam sobre Cuba. Em recente declaração, o novo presidente norte-americano deixou claro que seu governo prosseguirá nos esforços para esmagar a Revolução Cubana e tentará obter para esse fim o apoio dos governantes latino-americanos. É imperioso, nestas condições, intensificar o movimento de solidariedade ao povo irmão de Cuba e impedir a adesão do governo brasileiro a quaisquer manobras anticubanas do Departamento de Estado.

De outro lado, os países imperialistas — sobretudo os Estados Unidos — mostram uma vez mais sua verdadeira fisionomia de inimigos da independência dos povos na Congo e na Laos, onde a intervenção aberta dos colonizadores provoca o desencadear de guerras civis. O monstruoso assassinato do líder nacional congolês Patrice Lumumba suscitou em todo o mundo uma onda de indignação contra os responsáveis por esse crime: o secretário-geral da ONU, Hammarskjöld, os colonialistas belgas e seus protetores, os monopolistas norte-americanos.

Enquanto o sistema imperialista se desagraja sob os golpes do movimento de libertação nacional, o sistema socialista prossegue sua marcha ascendente. Com a realização da Conferência dos 81 Partidos Comunistas e Operários em Moscou, em novembro último, fortaleceu-se a unidade do movimento comunista mundial e os países socialistas reforçaram sua coesão. A Declaração e o Apelo, unânime e aprovados, constituem um grandioso programa de luta para a classe operária e tôdas as forças progressistas, reafirmam a política de coexistência pacífica e a possibilidade de impedir a guerra em nossa época, esclarecem as perspectivas da luta mundial pela paz, a democracia, a libertação nacional e o socialismo.

O acerto das conclusões a que chegou a Conferência de Moscou já vem sendo confirmado pelo desenvolvimento da situação mundial. Em conseqüência do crescente poderio do sistema socialista e das forças que defendem a paz, o sr. John Kennedy é levado a admitir a possibilidade de reinício das negociações com o governo da União Soviética a fim de que sejam encontradas as soluções pacíficas para os problemas em litígio. Embora a atitude do novo presidente norte-americano ainda não se tenha traduzido em atos concretos a favor da paz, abre uma perspectiva para o reinício do diálogo que havia sido interrompido como conseqüência das ações agressivas e provocadoras do governo Eisenhower. Contudo, o caminho para a conquista da paz não está livre de obstáculos. Enquanto existir o imperialismo, continuará a haver terreno para a atividade dos círculos monopolistas no sentido de provocar a guerra. A ação decidida das forças que lutam pela paz é indispensável para deter as manobras belicosas e assegurar a coexistência pacífica.

Se o balanço da situação internacional se apresenta, pois, nitidamente contrário ao imperialismo e à reação, o desenvolvimento recente dos acontecimentos em nosso país indica, igualmente, que o governo do sr. Jânio Quadros se inicia em condições desfavoráveis para a execução de uma política entreguista e reacionária.

O movimento operário atravessa uma nova fase no processo de seu crescimento e fortalecimento. As resoluções do III Congresso Sindical Nacional representam uma vitória das correntes que lutam pela unidade e uma derrota do pequeno grupo divisionista enquistado na direção de algumas Confederações. Assinalam o isolamento crescente dos agentes da CIOST-ORIT, que fazem o jogo do imperialismo norte-americano e tentam impedir a união dos trabalhadores brasileiros. Com o triunfo dos marítimos, ferroviários e portuários na greve da paridade, o movimento operário deu uma notável demonstração de seu poderio e de sua coesão, rechaçando tôdas as manobras e ameaças dos elementos reacionários do governo. Numerosas tentativas das autoridades no sentido de aplicar o infame decreto nº 9.070 foram levadas ao fracasso pela resistência firme e organizada dos trabalhadores. 1960 significou um novo marco no desenrolar do movimento grevista em nosso país, calculando-se em mais de 1 milhão, e 300 mil a número de trabalhadores que recorreram à greve na luta por seus direitos. A intensificação das ações operárias, as greves de funcionários públicos e da força pública paulista demonstram que as massas estão dispostas a pugnar pela melhoria das suas condições de vida, a enfrentar qualquer tentativa de congelamento de salários ou de redução do emprego, a defender a liberdade sindical, o direito de greve e as liberdades democráticas.

Uma significativa derrota foi imposta aos grupos reacionários do governo Kubitschek e do UDN, quando tentaram decretar o estado-de-sítio durante a greve pela paridade. O fracasso completo dessa manobra, depois de já haver sido a mensagem do estado-de-sítio assinada pelo presidente da República, indica a existência de forças consideráveis interessadas em impedir um retrocesso antidemocrático. A repulsa a qualquer medida de exceção, manifestada pela opinião pública, pelos trabalhadores, dos estudantes, dos militares patriotas, e por uma parte das forças armadas levou ao isolamento Armando Falcão, Amaral Peixoto, João Agripino e outros inspiradores do estado-de-sítio.

A repercussão das denúncias feitas no Parlamento e pela imprensa a respeito do sabotagem de Petróbrás, a repulsa ao relatório Link, demonstram que o movimento nacionalista não arrefeceu em conseqüência do revés temporário sofrido nas eleições. Continua desperta e vigilante a consciência patriótica do povo. Qualquer tentativa de impor ao Brasil uma política entreguista encontrará enérgico repúdio dos trabalhadores, dos estudantes, dos militares patriotas, da intelectualidade progressista e das forças políticas nacionalistas e populares. Esta é uma séria advertência para o novo presidente da República, que a «Hanson's Letter» considerava o único candidato capaz de atender às exigências dos trusts petrolíferos.

Podemos concluir destes fatos que a situação política é favorável à conquista de novas vitórias pelas forças nacionalistas e democráticas. Qualquer tentativa do sr. Jânio Quadros para levar à prática uma política entreguista e antipovo será enérgicamente combatida pelo movimento operário, por todos os patriotas e democratas, inclusive por consideráveis massas de eleitores que votaram no atual presidente.

As dificuldades financeiras constituem um dos aspectos mais salientes da atual situação do país. Nos últimos anos continuou a desenvolver-se lentamente a produção agrícola e, em ritmo relativamente acelerado, a produção industrial, destacando-se particularmente os ramos novos como a indústria de bens de produção e a indústria automobilística. Todavia, o governo do sr. Juscelino Kubitschek não só impulsionou em escala sem precedentes o processo inflacionário, mediante emissões maciças de papel-moeda, como também assumiu pesados compromissos financeiros em moeda estrangeira.

Os saldos das emissões monetárias se elevaram de 69 bilhões de cruzeiros em 1955 para 81 bilhões em 1956; 96 bilhões em 1957; 120 bilhões em 1958; 155 bilhões em 1959, e atingiram 206 bilhões no fim de 1960. As terríveis conseqüências desse processo inflacionário sobre as massas trabalhadoras, cujo salário real sofre uma séria deterioração, são reconhecidas até mesmo por organizações da classe capitalista como a Confederação Nacional da Indústria. Em seu informe mensal de novembro, afirma a CNI que, entre janeiro de 1959 a setembro de 1960, o custo de vida no Estado da Guanabara subiu em 71,2%. Se levamos em conta os repetidos aumentos de preços dos artigos de primeira necessidade, ocorridos a partir de outubro, podemos concluir que, apesar do novo salário mínimo decretado naquele mês, o processo de desgaste do salário real já se acha novamente adiantado.

Um dos fatores inflacionários mais importantes é o crescimento acelerado do déficit orçamentário que, segundo afirma o atual ministro da Fazenda, é calculado em 236 bilhões de cruzeiros para o corrente exercício, incluídos encargos do ano anterior. Quanto aos compromissos em moeda estrangeira a serem pagos nos próximos cinco anos, são avaliados pela SUMOC em mais de 1 bilhão e 500 milhões de dólares, referentes a financiamentos estrangeiros registrados com prioridade cambial, à dívida externa consolidada e a atrasados comerciais. Esta situação se afigura ainda mais grave se tivermos em conta que o balanço de pagamentos continua a apresentar-se grandemente deficitário e sem perspectivas seguras de equilíbrio. O déficit total do ano passado, segundo as estimativas oficiais, deverá atingir mais de 300 milhões de dólares. Sua cobertura foi feita com o aumento das obrigações no exterior, o que implica em contrair novos débitos para o futuro. É de notar ainda que o orçamento cambial dos próximos anos terá de suportar o aumento dos compromissos com a remessa de dividendos, retorno de capital, royalties, etc., decorrentes do ingresso de investimentos estrangeiros durante o quinquênio do governo Kubitschek.

A situação cambial tende, pois, a agravar-se. Sendo impraticável uma grande compressão das importações, devido ao caráter de essencialidade de que se reveste a sua esmagadora maioria, uma das soluções para o problema seria o aumento das exportações. Entretanto, esta solução não é aplicável dentro do quadro atual de nosso comércio exterior — que se caracteriza pela crise cafeeira, pela queda nos preços dos produtos primários que exportamos e pela subordinação no mercado capitalista, em particular ao dos Estados Unidos. A situação do café continua da maior gravidade. Em junho de 1960 havia 44 milhões de sacas estocadas. O Brasil retém, no momento, 90% dos excedentes mundiais do produto. A queda no valor externo de nossos produtos exportáveis afeta seriamente a economia nacional, como se pode avaliar pelas seguintes dados: — em 1956 exportamos 16,8 milhões de sacas de café, alcançando o valor de 1.029 milhões de dólares, enquanto que em 1960 teremos exportado 16,7 milhões de sacas por apenas 670 milhões de dólares.

De outro lado, os Estados Unidos atravessam uma conjuntura econômica e financeira perigosa. Pela terceira vez, desde o término da guerra mundial, a economia norte-americana encontra-se num período de recessão. O número de desempregados superou 5 milhões. Atingiu a 4 bilhões de dólares o déficit do balanço de pagamentos e as reservas de ouro diminuíram sensivelmente, forçando o governo norte-americano a procurar diminuir suas despesas no exterior. Esta situação tenderá, sem dúvida, a agravar o problema cambial de nosso país.

As medidas financeiras que o sr. Jânio Quadros começa a aplicar, em relação a tais problemas, não representam qualquer solução efetiva. São providências que correspondem, no essencial, aos interesses das forças mais retrógradas do país, e cuja aplicação já foi tentada várias vezes por ministros da Fazenda como José Maria Whitaker, Eugênio Gudin e Lucas Lopes, redundando no agravamento dos problemas em causa.

III — A luta pelas soluções nacionalistas e democráticas

Os comunistas consideram que, em face da atual situação do país, o objetivo central das lutas do povo brasileiro é a formação de um governo nacionalista e democrático, capaz de imprimir um rumo independente e progressista ao desenvolvimento da Nação. Um governo das forças nacionalistas e democráticas poderá solucionar efetivamente, de acordo com os interesses nacionais, os problemas com que se defronta o Brasil. Esse governo pode ser alcançado como decorrência das lutas de massas pela libertação nacional e pelas reivindicações populares, como resultado de uma mudança na correlação de forças políticas, do isolamento e da derrota dos setores reacionários e entreguistas.

A luta por um governo nacionalista e democrático funde-se, portanto, com a luta por soluções positivas para os problemas do povo. Em cada setor ou

As Eleições Presidenciais, o Governo do sr. Jânio Quadros e a Situação Política...

local onde atuam, os comunistas deverão ampliar os contactos com os patriotas e democratas pertencentes a outras forças políticas ou a outras correntes de pensamento, com a finalidade de organizar a ação conjunta pelos objetivos de interesse comum. Em escala nacional, devemos empreender esforços para unificar todas as agremiações e setores partidários, todas as organizações de massas e personalidades que se dispõem a lutar por um programa unitário de caráter patriótico e democrático.

A frente da classe operária e das massas trabalhadoras, os comunistas lutam intransigentemente pela melhoria do nível de vida, por aumento de salários e vencimentos, contra qualquer medida reacionária que vise ao congelamento dos salários. Além das resoluções do III Congresso Sindical Nacional e de outras convenções operárias, os trabalhadores dispõem de um programa comum de reivindicações traçado no memorial que os líderes sindicais de todo o país, reunidos em São Paulo, enviaram ao presidente da República. Cumpre intensificar a luta pelos objetivos ali relacionados, entre os quais se destacam: a liberdade e autonomia sindicais, as medidas contra a alta do custo de vida, a reforma da justiça e da legislação do trabalho, a isenção do imposto de renda, para os trabalhadores, a regulamentação dos contratos coletivos de trabalho e a escala móvel de salários. O desenvolvimento econômico do país exige a ampliação do mercado interno e, portanto, a constante melhoria do nível de vida da classe operária e demais camadas trabalhadoras urbanas além de uma reforma agrária que eleve o poder aquisitivo das grandes massas do campo. Amplas forças progressistas, interessadas no desenvolvimento da economia nacional, podem ser unidas na luta contra a política econômico-financeira de restrição do consumo das massas, preconizada pelo Fundo Monetário Internacional e apoiada pelos setores mais reacionários do país.

A luta pelo bem-estar das massas exige medidas contra a carestia do custo de vida e, conseqüentemente, no sentido de deter o processo inflacionário acelerado em curso no país. São necessárias, de um lado, medidas práticas imediatas que reduzam a especulação do grande comércio intermediário, mediante a fixação de preços dos artigos de consumo popular, a organização do abastecimento dos centros urbanos pelo governo federal, dos Estados e dos municípios, o estímulo à produção de subsistência e a prioridade para o transporte de gêneros alimentícios, a ampliação da rede de armazéns e silos, bem como a encampação das frigoríficas estrangeiras. De outro lado, são indispensáveis medidas cambiais e financeiras de maior profundidade, orientadas contra as causas básicas da inflação: a desvalorização cambial do cruzeiro, a espoliação de nossa economia pelos monopólios norte-americanos, a concessão de privilégios excepcionais aos setores latifundiário e exportador. Entre essas providências ressaltam: 1) a necessidade premente de um rigoroso monopólio estatal do câmbio visando a proteção aos empreendimentos nacionais e a aplicação da receita de divisas com prioridade absoluta para as importações essenciais; 2) a estabilização dos preços-ouro dos nossos produtos de exportação, mediante uma política independente de comércio exterior, a conquista de novos mercados nos países socialistas, na Europa e na América Latina e a conclusão de acordos bilaterais em todas as áreas; 3) a restrição rigorosa das remessas de lucros, juros, «royalties» e do retorno do capital estrangeiro, subordinando-os às necessidades do país, de maneira a não afetar as disponibilidades de divisas para as importações essenciais à indústria e a outros setores da economia nacional; 4) a planificação efetiva na esfera do crédito, visando à sua seleção, de maneira a favorecer com prioridade as atividades produtivas essenciais e eliminar as meramente especulativas.

Para enfrentar os déficits orçamentários sem maiores emissões de papel-moeda, sem novos apelos a empréstimos do Estado, sem aumento dos impostos indiretos que recaem sobre as massas e sem medidas que afetem despesas públicas indispensáveis, quando o povo reclama com razão mais escolas e hospitais, mais estradas, pontes e outras obras necessárias, é imprescindível orientar a política tributária no sentido da criação de novos impostos diretos e progressivos sobre os lucros extraordinários. Em oposição à política reacionária do FMI, que tem em mira descarregar nos custos dos trabalhadores as dificuldades econômicas e financeiras, devemos lutar por uma política orientada no sentido de que paguem os monopólios internacionais, os grandes capitalistas e eles ligados e os latifundiários, que são os grandes beneficiados pela inflação, e não os pobres e explorados.

No terreno da luta antiimperialista, torna-se necessário intensificar a vigilância popular, em defesa do monopólio estatal do petróleo encarnado na Petrobrás. Ao mesmo tempo que devemos revigorar a luta para impedir qualquer atentado ao monopólio petrolífero estatal, é chegado o momento de mobilizar o povo brasileiro para exigir a entrega à Petrobrás, com exclusividade, da distribuição em grosso dos derivados de petróleo, da aquisição de óleo bruto e dos ramos fundamentais da indústria petroquímica. A fim de consolidar o monopólio estatal já se torna necessário lutar pela completa nacionalização das refinarias, a começar pela encampação da refinaria de Capuava, cuja atuação antipatriótica mina a política nacionalista do petróleo. Cumpre impulsionar, igualmente, a luta pelo tombamento e a encampação das subsidiárias da «Brazilian Tracção» e da «Bond and Share». Ao lado dessas medidas é preciso exigir que tenham mais rápido andamento no Congresso Nacional projetos de cunho antiimperialista como o que cria a Eletrobrás, colocando nas mãos do Estado grande parte da produção de energia elétrica, assim como o que estabelece a nacionalização dos bancos de depósito e das companhias de seguros, e o importante projeto que limita a remessa de lucros, juros, «royalties» e o retorno do capital estrangeiro. A experiência dos últimos anos indica a necessidade de uma mudança radical nos rumos da industrialização do país, com o objetivo de impedir que continue o processo de desnacionalização de alguns setores de nossa indústria, resultante do regime da instrução 113, da aplicação de esquemas entreguistas como o da GEIA e do GEICON e de outros privilégios concedidos ao capital monopolista internacional. Em lugar da importação de equipamento sem cobertura cambial para as subsidiárias dos trusts estrangeiros, é necessário exigir do governo que sejam empreendidas soluções nacionalistas do tipo de Volta Redonda, Fábrica Nacional de Motores e Hidrelétrica do São Francisco.

O desenvolvimento econômico das regiões mais atrasadas do país merece particular atenção e constitui elemento importante para a mobilização de amplas camadas da população na luta por um programa nacionalista e democrático — desde a classe operária e as massas trabalhadoras do campo, reduzidas à extrema pobreza, até setores consideráveis da burguesia e numerosos latifundiários, prejudicados com a situação de inferioridade em que se encontram relativamente ao desenvolvimento industrial do Centro-Sul. No que se refere ao Nordeste, é urgente a aprovação, pelo Congresso Nacional, da lei de irrigação e do plano diretor de desenvolvimento, apresentados pela SUDENE, devendo tais projetos ser melhorados no seu conteúdo, a fim de que atendam às necessidades das massas.

Os comunistas, à frente do povo, redobrarão os esforços na luta por uma política externa independente, de defesa da soberania nacional e da paz mundial, de amizade e colaboração com todos os povos. No momento atual, os problemas de política exterior ganham particular significação. As forças mais reacionárias, inclusive as que participam do governo, manifestam-se contra o restabelecimento de relações diplomáticas com a União Soviética, a China Popular e os demais países socialistas, prometido pelo sr. Jânio Quadros em sua campanha eleitoral. É indispensável, pois, intensificar a pressão de massas sobre o Poder

Executivo e exigir do presidente da República que cumpra o compromisso assumido. Os interesses nacionais reclamam relações comerciais e diplomáticas com os países do campo socialista, que podem vir a ser consideráveis mercados para os excedentes exportáveis de nossa produção. Ademais o estabelecimento de relações normais com todos os países é um ato de soberania. O povo brasileiro exige não apenas o restabelecimento de relações com o campo socialista, no terreno formal da diplomacia, mas medidas efetivas que libertem nossa política exterior da dependência às injunções do Departamento de Estado norte-americano. Devemos lutar pelo estabelecimento de relações em pé de igualdade com todos os países, pela revogação dos acordos lesivos que nos foram impostos pelo imperialismo norte-americano, pela aceitação de ajuda técnica e econômica de qualquer procedência, em condições favoráveis ao nosso país e sem condições políticas. Exigir que nossos representantes na ONU e em outras organizações internacionais atuem de acordo com os interesses do Brasil, apóiem as propostas favoráveis à paz mundial, formem ao lado dos povos subdesenvolvidos na luta contra o imperialismo.

É inadmissível que tropas brasileiras sejam utilizadas, sob a bandeira da ONU, a serviço dos interesses colonialistas e contra os povos que lutam pela libertação nacional. Reclamamos, por isso, a imediata retirada das militares patrióticas destacados nos contingentes da ONU que intervêm no Congo. Urge combater a política de submissão a Washington praticada pela OEA e exigir do governo brasileiro que modifique sua posição naquela organização. Em face da próxima Conferência Pan-Americana, que constitui uma nova ameaça de intervenção dos Estados Unidos nos assuntos internos de Cuba e da América Latina, alertamos o povo brasileiro para que se mantenha vigilante contra quaisquer tendências do governo do sr. Jânio Quadros a fazer o jogo do imperialismo norte-americano. É necessário pressionar o governo por todos os meios, a fim de que o Brasil assuma a defesa do povo de Cuba contra os atentados por parte dos imperialistas ianques e seus servidores no continente.

A situação mundial impõe ao povo brasileiro, como a todos os povos do mundo, o dever de intensificar a luta pela preservação da paz, de apoiar as propostas de desarmamento geral feitas na ONU pelo governo soviético, assim como todas as iniciativas que objetivem impedir uma nova guerra mundial ou as guerras locais desencadeadas pelos imperialistas. Devemos lutar pelo término da guerra da Argélia, com a concessão da independência completa ao heróico povo argelino. Em seu Apelo aos Povos, 81 Partidos Comunistas e Operários mostraram a necessidade premente de fortalecer a causa da paz e deter as manobras agressivas dos imperialistas. Os comunistas brasileiros consideram a luta pela paz tarefa primordial, que permite unificar na ação as mais amplas forças sociais, desde que saibamos despertar as massas para o perigo de guerra e a importância do movimento em defesa da paz. Nas condições do Brasil, o movimento pela paz deve ser impulsionado em ligação com a luta patriótica pela mudança da política exterior, pela denúncia do acordo militar Brasil-Estados Unidos, e do ajuste de cessão do Fernando de Noronha, pela diminuição das despesas militares.

Os comunistas lutam à frente das massas camponesas por uma reforma agrária que tenha como objetivo a eliminação do latifúndio e das formas de exploração pré-capitalista. O caminho para uma profunda transformação da estrutura agrária, não será aberto por simples medidas paliativas e superficiais como as que foram adotadas pelo sr. Carvalho Pinto, com evidentes propósitos demagógicos. A fim de abrir caminho para uma transformação radical, devemos mobilizar os camponeses na luta por medidas parciais como a desapropriação de grandes propriedades incultas ou pouco cultivadas, com base no preço da terra registrada para fins fiscais, e loteamento das terras entre pequenos agricultores; um forte aumento da carga tributária sobre as grandes propriedades; a utilização das terras do Estado para formar núcleos de economia camponesa, etc. Em alguns projetos de reforma agrária existentes no Congresso Nacional há idéias que podem ser utilizadas na luta por uma lei agrária progressista. Ao mesmo tempo, devemos concentrar nossos esforços na organização e esclarecimento das massas de trabalhadores agrícolas, ajudando-os a formar sindicatos a travar a luta pelo pagamento do salário mínimo e aumento de salários, pela garantia dos direitos que lhes são assegurados na legislação trabalhista, pela conquista de novos direitos. Cumpre organizar as massas de arrendatários e parceiros na luta pela regulamentação legal dos contratos, visando a baixa das taxas de arrendamento e parceria e outras reivindicações. Junto aos pequenos e médios agricultores, devemos lutar pela fixação de preços mínimos compensadores para seus produtos, por crédito barato e fácil, por tarifas especiais nos transportes, pelo fornecimento de sementes, adubos, ferramentas e inseticidas por preços acessíveis. Exige particular atenção a luta dos posseiros em defesa da terra que ocupam, luta que se estende por várias regiões do país e assume por vezes o caráter de movimentos armados pela posse da terra. É necessário exigir do governo a entrega de títulos legais de posse e a garantia dos posseiros contra a grilagem.

Os comunistas chamam todos os cidadãos a defender firmemente cada tranquia democrática, cada direito inscrito na Constituição, e lutarão contra qualquer tentativa reacionária de violação da legalidade. Reclamamos a completa legalidade do Partido Comunista do Brasil, medida indispensável para a consolidação da democracia no país, exigência inadiável da consciência democrática da Nação. Temos a convicção de que, nas condições atuais, é possível, não somente defender vitoriosamente as conquistas democráticas do povo, mas ainda obter novos direitos, através da luta de massas, conseguir a revogação de leis e dispositivos reacionários como o decreto 9.070, o artigo 58 da lei eleitoral e a Lei de Segurança Nacional. Ainda no terreno da defesa das liberdades, devemos lutar para que não sejam referendados pelo Congresso os tratados de extradição firmados pelo governo brasileiro com os governos de Portugal e dos Estados Unidos.

Ao participarem de todas as lutas pelas reivindicações dos trabalhadores e do povo, a preocupação fundamental dos comunistas deve estar sempre voltada para o fortalecimento e ampliação da frente nacionalista e democrática, para a unidade de ação de todas as forças patrióticas e progressistas. Condição essencial para atingir tal objetivo é o reforçamento da unidade do movimento sindical na luta por um programa comum que contenha as soluções imediatas de interesse dos trabalhadores. Faz-se mister fortalecer também o movimento estudantil universitário e secundário, importante corrente do movimento nacionalista, e cuidar da organização das massas juvenis ainda não mobilizadas. Atenção especial dos comunistas merece igualmente o trabalho de massas entre as mulheres, que representam metade da população e, em sua maioria esmagadora, são as maiores vítimas da miséria, da exploração e das dificuldades com que lutam os trabalhadores.

Em nossa ação política, devemos levar em conta os compromissos do atual presidente da República com as forças pró-imperialistas e reacionárias. Alertamos as massas populares, todas as forças nacionalistas e democráticas, para que se mantenham vigilantes, defendam intransigentemente suas conquistas e intensifiquem suas lutas contra quaisquer medidas do governo contrárias aos interesses nacionais. Em especial, é necessário defender passo a passo, de maneira enérgica e decidida, as liberdades democráticas e os direitos constitucionais, a liberdade sindical e o direito de greve, postos em causa no pronunciamento presidencial. Estaremos à frente das massas para mobilizá-las, organizá-las e dirigi-las na mais firme e decidida oposição a uma política reacionária.

As verdadeiras intenções do sr. Jânio Quadros, que pretende descarregar sobre os ombros dos trabalhadores os sacrifícios decorrentes de sua chamada política de «austeridade», começam a manifestar-se com o injusto e desumano decreto que aumenta o horário dos funcionários públicos, rebaixando desse modo

os seus vencimentos, impedindo-os de manter uma ocupação complementar e retirando-lhes a conquista de 6 horas de trabalho, alcançada há muitos anos. É necessário intensificar a luta de massas dos servidores públicos pela revogação da medida presidencial, que despertou justificada indignação no seio do funcionalismo.

Enveredando pelo caminho que traçou no seu discurso de posse, o sr. Jânio Quadros não poderá solucionar os problemas que afligem o país, mas, ao contrário, contribuirá para agravá-los ainda mais e terá que enfrentar a oposição crescente do povo brasileiro. Na situação atual do Brasil e do mundo, as forças nacionalistas e democráticas dispõem de condições favoráveis para impedir que o novo presidente realize o programa reacionário e entreguista dos grupos que o apoiaram e compõem seu governo. Para isto é indispensável, no entanto, que se unam, se organizem e oponham firme resistência aos atos antinacionais e antipopulares que o governo ameaça pôr em prática. O agrupamento das forças mais caracterizadamente antequistas em torno do governo do sr. Jânio Quadros acentua o processo de polarização de forças e permite a ampliação e o fortalecimento da frente nacionalista e democrática. Em face da composição do ministério e dos primeiros pronunciamentos reacionários do chefe do Executivo, importantes setores da população começam a manifestar seu descontentamento e sua disposição de luta. Além do movimento nacionalista, das organizações sindicais e estudantis, também entra a oficialidade patriótica das forças armadas, no Parlamento e nos partidos políticos há forças ponderáveis capazes de engressar as fileiras da luta contra o entreguismo. Isso Partido pode e deve desempenhar importante papel no agrupamento dessas forças, inclusive daquelas correntes políticas mais ligadas às massas e que têm maiores possibilidades de combater a política anunciada pelo sr. Jânio Quadros — a PTB, o PSB, o PSP e as alas nacionalistas de outros partidos. A fim de mobilizar essas forças, é necessário formular soluções nacionalistas e democráticas para os problemas brasileiros e lutar firmemente pela sua realização.

Com o objetivo de manter sua influência sobre os setores populares que nele votaram, o sr. Jânio Quadros anuncia certas medidas parciais como o estabelecimento de relações com os países socialistas e a aproximação com os países neutralistas. Qualquer passo concreto nessa direção representa uma atitude de caráter positivo em nossa política exterior. Devemos, pois, intensificar a ação de massas, exigindo a concretização de tais medidas, objetivando dar-lhes a necessária consequência e relacionando-as com as demais soluções positivas contidas em nosso programa. Entretanto, a política que o presidente anunciou em seu discurso de posse é, em essência, uma política de concessões aos imperialistas e às forças reacionárias. Não somente para os comunistas, mas para todas as forças nacionalistas e populares, constitui um dever a luta no sentido de revelar a essência dessa política e a ela contrapor uma política verdadeiramente patriótica e democrática, que contenha as soluções básicas para os problemas do país e as reformas profundas a que aspira nosso povo. Este será igualmente o caminho para unir, acima das preferências manifestadas nas urnas, as massas que votaram no sr. Jânio Quadros e as que sufragaram o candidato vencido, com o objetivo de exercer pressão sobre o novo governo e dele exigir o cumprimento das promessas de caráter nacionalista e democrático feitas durante a campanha eleitoral.

A luta de massas é o fator decisivo não só para defender as conquistas já alcançadas pelo povo brasileiro como para obter novas vitórias em favor da causa da emancipação nacional, da democracia e do bem-estar do povo e avançar no sentido da conquista de um governo nacionalista e democrático — tarefa central da classe operária e dos comunistas, aspiração de todas as forças patrióticas. A libertação de nosso país e a felicidade do povo não dependem de salvadores demagógicos, nem podem resultar de uma política de capitulação ante o imperialismo norte-americano e a classe caduca de latifundiários. Os comunistas, à frente dos trabalhadores e do povo, mostram-lhes incontestavelmente a necessidade de confiarem em suas próprias forças, em sua unidade, em sua organização e em sua luta decidida pelos interesses nacionais e populares.

A fim de cumprir sua missão à frente da luta de massas e contribuir para o fortalecimento da união das forças nacionalistas e democráticas, é necessário que os comunistas fortaleçam suas fileiras e se empenhem na melhor assimilação da linha política exposta na Resolução do V Congresso do PCB, assim como na luta intransigente por sua aplicação.

Uma compreensão acertada da linha política é indispensável ao combate que precisamos travar em nossas fileiras contra qualquer tendência à passividade, à acomodação e ao conformismo. A mobilização das massas exige dos comunistas uma atuação de vanguarda, a capacidade de desencadear ações com plena iniciativa. Nossa orientação política é justa e traduz os interesses das massas, mesmo quando seja difícil, de início, movimentá-las plenamente para a ação. Cumpre-nos, portanto, não só estimular a atividade dos comunistas no seio das massas, mas também planificá-la no âmbito nacional e em cada organização partidária.

Ao mesmo tempo que devemos prosseguir no combate ao sectarismo, entretanto persistente à ligação do Partido com as massas, é chegado o momento de intensificarmos em nossas fileiras a luta contra o espontaneísmo e as manifestações de liberalismo, que tantos males vêm causando à atividade prática dos comunistas. A eficiência de nossa atuação está na dependência de uma melhor concentração de esforços e, portanto, da planificação do trabalho e do controle de sua realização. É indispensável estimular a iniciativa dos organismos inferiores e de cada militante, o que exige, antes de tudo, a elevação do nível político e ideológico de todo o Partido, principalmente através da melhor compreensão de sua orientação política. As iniciativas de baixo serão úteis à medida em que contribuírem para a concentração dos esforços de todo o Partido, se forem orientadas no sentido da realização das tarefas mais importantes de cada momento, tarefas que são determinadas pelo centro dirigente de cada organização, a partir do nível superior de âmbito nacional, através de planos e diretrizes elaborados em tempo oportuno.

Na planificação de nossa atividade precisamos dar agora uma particular atenção à educação dos dirigentes e militantes comunistas, à elevação do seu nível político e ideológico. É necessário fazer de cada comunista um militante ativo da causa revolucionária, defensor consciente do marxismo-leninismo e mestre conhecedor da linha do Partido e de seus Estatutos, de maneira que esteja sempre em condições de expor nossa orientação às massas e conduzi-las na luta.

Com o objetivo de levar ao povo a palavra de nosso Partido, explicar a posição dos comunistas em face dos problemas do país e difundir amplamente as idéias vitoriosas do socialismo, urge ampliar os nossos meios de propaganda, melhorar a nossa imprensa e estender sua circulação.

Outra preocupação fundamental que devemos ter, com o objetivo de superar o atraso em que nos encontramos neste terreno, é o de envolver o Partido no interior do país, junto às massas camponesas e aos assalariados: agrícolas, a fim de ganhá-los para a influência da classe operária. O proletariado só pode tornar-se um combatente consequente pela democracia — d'z'ia Lênin — desde que à sua luta se alie a massa camponesa.

Ao planificarmos nossa atividade, devemos igualmente ter em vista as próximas eleições municipais e muito especialmente as eleições para o Parlamento e diversos governos estaduais em outubro de 1962. Além de realizar uma análise da última campanha eleitoral e sistematizar a experiência adquirida, devemos cuidar oportunamente do alistamento eleitoral e da intensificação da atividade de massas daqueles companheiros que tentamos indicar aos postos eleivos. A atividade eleitoral deve constituir parte integrante do trabalho permanente do Partido, elemento imprescindível da ação diária dos comunistas entre as massas.

Comrades:

Como comunistas, militantes da causa do socialismo hoje triunfante em grande parte do mundo, devemos ter plena consciência da invencível força que representam os povos quando se mobilizam para lutar contra o imperialismo e pelo progresso social. Unindo e organizando o povo brasileiro na luta por suas aspirações, podemos estar certos de que ele derrotará as forças reacionárias que se opõem ao progresso do país e avançará no caminho da completa emancipação nacional e da conquista de um governo nacionalista e democrático.

NOVOS SACRIFÍCIOS EM PAUTA

ZULEIKA ALAMBERT

Não temos dúvida. As medidas econômico-financeiras até agora adotadas pelo presidente da República não auguram nada de bom para o nosso povo em futuro bem próximo. Não fosse assim, não teria ele recebido tão rapidamente os aplausos suspiriosos do Fundo Monetário Internacional aos quais somam-se agora os dos influentes círculos da City, o famoso bairro financeiro de Londres, como é o caso do Bank of London & South America e do Financial Times.

Em comentário anterior mostramos que os estudantes que constituem importante parcela da população brasileira não ficaram imunes àquelas medidas. E na ocasião citamos fatos concretos, como as dificuldades imensas na retirada das verbas que por direito cabem às entidades estudantis embora muitas delas já estejam legalmente aprovadas pelo Tribunal de Contas. Apesar das declarações em contrário das autoridades competentes continuam as entidades sem receber suas verbas. Mas não foi só. Novos fatos vieram juntar-se àquelas.

A recente política cambial apresentada pelo governo trará de imediato novos sacrifícios aos já bastante sacrificados estudantes pobres. Aumentado o preço dólar na importação do papel, teremos rapidamente livros escolares vendidos a peso de ouro. E a compra do livro didático que já constitui verdadeiro drama para os chefes de família que mantêm seus filhos na escola, transformar-se-á daqui em diante em verdadeira tragédia no início de cada ano letivo. E que dizer do aumento das taxas e contribuições escolares? Essa foi a última novidade. Jânio acaba de oficializar os aumentos ao permitir às escolas particulares um acréscimo de 30% sobre as mensalidades cobradas nas cidades de mais de 100.000 habitantes e de 20% nas cidades de menor densidade populacional.

Estejam porém alertas os estudantes. A tática do governo é de douar a pilula para que os estudantes ingênuos possam engolir «alegremente» os sapos de sua política econômico-financeira. A cada medida atentatória aos direitos estudantis, o presidente Jânio Quadros toma outras que sem fazer perder qualquer efeito das primeiras envolvem-nas com o «véu diáfano da fantasia», embelezando-as e tornando-as simpáticas aos estudantes. Exemplo: Paralelamente ao aumento do preço do papel envia memorandos ao ministro da Educação para que «estude a questão do livro didático». No caso das taxas afirma que as escolas que aumentaram além de 30% terão que devolver o excesso cobrado e diminuir as taxas atualmente em vigor. Mas, como vemos, sobretudo neste último caso, a farsa é evidente. Qualquer menino de primeiro ano sabe muito bem que mesmo que não houvesse qualquer aumento seriam ainda fabulosos os lucros obtidos pelas escolas particulares. Essas, no ano passado, sem qualquer tabela ou acordo, conseguiram o máximo dentro de suas limitáveis possibilidades. Por conseguinte, os 30% decretados por Jânio, além de oficializar o aumento, acrescentarão de qualquer modo novos milhares de cruzeiros aos pobres bolsos dos mercedores do ensino. Isso sem contar com as duvidosas possibilidades de devolução dos aumentos já feitos.

A situação é pois demasiado clara e a solução para a mesma é bastante evidente. Esta está ligada à ação enérgica e decidida dos estudantes brasileiros. Que estes se congreguem em torno de suas entidades de classe, participem ativamente de seus programas de luta, resistam aos ataques aos seus direitos ou às medidas que visem agravar ainda mais as dificuldades já enfrentadas. Mas não basta. A luta em defesa da Escola Pública, contra qualquer aumento nas anuidades escolares, contra o Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ora no Senado, pelo barateamento do preço do livro didático, pela Reforma e Democratização do Ensino, etc., são concretamente importantes bandeiras de luta que conduzirão certamente os estudantes de nosso país não apenas à defesa e à salvaguarda das conquistas obtidas mas inclusive a dar novos passos na concretização de novas reivindicações.

O Brasil Presente Aos Grandes Encontros Juvenis Internacionais

De 20 a 22 de fevereiro realizou-se em Helsinque a Assembleia Constituinte do Comitê Internacional Preparatório do VIII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes pela Paz e a Amizade. Para participar dessa reunião o Brasil enviou uma delegação composta dos seguintes estudantes: Lindbergh Faria (vice-presidente da UNE), Jarbas Santana (presidente da UBES) e Nei Sroulovich (representante da Mocidade Trabalhista e presidente da AMES). Essa delegação não regressou ainda ao Rio: de Helsinque seguiu para Estocolmo onde realizou-se uma Conferência Internacional Juvenil de Solidariedade à Juventude e ao Povo da Argélia.

Na reunião de Helsinque a UNE foi eleita membro da Comissão Permanente do CIP o que significa dizer que terá que enviar para a capital finlandesa um de seus representantes a fim de que ao lado de mais de 30 outras organizações juvenis do mundo ajude a preparar mais uma das magníficas e tradicionais festas internacionais da juventude. Fazem ainda parte da Comissão Permanente a União Internacional de Estudantes e a Federação Mundial da Juventude Democrática. A Assembleia de Helsinque convocou o VIII Festival para o verão de 1962, isto é, julho-agosto do ano que vem, na capital da Finlândia.

Os estudantes na Assembleia

Os estudantes de todo o mundo acolheram com alegria o início dos trabalhos preparatórios do próximo Festival Mundial da Juventude. E enviaram para Helsinque suas mais importantes organizações e seus melhores representantes. Num total de 100 organizações, oriundas de mais de 50 países, a delegação brasileira teve o prazer de travar conhecimento com mais de 25 organizações estudantis entre as quais se encontravam muitas já bastante conhecidas em todo o mundo pela participação excepcional que vêm tendo nas lutas democráticas e patrióticas de seus povos, tais como: União Geral de Estudantes Muçulmanos da Argélia (UGEMA), Federação Estudantil Universitária de Cuba (FEU), União de Estudantes do Chipre (UEC), União Geral dos Estudantes do Iraque (GUSIR), Zengakurem, (Japão), Federação dos Centros Universitários da Venezuela (FCUV), etc. Destacados líderes estudantis como Baghli Djeloul, Morelli Ramon Carlos, Denis Christophinis, Satish Mujundar, entre outros, foram alguns de seus representantes.

Participação do Brasil

Em virtude de atraso na viagem, nossa delegação só pôde chegar à Finlândia no dia 21, quando já se realizava a 3ª e última sessão da Assembleia. Mesmo assim foi convidada para integrar a mesa diretora dos trabalhos, designando nesse sentido, o vice-presidente da UNE, Lindbergh Faria. Este, em nome da delegação e dos estudantes do Brasil, fez um discurso em que deu todo seu apoio às iniciativas internacionais que visam reforçar a amizade e a colaboração entre os jovens de todo o mundo. Salientou ainda o papel do estudante brasileiro no movimento de solidariedade à juventude e ao povo cubano.

O programa estudantil no Festival

Como já se tornou tradicional, também no VIII Festival os estudantes, que constituem uma importante parcela da juventude mundial e têm uma infinidade de problemas, usos e costumes próprios, terão no curso daquela grande festa o seu programa específico.

O Programa aprovado pelas organizações estudantis presentes em Helsinque é amplo e variado. Constará das seguintes atividades: I — SEMINÁRIOS onde se destacam dois temas de grande interesse e atualidade: Reforma e Democratização do Ensino e IV Seminário Internacional Estudantil de cinematografia. II — ENCONTROS E CONFERÊNCIAS CIENTÍFICAS: cujas atrações serão as Conferências Sobre «Problemas de Literatura na Metade do Século» e «Foguetes Interplanetários, Satélites Artificiais, Cérebro Eletrônico». Serão organizados também encontros por especialidades: de estudantes de arquitetura, música, medicina, química, biologia, silvicultura etc.

O Clube Internacional dos Estudantes

Durante os dias do Festival funcionará o Clube Internacional dos Estudantes a fim de possibilitar um contacto diário e permanente entre os moços e moças que estudam nos cinco continentes. No Clube haverá uma Tribuna-Livre para troca de experiências das atividades estudantis em todo o mundo, para realização de Conferências, como, por exemplo, sobre a ONU e suas agências especializadas, problemas internacionais de destaque como Argélia, Congo, Cuba, «Apartheid» etc. Está prevista inclusive a realização de um encontro de Secundaristas através do Clube. Um concerto internacional estudantil, noites de danças folclóricas e realização de um grande baile serão outras atrações que o Clube oferecerá aos estudantes do mundo inteiro.

Esporte

Foi fácil aos delegados presentes em Helsinque perceber as grandes tradições desportivas que existem no país, bem como o enorme interesse que despertam na população local a prática das atividades físicas.

Levando esse aspecto em alta consideração, a Assembleia do CIP deu grande valor aos encontros esportivos como meio de aproximação e de mútuo conhecimento entre os jovens do mundo inteiro. A Comissão de Desportos que trabalhou no curso da reunião organizou um programa que por certo atrairá a Helsinque os esportistas jovens de todo o mundo. Além da competição esportiva aberta a todos os participantes do Festival, indiscriminadamente, haverá competições de futebol, atletismo, basquetebol, voleibol, ping-pong, natação, luta greco-romana, corrida de motocicletas etc.

Carta aos estudantes do Mundo

Assinada por 25 organizações estudantis, reunidas em Helsinque, foi aprovada uma Carta Aberta aos Estudantes do Mundo. Nessa Carta afirmam as organizações assinantes que «apesar da diversidade de nossos pontos-de-vista sobre inúmeras questões, das diferentes tradições e formas de estrutura de nossas organizações, estamos convencidos que os Festivais Mundiais da Juventude e dos Estudantes oferecem uma excelente oportunidade para os jovens do mundo inteiro se encontrarem numa atmosfera de amizade e mútua compreensão» e terminam o documento conclamando os estudantes de todo o mundo a se unirem na preparação do Festival e fazer dele, mediante o esforço comum, um grande encontro de estudantes.

O Brasil, além de integrar o Comitê Permanente, funcionando atualmente em Moscou, através da UNE, que para lá já enviou um de seus representantes, o estudante Nelson Vanuzzi, deverá participar, efetivamente, do Fórum Internacional da Juventude, através de uma delegação de 14 pessoas no mínimo. Durante o Fórum haverá uma parte dedicada aos estudantes, estando previstos importantes temas para serem debatidos tais como: direito à instrução superior e trabalho segundo a especialidade; democratização do ensino, reforma universitária, autonomia universitária; cooperação dos estudantes como outras camadas da juventude, cooperação do movimento estudantil internacional etc.

Em Budapeste

Em Budapeste a F.M.J.D. realizou importante reunião com representantes da América Latina. Nela, o tema principal debatido foi a próxima realização do Comitê Executivo daquela organização em Santiago do Chile e do qual participarão 155 organizações juvenis do mundo, sendo, aproximadamente, 50 da Europa e as demais dos países da Ásia, África e América Latina. Segundo o representante chileno, o jovem Emilio Rojo, «já vão bastante adiantados em Santiago os preparativos para a recepção aos delegados da juventude democrática do mundo inteiro».

O Brasil deverá comparecer à reunião de Santiago do Chile com uma expressiva delegação composta dos representantes de nossas principais organizações juvenis como a UNE e UBES, já convidadas.



Novo encontro

O verão de 1962 marcará o VII Festival Mundial da Juventude, desta feita em Helsinque. Também o Brasil se fará representar na capital finlandesa, onde poderá mostrar aos representantes dos jovens de todo o mundo alguns aspectos de nossa vida. Os patinadores da foto — Ira Mokhovaya e Valeri Meshkov — da URSS, exibiram-se em Moscou, no VI Festival

Estudantes do Nordeste Debatem Problemas da Região

Sob o patrocínio da UNE, Diretórios Centrais dos Estudantes das Universidades do Recife, Católica e Rural e da União Estadual de Pernambuco está se realizando em Recife o Seminário de Estudos do Nordeste. A reunião que se iniciou a 18 do corrente prolongar-se-á até dia 25, e conta com o co-patrocínio do «Jornal do Comércio» da capital pernambucana.

Participantes

Participam do Seminário os delegados das UUEE, da Região Nordeste (do Maranhão à Bahia), credenciados por suas entidades na qualidade de titulares (2 representando cada entidade) e expressivo número de colaboradores.

A UNE enviou uma delegação composta dos seguintes estudantes: Olivério Guanais (presidente do UUEE), Natánias Junior (1.º se-

cretário) e Carlos Mendes (assessor técnico).

Temário e conferências

O Seminário consta de discussões em comissões eleitas, reuniões plenárias e reuniões especiais para discutir um temário composto de 5 itens a saber: A) O Nordeste na Economia Nacional, B) Universidade e Região, C) Industrialização e Estrutura Agrária, D) Planejamento Educacional para o Nordeste, E) Condições de Existência do Homem do Nordeste, F) Recursos Naturais da Região.

Paralelamente ao Seminário está sendo realizado um ciclo de conferências que obedecem os mesmos temas do Seminário.

Convidados

Participam dos debates os seguintes convidados: Tema A: Celso Furtado, Paulo Maciel, Inácio Rangel, Raimundo Santana, Rômulo de Almeida, Diogo Nunes Gaspar. Tema B: Paulo Freire, Nilton Sucupira, Florestan Fernandes, Carlos Frederico Maciel, Fernando Mota. Tema C: Jader de Andrade, Edivaldo Boaventura, Moacyr Paixão, Costa Porto, Caio Prado Júnior. Tema D: Germano Coelho, Paulo Rosas, Paulo Freire, D. Eugênio Sales. Tema E: Germano Coelho, Antônio Baltar, Joaquim Ferreira, Mário Magalhães, D. Eugênio Sales.

Especialmente convidado participará do Tema E o sr. José Bonifácio, secretário da Agricultura do Estado de S. Paulo.

Entidades colaboradoras

Colaboraram para o êxito do Seminário os governos dos Estados de Pernambuco, Bahia, Sergipe,

Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão; as Prefeituras Municipais de Recife e Caruaru; o Movimento de Cultura Popular, Empresa Jornal do Comércio S.A., SUDENE, SESI, Banco do Nordeste, Instituto Joaquim Nabuco, CODEPE, SESC, Federação das Indústrias de Pernambuco, Assembleia Legislativa de Pernambuco, Retórias das Universidades do Recife, Rural e Católica de Pernambuco, e o Serviço Social.

Passeios

Durante a realização do Seminário os delegados estão participando de diferentes passeios e excursões, tais como: excursão turística a Recife e Olinda, visita à TV canal 2, à Fosforita Olinda S.A., Cia Poty, Sítio da Trindade (onde será feita uma exposição sobre o Movimento de Cultura Popular do Recife), passeio à praia das Candeias e Caruaru. Nesta cidade será feita uma exposição de arte regional, e haverá uma recepção oferecida pela Prefeitura Municipal.

Um grande baile a ser realizado no dia 25 encerrará o Seminário de Estudos do Nordeste.

A UNE

terá sua biblioteca

Dando cumprimento ao seu programa de desenvolvimento cultural, a UNE, através de sua Comissão de Educação e Cultura presidida pelo estudante José Comelli instalará brevemente em sua sede social uma biblioteca de assuntos educacionais e problemas nacionalistas.

A VERDADE SOBRE A "DOAÇÃO" DE EXCEDENTES — I

«Alimentos Para a Paz»: Rótulo Com Que os EUA Economizam Dólares

Otendendo um nome de efeitos publicitários — «Alimentos para a Paz» — a missão comercial que o presidente Kennedy mandou à América Latina deu aqui várias entrevistas à imprensa expondo um «programa de auxílio para matar a fome dos subdesenvolvidos». Os membros da missão andaram fazendo declarações tão pouco claras, oferecendo excedentes norte-americanos como «auxílio», que...

que os alimentos «não são de graça»:

«Será usado o sistema da Lei 480 — disse ele. O país compra os produtos pagando com a sua moeda. Parte desse dinheiro será emprestado a um órgão do governo — no caso do Brasil o BNDE — para resgate em 40 anos, em dólares.»

Além disso, tais «alimentos doados» consistem principalmente em trigo e milho e, em menor quantidade, farragem, banha e leite em pó. Isto por si só bastaria para explicar a recusa da Argentina e do México, o primeiro é próprio exportador de trigo e o segundo com uma produção suficiente para fazer frente ao consumo interno desse produto.

No caso do Brasil, os EUA só têm conseguido colocar seus excedentes de trigo, pois de milho nós próprios temos tido frequentemente excedentes, como ocorreu no ano passado e está previsto para este ano.

Resumo da Lei 480

A lei 480 — peça que fundamenta os Acórdos de Trigo pelos quais o Brasil já comprou quase 3 milhões de toneladas de excedentes dos EUA — foi aprovada pelo Congresso americano em 1954, «para incrementar o consumo de produtos agrícolas dos Estados Unidos

no estrangeiro», conforme esclarece sua emenda. Esta lei frisa, logo no seu Título I, que os EUA deverão fazer o possível para «reter seus excedentes, devendo o presidente (americano) tomar precauções para «salvaguardar os mercados usuais dos EUA», para que as vendas de excedentes «não prejudiquem os preços mundiais» (SEC 101, letra a) e para «desenvolver e expandir a demanda contínua de produtos agrícolas nos mercados estrangeiros» (SEC 101, letra c).

O Título II da Lei 480 prevê a doação de excedentes, mas apenas em casos de «emergência», «a fim de atender necessidades de socorro extraordinário». Doação, portanto, só em caso de calamidade, e o próprio presidente da missão «Alimentos para a Paz» tratou de esclarecer em suas entrevistas que «este não é o caso do Brasil».

Além disso, a doação ao estrangeiro só pode ser feita «desde que o presidente tome as devidas providências para evitar que tais transferências substituíam ou interfiram nas vendas que possam ser feitas» (SEC 202), segundo uma emenda de 1949, desde que os EUA obtenham «a garantia que julgar necessária de que os receptores não diminuirão suas despesas normais em alimentos em virtude de tal doação».

Um outro objetivo da lei 480 é «ajudar países amigos a se tornarem independentes do comércio com a URSS e com países dominados ou controlados pela URSS» (SEC 304).

Finalmente, vejamos, através do resumo da SEC 104 da Lei 184, em que serão utilizadas as moedas estrangeiras que os EUA obterão com a venda dos seus excedentes:

a) para desenvolver novos mercados para produtos agrícolas dos EUA;

b) para comprar materiais estratégicos ou outros para estocagem suplementar de tais materiais nos EUA;

c) «para obter equipamentos, materiais, instalações e serviços de natureza militar para a defesa comum»;

d) «para financiar a compra de materiais ou serviços para outras nações amigas»;

e) para empréstimos aos países com que os EUA tenham assinado acordos de venda de excedentes «desde que, contudo, nenhum empréstimo seja feito para a fabricação de qualquer produto a ser exportado para os EUA em competição com os produtos produzidos nos EUA ou para a fabricação de qualquer produto a ser comercializado em concorrência com produtos agrícolas ou produtos de outros Estados Unidos»;

f) «para pagar compromissos dos EUA no estrangeiro»;

g) em empréstimos para promover o comércio multilateral (ou seja, em dólares, em oposição ao bilateral, através de acordos de troca direta de mercadorias) e o desenvolvimento econômico;

h, i, j, k) para financiamento de atividades de intercâmbio cultural, de atividades do USIS, de tradução e publicações no estrangeiro, de pesquisa e divulgação científica e tecnológica;

l) para compra ou aluguel de sedes, edifícios, terras instalações no exterior, para uso do governo dos EUA;

m) participação em exposições industriais e agrícolas;

n) análise e avaliação de livros estrangeiros, sua classificação, aquisição, etc.

o, p) para expansão e funcionamento de escolas ou universidades fundadas ou patrocinadas por cidadãos americanos e manutenção de seminários e cátedras de



Presente que custa caro

Os «alimentos para a paz» não são de graça — declarou Mr. Symington. E pode ainda acontecer que os excedentes agrícolas cheguem deteriorados, como o célebre feijão podre importado pela COFAP, em 1959

estudos americanos ou técnicas educacionais norte-americanas;

q) para atender a situações de emergência que não demandem produtos alimentares excedentes, num total que não ultrapasse US\$ 5.000.000 durante um ano;

r) para preparo, distribuição e exibição de filmes informativos e educativos, inclusive oficiais.

A simples leitura destes itens torna evidente que a tão propaganda ajuda ao desenvolvimento com as moedas estrangeiras resultantes da venda dos excedentes (no Brasil, com os «cruzeiros do trigo») não passa de mistificação. Em suma, trata-se apenas de empregar essas moedas estrangeiras em atividades que, de outra forma, exi-

giriam a entrada de dólares nos países estrangeiros em que elas são exercidas. Isto se aplica perfeitamente aos famosos Acórdos de Trigo entre o Brasil e os EUA. Os «cruzeiros do trigo» entregues no BNDE, subordinados à cláusula da Lei 480 que impede sua aplicação em qualquer projeto que resulte em concorrência aos Estados Unidos, explicam em boa parte os vultosos empréstimos daquele órgão à «Light», à «Bond and Share», à «Anderson Clayton», etc. Além disso, os «Acórdos» estão ajudando a arrebentar com a triticultura gaúcha e, segundo declaração do próprio embaixador da Argentina nos EUA, sr. Barros Hurtado, estão prejudicando gravemente a triticultura na Argentina.

Não são de graça

Contudo, o próprio Mr. Symington, presidente da missão, interpellado por um repórter, esclareceu

Teoria e Prática

A Necessidade Objetiva do Partido Comunista

Há 4 séculos, as exigências do desenvolvimento social, o avanço das técnicas e as grandes descobertas marítimas punham na ordem-do-dia a necessidade de um novo tipo de relações sociais: as relações de produção capitalistas. A propriedade feudal e o sistema erigido sobre ela passavam a ser entraves à marcha da sociedade.

No entanto, as novas relações de produção não se impõem da noite para o dia. A burguesia moderna — escrevem Marx e Engels, no «Manifesto do Partido Comunista» — é o produto de uma série de revoluções sucessivas. E estas vão do terreno da produção, da técnica e dos transportes ao terreno final da vida política e da participação no Poder do Estado. Mesmo no domínio político, a classe dos capitalistas passa por toda uma gama de situações e conquistas parciais: força oprimida sob o despotismo feudal, com fechos de autonomia nas comunas e nas repúblicas municipais; força de equilíbrio, na fase de decomposição do feudalismo — e, logo após, pedra angular das monarquias absolutas; setor dirigente do Terceiro Estado e da massa ativa de cada nação constituída; classe dominante, nas sociedades modernas. O século XVI vê a revolução burguesa triunfar nos Países Baixos; o século XVII a vê impor-se e consolidar-se na Inglaterra; o século XVIII assiste à sua vitória radical nos Estados Unidos e na França. O grande século da burguesia é, porém, o século XIX, com a revolução industrial, a conquista generalizada do Poder político, a expansão do novo regime sobre a face inteira do planeta e a passagem final, na última década, ao domínio econômico e político dos monopólios. Nesse período, o capitalismo não se limita a marcar o caminho da revolução e do progresso: ele muda inteiramente a face do mundo e traz um ritmo novo, intensamente dinâmico, à transformação da sociedade. Revolucionaria a produção, multiplica as riquezas, empurra para o passado as classes da Idade Média, isola e campo, levanta as grandes cidades, cria o mercado mundial. Com todo o progresso, as necessidades novas que impõem ao surgimento do vapor e da máquina. Em apenas um século, a burguesia põe em movimento forças produtivas mais poderosas que todas as gerações passadas em seu conjunto e «cria maravilhas maiores que as pirâmides do Egito, os aquedutos romanos, as catedrais góticas»; «entrelaça homens, nações, continentes; submete os povos bárbaros à nações avançadas, os países agrários às potências industriais. Como distam Marx e Engels, é um magico arduz que evoca as potências mais profundas, para libertá-las e colocá-las a seu serviço.

Essa transformação multilateral faz-se, no entanto, a um preço demasiado alto. A burguesia é, nesse período, uma classe essencialmente revolucionária: mas é também uma classe exploradora que estende, múltipla e aprofunda, inapelavelmente, as formas de exploração, o desgaste e a desigualdade entre os homens. A essência de seu regime é a desenfiada caça ao lucro, o roubo da mais-valia. A sede de lucro está acima de todos os direitos e sentimentos — e marca o caminho das ciências e do destino das nações. Enquanto não há forças para detê-la, ela impõe a submissão ou a pilhagem, a liberdade relativa ou o terror declarado, a paz ou a guerra. Esse cálculo egoísta — distam Marx e Engels — é como uma cisterna gelada: nele se afogam o êxtase religioso, o entusiasmo cavaleiresco, o sentimentalismo pequeno-burguês. As relações de família ficam reduzidas a relações de dinheiro; a dignidade das funções a uma tabela de preços; o respeito à coletividade a uma farsa política.

No entanto, como todas as classes, a burguesia tem caráter histórico: surge, faz avançar a sociedade humana e deve ceder lugar a novas forças de progresso. Sua ação obedece às leis gerais do desenvolvimento social — e sofre, ainda, o impacto de suas próprias leis, como forma desenvolvida da economia mercantil. O grande motor interno da evolução são as contradições — e o capitalismo cria, como fonte de sua força e de sua própria existência, uma contradição fundamental inelutável: faz da propriedade privada e do domínio individual sobre os produtos o mais sagrado de todos os dogmas; ao mesmo tempo, porém, dá à antiga produção individual, de artesãos e de camponeses, um caráter eminentemente social. A produção se transforma — de cadeia de atos isolados — em cadeia de atos coletivos. Dezenas e centenas de milhares de operários multiplicam, diariamente, a riqueza dos patrões. Essa riqueza é, porém, tanto maior quanto menos recebem e quanto menos podem adquiri-las os seus próprios produtores, que formam o grosso da humanidade. A contradição entre a propriedade individual, a apropriação individual dos produtos — e o caráter social da produção leva à situação absurda em que os produtores da abundância não têm o que consumir. Como dizia Fourier, há 150 anos, «a superabundância converte-se em instrumento de penúria e de miséria». Daí, as crises de superprodução, a destruição das riquezas e dos bens de consumo num mundo de fome, subalimentação, desemprego — quando possível, de guerras devastadoras. A grande indústria, a técnica mais avançada vêm-se condenadas à paralisia parcial, forçadas a produzir menos do que podem e do que a sociedade necessita que produzam. O regime capitalista revela-se incapaz de continuar a reger suas próprias forças produtivas. O magico arduz — de que falavam Marx e Engels — já não domina as forças profundas que ele mesmo evocou e pôs em ação. Como o feudalismo, no passado, é agora ele que entrava a marcha da sociedade. A história põe na ordem-do-dia a necessidade de novas relações de produção — e a necessidade de harmonizar o regime de produção e o regime de apropriação — e de troca, dando um caráter também social à propriedade aos meios de produção. O sistema capitalista tornou-se estreito demais para conter as riquezas criadas em seu seio.

Só há uma classe e só há um modo para levar o povo à superação dessas contradições, à instauração da propriedade social sobre os meios de produção e à transformação do regime: a classe operária — e, com ela à frente, a luta de massas, organizada e consciente, contra o domínio econômico e político das forças do capital. Mesmo quando já condenadas pela história, as classes privilegiadas não abandonam o Poder sem luta. Contam, em sua resistência, com o Estado, os meios de repressão e propaganda, a força da tradição e do hábito. A luta de classes se faz, assim, sob todas as formas — da forma econômica à forma política e ideológica. Para levá-la até o fim, — até à instauração da mais avançada forma de democracia — a ditadura do proletariado — a classe operária necessita de seu Estado-Maior político, de seu partido marxista-leninista: uma vanguarda que se apoia numa teoria justa e avançada, no estudo e no contacto da vida real, nas aspirações e no movimento das massas populares; um partido revolucionário que alia, a seu profundo sentido de solidariedade internacional, seu caráter também profundo de força eminentemente nacional, essencialmente democrática e essencialmente unitária.

Essa missão vem sendo cumprida — e atestada, para comprová-lo, o caráter de nossa época e a nova face do mundo. Dentro de cada país capitalista, o proletariado organiza suas fileiras, ajuda a unir as forças do trabalho e do progresso, combina a luta nacional e democrática à luta final pelos objetivos socialistas. Sobre uma quarta parte do planeta, o socialismo abre caminho, a passos e planos de sete léguas, para uma sociedade nova e sem classes. O século XIX foi, portanto, ascendente e vitorioso, o século dos trabalhadores, manuais e intelectuais, sob a bandeira do marxismo-leninismo.

Dos Sindicatos Operários à Praça da República: Nasce o Partido Comunista

Em fins de 1921 as 9 colunas da primeira página do «Correio da Manhã» eram ocupadas por enorme título e o respectivo texto: UM CURIOSO BALANÇO DAS FORÇAS COMUNISTAS EM TODA A EUROPA. «Aderiram à Terceira Internacional de Moscou 51 partidos comunistas, com um total de 2.800.000 membros. Rússia 1.º lugar — 500 mil membros; Alemanha e Tchecoslováquia — 360.000 cada uma; França — 130.000...»

A notícia excitava a curiosidade dos anarquistas em sua habitual conversa no café, próximo a um sindicato operário.

— Você viu que força poderosa já são os comunistas na Europa?!

— É verdade. E nós?... Precisamos fundar também o nosso Partido...

— Sim, replicava um terceiro. Os argentinos já organizaram o seu há dois anos. No México, já funciona desde 1919 e o ano passado fundou-se o PC do Uruguai... O Brasil, que tem um proletariado muito mais numeroso do que todos eles, não tem ainda um partido comunista, numa época em que o regime bolchevista está consolidado...

— Sim, não podemos adiar mais. A tentativa anterior fracassou, mas agora temos condições para formar um partido comunista, intervém outro. Existem e atuam revolucionários não só aqui no Rio, como em São Paulo, em Niterói, no Recife, no Rio Grande do Sul, em Juiz de Fora...

— Vamos ver como será recebida nossa revista, acrescenta alguém.

MOVIMENTO COMUNISTA, revista mensal dos comunistas do Rio, começa a circular em janeiro de 1922. Então, as posições estão perfeitamente definidas. Há os que são pela organização de um partido comunista e os que se mantêm contrários. Alguns anarquistas de maior evidência, que se haviam mostrado simpáticos à revolução socialista na Rússia recuam; outros passam a atacar a revolução, Lenine, a III Internacional. MOVIMENTO COMUNISTA aparece como um divisor de águas, definindo posições e orientando os comunistas.

Os comunistas Um grupo de antigos anarquistas abandona em definitivo as fileiras desse movimento e abraça posições do marxismo. Seus dirigentes são homens jovens, todos operários, menos um, mas todos, sem exceção, frequentadores habi-

tuais dos sindicatos operários e dos cafés próximos, onde em geral começavam ou terminavam as assembleias sindicais.

As discussões, tanto nas sedes sindicais como nos cafés, em torno de uma mesa, e que duravam horas, amiludavam-se mais e mais, tendo agora um tema infalível: a fundação do partido comunista no Brasil.

Não era só a revolução bolchevista que estava consolidada, mostrando que o movimento operário no mundo mudara qualitativamente. Era a situação no Brasil que reclamava o partido revolucionário da classe operária. Como esquecer as poderosas greves de solidariedade à Rússia revolucionária agredida, nos anos de 1918 e 1919? Como esquecer aquele Primeiro de Maio de 18, na «Maison Moderne», onde 3.000 trabalhadores tinham dado vivas entusiastas à Rússia e bradado contra a intervenção estrangeira? Como esquecer a grandiosa parada de 60.000 trabalhadores em 1919, na Praça Mauá, numa demonstração de sentimento operário de solidariedade internacional?...

A única maneira de capitalizar estes sentimentos e estas ações em favor do proletariado era fundando o seu próprio partido.

A sucessão presidencial

A campanha da sucessão presidencial estava no auge: Artur Bernardes e Nilo Peçanha eram os dois candidatos. Surgira o caso das cartas atribuídas a Bernardes atacando o exército. Pretendiam os nilistas que competia ao exército resolver a questão da sucessão presidencial. Nem nilistas nem bernardistas depositavam a menor confiança no povo. As «eleições» só podiam ser decididas de duas formas: ou pela força das armas ou pela falsificação de atas eleitorais. A classe operária, para ambas as facções em luta, nada significava na prática. Mas, de maneira sintomática, naquele ano de 22, um dos candidatos lembrou-se de ir falar aos operários de São Paulo. O presidente do Estado, Washington Luis, não o permitiu. Seu discurso foi então publicado pelos jornais nilistas. A certa altura dizia o discurso: «Não é mais possível nenhum governo brasileiro deixar de respeitar, dentro da ordem, a liberdade operária, o pensamento operário, a associação operária, em toda a plenitude da nossa Constituição, como não é mais possível deixar de ver, nos dias de hoje, ao lado da velha Economia Poli-

tica de ontem, uma nova Economia Social a disciplinar centenas de instituições, de idéias e de forças até aqui inertes e ignoradas».

— O próprio Nilo rendeu-se à evidência, dizia-se. Não quero discutir se ele é sincero ou não. Reconheço a sua ressalva — «dentro da ordem», «de acordo com a Constituição» — uma Constituição feita pelos representantes do latifúndio e da burguesia. Mas, de todos os modos, é o reconhecimento expresso da força e da influência crescentes do proletariado no Brasil também...

— Lá isto é verdade, dizia outro.

— Mais um argumento, juntava um terceiro, de que não podemos mais adiar a fundação do partido comunista. Só ele será capaz de conduzir o proletariado pelo caminho de sua verdadeira libertação. Os outros partidos podem atrair-lo durante algum tempo, mas com o único objetivo de manter a ordem burguesa à sua custa, enganando-o, ludibriando-o com algumas vantagens parciais, que não representam a sua emancipação social...

A fundação do PCB

Em março de 1922 os dirigentes do grupo comunista do Rio não vacilaram mais. Escreveram a seus companheiros dos Estados convidando-os a virem ao Rio de Janeiro na segunda quinzena de março.

Os que tiveram recursos suficientes para fazê-lo, vieram. Todos eram operários, homens simples, modestos, alguns deles não sabiam perfeitamente o que queriam, tinham uma idéia vaga do socialismo, pouca ou nenhuma noção de como devia organizar-se um partido operário marxista, revolucionário, capaz de ser admitido na Internacional e de tornar-se a força motriz do movimento operário revolucionário no Brasil.

De 25 a 27 de março, reuniram-se em Congresso no Rio e em Niterói (para despistar a polícia), em sedes de sindicatos, nove pessoas, representando grupos comunistas do Rio, Niterói, São Paulo, Recife, Rio Grande do Sul. Herógenes Silva, líder operário de Cruzelândia; Joaquim Barbosa, alfaiate do Rio; José Elias, empregado do Rio; Abílio Nequete, barbeiro do Rio Grande do Sul; Cristiano Cordeiro, do grupo comunista do Recife; Manuel Cendon, alfaiate do Rio; João da Costa Pimenta, gráfico de São Paulo; Astragildo Pereira, jornalista, de há muito militante do movimento sindical,

frequentador assíduo dos cafés operários, representando os comunistas fluminenses; Luís Peres, vassoureiro, do Rio.

A primeira resolução dos representantes dos grupos comunistas (alguns, como os de Santos e Juiz de Fora, não tinham podido mandar delegados) foi simples e decisiva: desde aquela data ficava fundado o Partido Comunista do Brasil — esta a sua denominação oficial.

Pode-se imaginar com que entusiasmo estes revolucionários cantaram, a plenos pulmões, a versão portuguesa do Hino dos Trabalhadores: a Internacional! De pé, ó vítimas da fome! De pé, famélicos da terra!

As discussões do Congresso, que tomaram três dias, terminaram com a adoção de várias resoluções, entre as quais as mais importantes eram:

— Aprovar os estatutos dando ao Partido caráter de organização nacional, para todo o Brasil. A classe operária estava radicada em todo o país; era natural que onde quer que houvesse operários — nas fábricas, nas oficinas, nos portos, nas vias-ferreas — aí estivesse o Partido. Foi o PCB o primeiro partido a ter realmente uma organização nacional, pois os partidos das classes dominantes tinham feição puramente local, estadual, regional, divididos por dissensões internas, por ambições pessoais, por mesquinhas interesses de grupos.

— Outra resolução básica: criar uma Direção Nacional, isto é, um centro dirigente único. Era o penhor da unificação das fileiras do proletariado revolucionário, numa organização revolucionária, para objetivos revolucionários.

— E, finalmente, uma terceira resolução essencial e definidora do caráter internacionalista do partido: sua adesão à III Internacional, a Internacional Comunista, que congregava todos os autênticos partidos operários marxistas.

Terminado o Congresso, os Estatutos foram legalmente registrados. Alugou-se a seguir uma sede: Praça da República, esquina com a rua da Constituição, no coração do Rio, portanto. Era um sobrado.

Assim nasceu o Partido Comunista do Brasil: no seio dos sindicatos operários. Sua sede seria fechada poucos meses mais tarde, após o primeiro 5 de julho. Mas esta já é outra história.

DOIS ANOS QUE REPRESENTARAM MUITO NA VIDA DO POVO BRASILEIRO

PCB na Legalidade Foi Escola de Democracia



Anistia! Anistia! Nas praças os comícios, nos muros as inscrições. Liberdade! Democracia! Naqueles primeiros meses do ano de 1945 o povo ganhava as ruas para festejar a vitória contra o fascismo que já se anunciava. Ganhava as ruas pela primeira vez depois de 8 anos de ditadura, para exigir liberdade, democracia, eleições. Ia às praças exigir o restabelecimento da legalidade para os partidos políticos, a anistia para todos os dirigentes políticos que se encontravam nas prisões.

Com a vitória definitiva contra o fascismo, veio também, no Brasil, o restabelecimento das liberdades democráticas e a convocação das eleições para a Assembleia Constituinte e a presidência da República. Em maio foram libertados os presos políticos, entre eles o secretário-geral do Partido Comunista do Brasil, Luiz Carlos Prestes. Com a anistia, a liberdade de organização para os partidos políticos, entre eles o Partido Comunista.

De 1945 a 1947, os comunistas tiveram o seu Partido na legalidade. Durante esses dois anos contribuíram decisivamente para a consolidação da nova situação democrática no país, participaram ativamente, através da discussão pública e com a atividade de seus parlamentares eleitos a 5 de dezembro de 1945, na elaboração da Constituição que hoje rege os destinos do Brasil. Através de sua organização, da mobilização das grandes massas nas maiores cidades do país e nos centros do Interior, contribuíram também decisivamente para levar ao povo os métodos de ação democrática, para fazê-lo participar ativa e dinamicamente da vida política cujo processo se reinstaurava no país. Partido ligado estreitamente ao povo, respondendo aos seus anseios de progresso e liberdade, viu suas fileiras crescerem rapidamente nos primeiros tempos de vida legal, seu prestígio se firmar nos grandes centros operários do país e aparecer como representação política legítima dos interesses do proletariado nas assembleias e no parlamento do país.

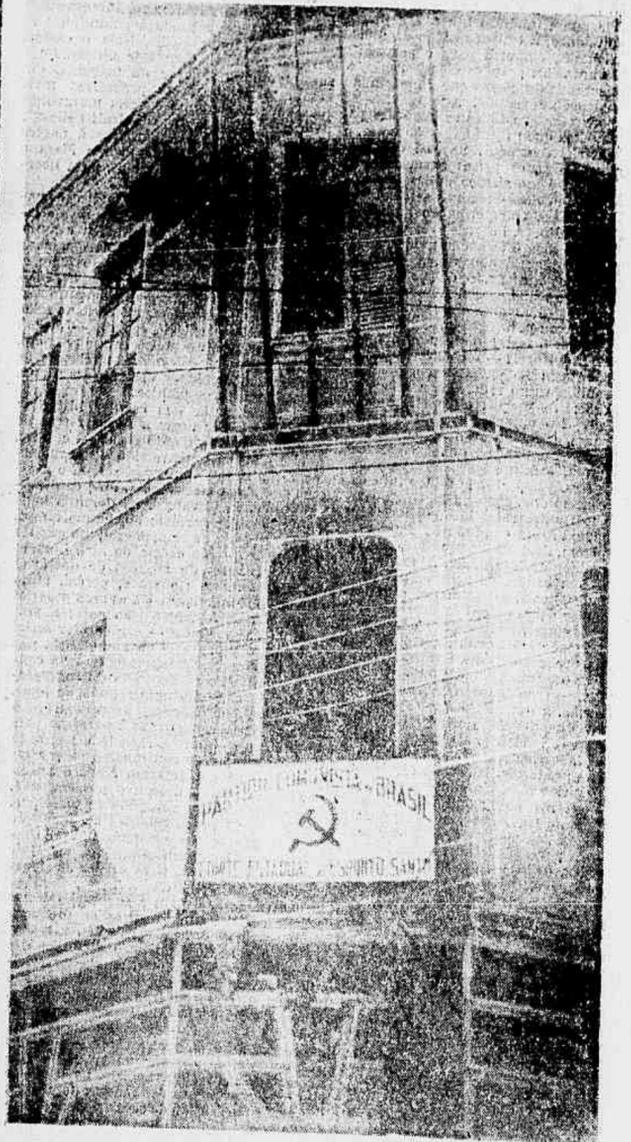
Nas eleições de 1945, apresentou um candidato próprio à presidência da República, que obteve mais de 10% dos votos depositados nas urnas no dia 5 de dezembro: mais de 500 mil sufrágios. Elegeram uma bancada de 16 deputados federais, dos quais 9 eram traba-

lhadores. Prestes foi eleito senador pelo Distrito Federal, a Guanabara de hoje, obtendo uma votação consagrada. Era o primeiro partido do Rio de Janeiro, onde elegeu 18 vereadores e o terceiro no Estado de São Paulo (11 deputados estaduais), onde marchava rapidamente para se tornar o primeiro.

Durante o período da legalidade, os comunistas contribuíram excepcionalmente para aliviar lódas as campanhas políticas, realizando grandes concentrações populares e comícios em todo o país. Manifestações realizadas em São Paulo (foto ao alto) tiveram a participação de centenas de milhares de pessoas. Numerosos comícios com a participação de mais de uma centena de milhares de pessoas foram realizados no Rio de Janeiro (foto abaixo). As sedes do Partido (fotos ao lado, à direita) se constituíram em verdadeiras casas do povo, onde se realizavam festas, eram organizados cursos de alfabetização de adultos, se ensinava e se estimulava no povo a prática da de-

mocracia. Através de sua organização, os comunistas contribuíram sobremaneira para aumentar o contingente de eleitores no país. Nesse sentido realizavam campanhas permanentes de alistamento eleitoral, atingindo a todos os setores da população, sem discriminação de ordem política ou ideológica.

Postos na ilegalidade em virtude de um ato reacionário e fascista do governo Dutra, inspirado e estimulado pelo desencadeamento da guerra fria, os comunistas receberam, entretanto, durante os pleitos municipais realizados no país após a ato do governo, verdadeira manifestação de confiança do povo, principalmente em São Paulo, onde obtiveram a maioria da Câmara Municipal da Capital e elegeram numerosos vereadores em cidades do Interior. Esse voto revela que a participação anterior dos comunistas, legalmente, na atividade política do país foi profundamente benéfica para o aperfeiçoamento e para a popularização das instituições democráticas no país.



NOVOS RUMOS